UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ODACYR ROBERTH MOURA DA SILVA

TRAJETÓRIAS DE VIDA E MUDANÇA DE IDENTIDADE SEXUAL: QUANDO NÃO SE ENCONTRA O POTE DE OURO NO FINAL DO ARCO-ÍRIS

VITÓRIA
2017

ODACYR ROBERTH MOURA DA SILVA

TRAJETÓRIAS DE VIDA E MUDANÇA DE IDENTIDADE SEXUAL: QUANDO NÃO SE ENCONTRA O POTE DE OURO NO FINAL DO ARCO-ÍRIS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia sob a orientação da Profª. Drª Maria Cristina Smith Menandro e co-orientação da Drª Rebeca Valadão Bussinger.

CNPq

VITÓRIA

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S586t

Silva, Odacyr Roberth Moura da, 1990-
Trajetórias de vida e mudança de identidade sexual : quando não se encontra o pote de ouro no final do arco-íris / Odacyr Roberth Moura da Silva. – 2017.
120 f.

Orientador: Maria Cristina Smith Menandro.
Coorientador: Rebeca Valadão Bussinger.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Homossexualidade - Narrativas pessoais. 2. Mudança. 3. Preconceitos. 4. Identidade sexual. I. Menandro, Maria Cristina Smith, 1962-. II. Bussinger, Rebeca Valadão, 1977. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 159.9

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGP

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA DO ALUNO ODACYR ROBERTH MOURA DA SILVA

Aos vinte e três dias do mês de junho de dois mil e dezessete, às quatorze horas, na sala 101 do Ed. Prof. Lídio de Souza (PPGP/CCHN/UFES), campus de Goiabeiras, em Vitória (ES), reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos Professores Drª. Zeidi Araujo Trindade (PPGP/UFES), Dr. Marco Aurélio Máximo Prado (UFMG) e, na qualidade de presidente da Comissão, a Drª. Rebeca Valadão Bussinger (Pós-Doutoranda do PPGP) para a sessão pública da defesa de Dissertação de Mestrado de **Odacyr Roberth Moura da Silva**, intitulada: "**Trajetórias de vida e mudança de identidade sexual: quando não se encontra o pote de ouro no final do arco-íris**", sob a orientação da Profª. Drª. Maria Cristina Smith Menandro. Realizada a arguição, a defesa foi dada por encerrada às dezesseis horas e os membros da Banca reunidos decidiram pela aprovação da Dissertação do aluno. Por fim, a presidente da sessão alertou que o aluno somente terá direito ao título de Mestre após entrega da versão final de sua dissertação, em papel e meio digital, à Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Nada mais havendo a acrescentar, eu, Drª. Rebeca Valadão Bussinger, lavrei esta ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da Banca Examinadora e pelo mestrando.

Drª. **Rebeca Valadão Bussinger** – Pós-doc/PPGP (Coorientadora/ UFES)

Profª. Drª. **Zeidi Araujo Trindade** (PPGP/UFES)

Prof. Dr. **Marco Aurélio Máximo Prado** (UFMG)

Mestrando **Odacyr Roberth Moura da Silva**

Av. Fernando Ferrari, 514. Vitória – ES – CEP: 29075-910. Campus de Goiaberas Tel.:4009-2501
E-mail: ppgp.ufes@gmail.com.

Dedico esta dissertação aos meus pais que, embora não soubessem o que é um mestrado (tenho uma vaga impressão que ainda não sabem), confiaram em mim e sempre estiveram a postos para me apoiar.

Aos gays que são vítimas de palavras, olhares e ações de cunho discriminatório, que são levados a acreditar que ser homossexual é a pior coisa do mundo. Saibam que a pior coisa do mundo é não cultivar o amor.

Às pessoas que declararam ter mudado de identidade sexual, que são cotidianamente questionados e desacreditados sobre sua decisão. Àqueles que os interpelam e por isto as excluem, meu sonoro NÃO à toda forma de opressão.

X♥

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi conhecer as trajetórias de vida de indivíduos que alegaram ter mudado sua identidade sexual de homossexual para heterossexual. Especificamente, buscou-se analisar fatores desencadeantes e consequências da descoberta e abandono da homossexualidade, bem como compreender a diversidade de experiências relacionadas à vida familiar, social e religiosa na trajetória de vida destes sujeitos. Trata-se de um estudo exploratório, qualitativo, de corte transversal. Participaram quatro indivíduos do sexo masculino, maiores de dezoito anos, que declararam ter mudado de identidade sexual. A amostragem foi intencional e delimitada a partir dos critérios de diversificação interna e de saturação empírica. Os participantes foram localizados através da técnica bola de neve. O instrumento utilizado foi uma entrevista narrativa seguido de um roteiro semiestruturado de entrevista. Para a análise dos dados utilizou-se o método fenomenológico para investigação psicológica, que revelou seis unidades de significado: Contexto para a "produção" da homossexualidade; situações de preconceito; experiências afetivas/sexuais; descoberta e vivência da homossexualidade; contexto da reorientação sexual; incômodo com o termo ex-gay; transformações ocorridas em outros aspectos da vida. O preconceito foi o fenômeno encontrado na base das principais transformações ocorridas, embora nem sempre tenha sido admitido ou interpretado como algo negativo pelos participantes. Eles apontaram a insatisfação com estilo de vida gay como o principal fator propulsor da mudança da identidade sexual. Percebeu-se uma forte internalização de representações de cunho religioso sobre a homossexualidade, compreendida por eles como um desvio da sexualidade natural e sadia. A internalização destas representações propiciou a criação de uma identidade social negativada para estes indivíduos enquanto homossexuais. A mudança da identidade sexual foi significada por eles como uma melhor valoração social, maior auto aceitação, além de potencializar a possibilidade de desenvolver uma vida plena e feliz segundo o modelo heteronormativo, que eles acreditam ser o único legítimo e verdadeiro para se vivenciar a sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade. Mudança. Preconceito. História de vida. Identidade sexual.

ABSTRACT

This master thesis aims to know life trajectories of individuals who who claimed to have changed their sexual identity from homosexual to heterosexual. Specifically, it was analyzed triggering factors and consequences of the discovery and abandonment of homosexuality, as well as to understand the diversity of experiences related to family, social and religious life in the life trajectory of these subjects. This is an exploratory, qualitative, cross-sectional study, which had the participation of four males, over 18 years old, who declared that they had changed their sexual identity. The sampling process was intentional and delimited from internal diversification and empirical saturation criteria. Participants were located through snowball technique. The instrument was based on a narrative interview and a semi-structured interview script. For data analysis, the phenomenological method was used for psychological investigation, which revealed six units of meaning: Context for the "production" of homosexuality; Situations of prejudice; Affective/sexual experiences; Discovery and experience of homosexuality; Context of sexual reorientation; Uncomfortable with the term ex-gay; Changes in other aspects of life. Prejudice was the phenomenon found on the basis of main transformations that occurred, although it was not always admitted or interpreted as something negative by participants. They pointed to dissatisfaction with gay lifestyle as the main driver of the change of sexual identity. There was a strong internalization of religious representations about homosexuality, understood by them as a deviation from natural and healthy sexuality. The internalization of these representations provided the creation of a negative social identity for these individuals as homosexuals. The transition from homosexual to heterosexual status meant for them a better social valuation, greater self-acceptance, as well as potentializing the possibility of developing a full and happy life according to heteronormative model, which they believe to be the only legitimate and true way to live the sexuality.

KEYWORDS: Homossexuality. Change. Prejudice. Life Story. Sexual Identity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 7
1.1 REORIENTAÇÃO SEXUAL, PSICOLOGIA E CONFLITO INTERGRUPAL..... 12
2. OBJETIVOS..... 20
2.1 OBJETIVO GERAL 20
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 20
3. MÉTODO 21
4 RESULTADOS 28
4.1 A TRAJETÓRIA DE VIDA E MUDANÇA DE JUNIOR..... 29
4.2 A TRAJETÓRIA DE VIDA E MUDANÇA DE HENRIQUE.....40
4.3 A TRAJETÓRIA DE VIDA E MUDANÇA DE CARLOS DANIEL 55
4.4 A TRAJETÓRIA DE VIDA E MUDANÇA DE RAFAEL.....62
5 DISCUSSÃO 71
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 102
REFERÊNCIAS 106
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... 114
APÊNDICE B – Instrumento 116

1 INTRODUÇÃO

Embora o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo date de períodos remotos, não há consenso entre os pesquisadores acerca do seu primeiro registro na história da humanidade. Fogel, Lane e Liebert (1989), por exemplo, apontam que os primeiros escritos que revelavam tais práticas remontam à Dinastia Egípcia, em 2500 a.C, enquanto Guimarães (2009) vai mais longe, trazendo relatos de experiências entre Oros e Seti em 4500 a.C. Outros registros foram encontrados na Grécia Antiga e no Império Romano, onde o sexo entre homens era considerado comum, desde que fosse vivenciada dentro dos limites culturalmente estabelecidos (Richards, 1995).

Ao discorrer sobre a vida afetivo-sexual das minorias na Idade Média, Richards (1995) apresenta um panorama da trajetória do ato sexual entre sujeitos do mesmo sexo ao longo do tempo, discutindo elementos históricos e contextuais que permitem compreender como uma mesma prática pode ser concebida de modos diferentes de acordo com a época e o lugar. O autor explica que foi no contexto da Idade Média que o cristianismo passou a exercer controle não apenas sobre o sexo entre pares de iguais, mas sobre toda forma de comportamento sexual. A Igreja, que dominava de forma absoluta a vida espiritual e moral da sociedade neste período, “tomou a iniciativa de especificar que atos sexuais as pessoas poderiam se permitir e de regulamentar onde, quando e com quem o sexo poderia ter lugar” (p. 33). Com este posicionamento, a Igreja procurava circunscrever a prática sexual ao casamento heterossexual, exclusivamente para fins de procriação. Até mesmo o homem heterossexual que procurasse sua esposa unicamente para obter prazer, era considerado pecador. O cristianismo foi, desde seus primórdios, uma religião negativa em relação ao sexo, já que, de acordo com a visão cosmológica e doutrinária que o norteia, o sexo desvia o indivíduo de sua verdadeira missão na terra, que é a busca da perfeição espiritual. Neste sentido, a limitação do

sexo a fins reprodutivos auxiliaria o sujeito a alcançar a purificação do espírito através da transcendência da carne. O resgate histórico realizado pelo autor, ao situar o leitor no tempo e no espaço, auxilia na compreensão do significado que a prática entre pessoas do mesmo sexo possui na atualidade.

Ribeiro (2005) ressalva que, embora os registros nos permitam identificar a presença de práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo ao longo da história da humanidade desde os tempos remotos, eles não permitem que se afirme que essas práticas equivalham ao que hoje se entende por homossexualidade.

O termo "homossexualidade" foi utilizado pela primeira vez em 1869 por Karl-Maria Kertbeny, aplicado à homens e mulheres (Guimarães, 2009). Ele deriva do grego e do latim, onde *homos* significa semelhante e *sexus* é relativo à sexualidade. Por mostrar-se menos comprometido com conceitos religiosos e morais, aos poucos o termo homossexualidade foi substituindo expressões usadas até então, tais como pecado nefando, sodomia, pederastia, tocamento desonesto, sujidade, dentre outras (Ribeiro, 2005).

Se por um lado a invenção do termo "homossexual" diminui a carga de representações negativas trazidas pela religião, por outro coloca este indivíduo na qualidade de doente. Segundo Nunan (2003), quando a homossexualidade passou a ser categorizada como uma patologia, começaram a surgir vários mecanismos que buscavam promover a cura destes indivíduos, dentre eles a abstinência, a hipnose e até intervenções cirúrgicas. Desta forma, "a sexualidade, que poderia representar a diversidade, acabou por se converter em um destino aprisionante, particularmente para aqueles que, tal como os homossexuais, apresentam uma sexualidade considerada desviante" (Nunan, 2003, p. 36).

Ao final do século XIX, as sexualidades consideradas periféricas, incluindo-se aí a homossexualidade, sofreram severo controle social e passaram a ser monitoradas por meio do que Foucault (1976/2015) nomeou de aparelhos de vigilância, baseados em mecanismos

disciplinares. Esta nova forma de poder exercido sobre as sexualidades que fugiam da heteronorma ocasionou a incorporação das perversões e a nova especificação dos sujeitos, criando estigmas e reforçando preconceitos. Neste sentido, Ceccarelli e Franco (2010) afirmam que

> O preconceito social que estigmatiza e rotula o homossexual até os dias de hoje é um produto da ideologia evolucionista burguesa, na qual se criou uma crença em uma vivência sexual "normal" e "civilizada", a partir do momento em que o sexo se transformou em elemento político e social relevante para a época. O instinto sexual ligado diretamente à palavra "sexo" passa a ter uma finalidade única. Todas as relações e condutas que fugissem a essa finalidade eram consideradas perversas e antinaturais (p. 123-124).

Em meio a inúmeras lutas de grupos em situação de exclusão social surgidas no século XX por direitos políticos e sociais emerge também a busca por reconhecimento e visibilidade social dos homossexuais. O movimento homossexual começou a se fortalecer e ganhar forma ainda na segunda metade do século XX. No entanto, se por um lado o movimento colocava em cheque vários pressupostos científicos que davam *status* de doença à homossexualidade, por outro, era complacente à ideia da existência de uma identidade homossexual. Este modo de ser homossexual, partilhado pelo grupo, alcançou importância tanto subjetiva quanto política (Saggese, 2009).

O uso do termo gay[1] ficou por muito tempo restrito aos guetos americanos, sendo gradativamente disseminado no meio homossexual (Green, 2000). Guimarães (2009) afirma

---

[1] Originalmente representando "alegre", o termo gay passou por vários processos de ressignificação, estando relacionado tanto à vícios e diversão quanto à prostitutas e homens que faziam sexo com muitas mulheres. Entre as décadas de 1920 e 1930, gay também passou a designar homens que faziam sexo com homens. Na década de 1950, o termo homossexual foi sendo substituído pelo termo gay devido à carga patologizante trazida pelo

que a expressão se difundiu depois do episódio de Stonewall[2], em junho de 1969, na cidade de Nova York, assentado nos movimentos de liberação homossexual, surgindo como forma de dissipar o cunho psiquiátrico que carregava o termo “homossexual”. “Gay”, ocupa, desta forma, uma função de militância e de desestigmatização do indivíduo homossexual.

Apesar da luta pelo direito de ter sua humanidade legitimada, sempre existiram e ainda existem inúmeras expressões utilizadas para associar a homossexualidade a práticas maléficas para a sociedade, como desvio, sodomia, pecado nefando, crime contra a natureza, doença, viadagem, frescura, dentre outras. O resultado disto é a reprodução social do grau de reprovação à homossexualidade, o que reforça a legitimação e a naturalização de crenças e discursos que favorecem a preservação das práticas preconceituosas no seio da sociedade (Guimarães, 2009). E não faltam evidências de que a homossexualidade continua sendo vista com maus olhos e reprimida na nossa sociedade.

O último Relatório de Violência Homofóbica aponta que em 2013 foram realizadas 1.965 denúncias de 3.398 violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 1.906 vítimas e 2.461 suspeitos (Brasil, 2016). Estes números, todavia, não refletem fidedignamente a realidade, tal como ela é, tendo em vista a grande dificuldade de geração de estatísticas oficiais no Brasil. O próprio relatório reconhece que a violência direcionada à população LGBT é subnotificada e aponta como uma das possíveis causas para esta subnotificação a ausência de um marco legal que regulamente a punição de atos de natureza homofóbica. A despeito disto, os números encontrados por este levantamento traçam um preocupante cenário

---

primeiro. No Brasil, gay é utilizado como sinônimo de homossexual masculino. Em outros países, como o Canadá, por exemplo, homossexual refere-se a um comportamento, enquanto gay diz respeito a uma identidade (Altaf, Troccoli & Moreira, 2013).

[2] Em 27 de junho de 1969, os homossexuais que frequentavam o bar gay The Stonewall Inn (localizado em Nova York) se revoltaram contra as constantes batidas policiais e realizaram uma rebelião que durou 5 dias. Um ano depois, para comemorar a realização do motim, surge a passeata do Orgulho Gay, estabelecendo um marco histórico do aparecimento público de gays nos Estados Unidos. Atualmente, em várias partes do mundo realizam-se eventos do orgulho gay, geralmente no final do mês de junho, em menção ao episódio ocorrido em Stonewall.

da violência homofóbica no Brasil: dos casos reportados, 5,22 pessoas foram vítimas de deste tipo de violência por dia no país em 2013.

Segundo Saggese (2009), dados de pesquisas recentes apontam que fora do círculo familiar, o ambiente escolar tem sido um dos espaços onde a homofobia está mais presente. Um levantamento realizado na Parada de Orgulho LGBT em 2004 constatou que 64,8% dos 629 entrevistados já sofreram algum tipo de discriminação motivada pela orientação sexual. Surpreendentemente, o lugar onde os sujeitos relataram sofrer mais discriminação foi no grupo de amigos e vizinhos (33,5%) e no interior da própria família (27%). Neste levantamento, a escola ficou em terceiro lugar, com 26,8% de relatos de discriminação (Carrara & Ramos, 2005). Os autores assumem, entretanto, que quando as vítimas são mais jovens, a discriminação no âmbito educacional assume proporções epidêmicas, tendo em vista que 40,4% dos entrevistados entre 15 e 18 anos de idade e 31,3% dos que haviam entre 19 e 21 anos foram afetados por discriminações na faculdade ou na escola.

Apesar de ambientes religiosos serem mencionados como espaços de discriminação por 20,5% dos participantes da pesquisa acima (Carrara & Ramos, 2005), a literatura vem apontando que a religião está muito mais presente na manutenção de práticas homofóbicas do que se supõe. Um estudo realizado por Natividade e Oliveira (2013) analisa os discursos de religiosos publicados em blog de personalidades cristãs e em sites de igrejas no Brasil sobre a diversidade sexual. Nesses discursos estavam inseridas informações que desqualificavam, com base em uma interpretação conservadora e fundamentalista do código moral e doutrinário cristão, todas as formas de vivência sexual que não a heterossexual. Este discurso que reforça estereótipos e o preconceito criando/mantendo aversão aos homossexuais com base em dogmas religiosos foi nomeado pelos autores de homofobia religiosa, e é expressado, cotidianamente, através de pregações nas igrejas, folhetos e livros religiosos, programas televisivos, etc. Nos últimos anos, tais práticas discursivas vem ganhando cada vez mais

espaço a ponto de influenciar o rumo das políticas públicas no país, visando a redução dos direitos da população LGBT.

Constata-se, desta forma, que a homofobia pode ocorrer em qualquer esfera da vida do indivíduo que se assume gay, seja acadêmica, familiar, religiosa, laboral, etc.. O intrigante é que os espaços que mais deveriam desenvolver a função de amparo afetivo e emocional são os que têm se mostrado mais hostis, deixando o indivíduo ainda mais vulnerável emocionalmente. Carrara e Ramos (2005) chegaram à conclusão que a grande ocorrência de vivências de cunho discriminatório e violento provocadas pela orientação sexual "assevera a impressão de que a homofobia se reproduz de múltiplas formas – algumas mais sutis, outras mais abertas ou violentas – e em proporções muito significativas na nossa sociedade" (p. 75). Diante desta realidade, bombardeados por todos os lados, buscar modificar sua identidade sexual pode ter sido a saída encontrada por alguns indivíduos para resistir ao preconceito, exclusão e a violência vivenciados diariamente pelo simples fato de não se adequarem às normas sexuais hegemônicas.

1.1 Reorientação sexual, psicologia e conflito intergrupal

As pessoas podem intencionalmente mudar sua orientação sexual? Esta é questão central do estudo realizado por Becksted (2012), que buscou traçar um panorama geral da produção acerca da reorientação sexual, incluindo aí a história das primeiras intervenções realizadas, os avanços obtidos nas tentativas de alteração da orientação sexual e as pesquisas que buscaram verificar a validade dos métodos utilizados e dos resultados obtidos em trabalhos desta natureza. Estudos discutidos pelo autor (Friedman & Downey, 2002; King, Smith, & Bartlett, 2004 citados por Becksted, 2012) apontam que alguns indivíduos buscaram a "cura" da sua não-heterossexualidade porque foram ensinados pela sociedade a se ver de

forma pejorativa. Outros estudos (Beckstead & Morrow, 2004; Shidlo & Schroeder, 2002 citados por Becksted, 2012) indicam como causa do desejo de mudança as vantagens sociais que se possui ao ser heterossexual e, até mesmo, a fuga de estímulos aversivos (estresse, limitações) que podem advir da assunção de uma identidade não-heterossexual.

Os sentimentos negativos suscitados em relação ao próprio grupo e o desejo de fazer parte de outro grupo que possua valor positivo perante a sociedade é explicado pela Teoria da Identidade Social, desenvolvida por Tajfel (1982). Segundo o autor, o sentimento de pertença a determinado grupo, ou seja, a percepção do grupo próprio em distinção de um grupo alheio, se apoia naquilo que ele chama de identidade social. A identidade social trata-se do reconhecimento que o indivíduo possui de pertencer determinados grupos sociais e do valor e significados emocionais atribuídos a esta pertença.

As identidades, desta forma, são construídas através das diferenças, por meio de processos de identificação e estranhamento, pelo modo como o outro é representado e como eu sou representado com base na diferenciação em relação ao outro. A elaboração da identidade sexual, uma das múltiplas constituições identitárias que dá substância à identidade social do indivíduo, não acontece de forma diferente. A identidade sexual refere-se a uma construção que ocorre ao longo da vida do indivíduo, baseada em um conjunto de experiências, práticas cotidianas relacionadas ao prazer, à intimidade e às expressões amorosas, e conserva características que o possibilita pertencer a determinado grupo cultural (Pinho & Pulcino, 2016).

> Assim, em relação ao critério da identidade sexual, as pessoas homossexuais são um grupo de comparação relevante para as pessoas heterossexuais e podem, por definição, ser percebidos pelo grupo heterossexual dominante, como uma ameaça à distintividade intergrupal, uma vez que violam as expectativas indexadas aos papéis tradicionais de

> gênero. O preconceito homofóbico dirigido às pessoas homossexuais, por parte das pessoas heterossexuais, ao permitir aumentar a clareza das fronteiras grupais ("nós" por oposição a "eles"), assegura a distintividade intergrupal, contribuindo para fomentar a positividade da identidade social dos membros do grupo heterossexual dominante (Gomes & Serôdio, 2014, p. 218).

Tajfel (1983) acredita que quando um grupo não fornece condições adequadas para que se mantenha uma identidade social positiva, a tendência do indivíduo é abandoná-lo psicologicamente e/ou objetivamente. A este abandono do grupo, Tajfel dá o nome de mobilidade social. Nos termos deste estudo, poderia se dizer que o sujeito que antes se identificava como homossexual, ao perceber ser mais viável mudar de posição social enquanto indivíduo que enquanto grupo, movimenta-se para outra posição social (valorativamente melhor em muitos aspectos), passando a se identificar com o grupo heterossexual.

O valor social negativo atribuído aos homossexuais tem suas raízes no preconceito histórico direcionado a esta minoria sexual. Em um estudo sobre a natureza do preconceito, Allport (1979) definiu o termo preconceito como sendo uma atitude hostil, baseada na generalização, direcionada a um sujeito que pertence a outro grupo, pelo simples fato de ele fazer parte deste grupo. O preconceituoso presume que aquele indivíduo possui as características censuráveis que são atribuídas ao grupo do qual ele faz parte e utiliza-se do preconceito para manter um status de vantagem do seu grupo majoritário. O autor lista alguns comportamentos prejudiciais estimulados pelo preconceito, que podem evoluir em cinco estágios: (1) comentários negativos, falando mal, fazendo piadas desagradáveis, depreciando verbalmente; (2) esquiva, quando não se suporta estar na presença de um indivíduo que faz parte de determinado grupo; (3) discriminação, quando se nega o acesso a oportunidades,

produtos e serviços, tais como emprego, educação, saúde, moradia; (4) ataque físico, através de linchamento, destruição de patrimônio, etc.; (5) exterminação, o grau extremo que o preconceito pode alcançar.

Costa, Bandeira e Nardi (2015) reconhecem que é impossível discutir o preconceito contra orientações não heterossexuais no Brasil sem levar em consideração o preconceito direcionado às expressões de gênero que se desviam das já hegemonicamente estabelecidas. Isso significa que, se um homem, seja homossexual ou heterossexual, no contexto brasileiro, manifesta comportamentos culturalmente considerados femininos, será alvo preferencial de preconceito. Isso nos leva a questionar a função dos papéis de gênero na vida destes indivíduos, como se constituem as masculinidades e as feminilidades e como isso afeta no processo de formação de identidade. Carneiro (2006), ao problematizar o desenvolvimento psicológico da identidade homossexual, afirma que:

> As representações sócio-culturais e ideológicas do “masculino” e do “feminino” travam, como dissemos, relação indissociável com estereótipos que interferem, recorrente e negativamente, com as sexualidades “não-normativas” e que decorrem dos mecanismos heterossexistas e homofóbicos que sobre “outras” sexualidades recaem. Estas representações são apropriadas no percurso identitário da pessoa, radicando nesta apropriação uma desvalorização de si enquanto sexualmente “diferente” que se prende, muitas vezes, com o sentido de que se é “menos homem” ou “menos mulher” porque gay ou porque lésbica (p. 135).

Throckmorton (2002) acredita que apesar da orientação sexual não ser um fenômeno fácil de definir ou mensurar, a mudança ao longo do tempo não é teoricamente infundada e possui precedentes empíricos. Spitzer (2003) realizou um estudo quantitativo utilizando

entrevista estruturada através de ligações telefônicas com 200 participantes (57 mulheres e 143 homens) que passaram por alguma terapia de reorientação sexual e que relataram haver pelo menos uma mínima mudança na sua orientação sexual de homossexual para heterossexual há pelo menos 5 anos. Os resultados mostram que a maioria dos participantes passou de majoritariamente ou exclusivamente homossexual um ano antes da realização da terapia para majoritariamente ou exclusivamente heterossexual no ano anterior à realização da entrevista, e, embora fosse incomum, também havia relatos de mudança completa (exclusivamente homossexual para exclusivamente heterossexual). As mulheres relataram uma mudança significativamente maior em relação aos homens. Ao contrário de estudos realizados anteriormente, que focavam em um ou outro aspecto específico da sexualidade, as mudanças surgidas nestes participantes ocorreram em vários aspectos da sexualidade, considerados centrais pelo autor, abrangendo atração sexual, excitação, fantasia, desejo e incômodo por sentimentos homossexuais. Além dos benefícios sexuais, os participantes relataram ter percebido com a terapia reparativa mudanças não-sexuais como diminuição da depressão ou um maior senso de masculinidade entre os homens e de feminilidade entre as mulheres. Spitzer chega à conclusão que é possível tanto um homem quanto uma mulher mudarem sua orientação sexual com auxílio da terapia reparativa. Apesar de seus dados terem permitido realizar esta dedução, o autor ressalva que também existe a possibilidade de que os entrevistados tenham construído narrativas autoenganosas ou mesmo mentido sobre os efeitos da terapia, embora acredite que isso pouco tenha ocorrido.

Em 2012, nove anos após a publicação deste estudo, Sptizer escreve uma carta de retratação no mesmo periódico onde foi publicado. Nesta carta, ele diz que o estudo foi falho e pede desculpas aos homossexuais que desperdiçaram tempo buscando a cura em alguma forma de terapia reparativa, já que realizou afirmações não comprovadas da eficácia da mesma. Assumiu que o erro fatal do estudo estava no simples fato de não poder confirmar se

as narrativas elaboradas pelos participantes eram credíveis e se as mudanças relatadas por eles eram válidas (Drescher, 2015).

Se por um lado a APA não aponta qualquer possibilidade de reorientação sexual, por outro lado também não a nega completamente. Jones e Yarhouse (2011) constataram uma sutil alteração no posicionamento da Associação em relação a esta questão. Os autores afirmam que durante anos houve um consenso entre os profissionais da psicologia de que a orientação sexual era imutável, sendo absoluta a resposta que a APA mantinha em sua página sobre a (im)possibilidade de alterar a orientação sexual através da terapia: "Não... Homossexualidade não é uma doença. Ela não requer tratamento e não é mutável" (APA, 2005 citada por Jones & Yarhouse, 2011). Em 2009, no entanto, buscando fornecer respostas terapêuticas apropriadas à orientação sexual, a APA em alguns pontos do relatório mostrou uma posição agnóstica em relação à reorientação sexual, chegando a afirmar em certo instante que "uma mudança duradoura para a orientação sexual de um indivíduo é incomum" (APA, 2009, p. 2). Os autores entendem que incomum não é impossível.

Em 2013, o Conselho Federal de Psicologia brasileiro, publicou em seu site um manifesto acerca do projeto de decreto legislativo nº 234, de 2011, (popularmente conhecido como projeto da "cura gay") que tramitava no Congresso Nacional, e que tinha por objetivo revogar a resolução CFP 001/99 que "Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual.". A nota dizia que a tramitação do projeto retomava discussões obsoletas e vencidas e alimentava o preconceito e a discriminação. Reiterou que a homossexualidade não é uma doença, distúrbio, nem perversão e que o Conselho não retira do psicólogo o direito de tratar homossexuais, contanto que este não lide com o assunto como se tratasse de uma doença (Conselho Federal de Psicologia, 2013).

De fato, desde 1975 a homossexualidade já não é mais considerada doença pela APA. Outras organizações também já despatologizaram a homossexualidade há décadas, tais como

a Associação Americana de Psiquiatria em 1973, o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais, em 1987 e a Organização Mundial de Saúde, através do CID-10, em 1993. Apesar disto, “esta celebrada despatologização da homossexualidade, não foi capaz de resolver todas as questões que longos anos de pertença a códigos punitivos, listagens de aberrações e perversões e finalmente a um repertório nosológico ‘cientificamente’ estipulado, tinham instalado” (Leal, 2004). Apesar de não dar conta de resolver toda problemática que envolve a questão, a retirada da homossexualidade dos manuais de patologia contribuiu para a conquista de reconhecidos avanços, tanto no âmbito das discussões sociais quanto na luta por acesso a direitos civis dos quais esta parcela da sociedade era privada apenas por ser homossexual.

Em uma sociedade que abarca tanto sujeitos que compreendem a homossexualidade como doença ou pecado quanto indivíduos que lutam para que as diversidades sexuais sejam aceitas, conhecer a trajetória de vida de quem já esteve na condição de homossexual e que se assume atualmente como heterossexual torna-se relevante à medida em que nos auxilia na compreensão de processos de subjetivação das normas sociais hegemônicas. Ou seja, sendo a sociedade predominantemente heteronormativa, analisar os modos como a masculinidade foi introjetada, significada e ressignificada em cada sujeito que passou pela mudança pode contribuir com a diminuição do preconceito direcionado à orientação sexual do indivíduo, seja ela qual for.

Assim, conforme aponta Matias (2007), o papel da psicologia no que tange às múltiplas formas de se vivenciar a sexualidade é rejeitar os mitos baseados em fundamentalismos e acolher a realidade plural. O autor ainda reafirma a urgência de se discutir temas sobre esta pluralidade, não raramente deixadas em segundo plano ou tratadas de forma radical.

Neste sentido, a Resolução CFP 001/2009 orienta que é dever do psicólogo "contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas" (Conselho Federal de Psicologia, 1999, p. 2). A mesma resolução também veda aos psicólogos o exercício de quaisquer atividades que promovam a patologização de comportamentos e práticas homoeróticas, inclusive proíbe a participação em eventos e serviços que promovam o tratamento e cura das homossexualidades.

Temos em vista que nenhuma orientação sexual – seja homossexual, assexual, bissexual ou heterossexual – requer, por si só, tratamento, já que não se trata de uma patologia. O que pode motivar necessidade de cuidados com a saúde emocional deste público são as condições adversas presentes no ambiente em que eles estão inseridos, ambiente este eivado pelo estigma e a discriminação (Montoya, 2006).

O problema central presente neste estudo pode ser definido nos seguintes termos: O que significa para um indivíduo deixar a condição homossexual para assumir a identidade heterossexual? Que fatores são indicados como intervenientes por pessoas que afirmam viver tal experiência?

Nossos esforços se concentraram em oferecer subsídio para o aumento da compreensão em relação à condição desses indivíduos e suas situações sociais tendo sempre em vista o respeito pela diversidade. A realização deste estudo pode ser útil não apenas por mapear vivências e sentimentos dos indivíduos que alegam ter mudado de identidade sexual, mas também por buscar compreender como eles reagiram e reagem a todo um aparato social de preconceito e discriminação.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Conhecer trajetórias de vida de indivíduos que alegam ter mudado de identidade sexual e analisar os fatores apontados como importantes para o processo de mudança.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar e analisar fatores desencadeantes para a descoberta da homossexualidade;
- Identificar e analisar fatores desencadeantes para a alegada mudança da homossexualidade para heterossexualidade;
- Caracterizar experiências relacionadas à vida familiar, social e religiosa na trajetória de vida de indivíduos que afirmaram ter mudado de identidade sexual;
- Observar e analisar as consequências geradas pela decisão da mudança da identidade sexual no âmbito individual, familiar e social.

3 MÉTODO

Trata-se de estudo exploratório, de corte transversal, sob a forma de estudo de casos múltiplos. Visando atender aos objetivos propostos, adotou-se nesta investigação uma abordagem qualitativa para coleta e tratamento dos dados. Sobre o escopo da pesquisa qualitativa, Gaskell (2013, p. 68) afirma que ela não procura "contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro das opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão". Desta forma, o número de participantes não foi considerado como fator relevante para nossos propósitos.

Participaram deste estudo 4 indivíduos do sexo masculino, com idade superior a 18 anos que declararam ter sua identidade sexual alterada de homossexual para heterossexual. A amostragem utilizada foi intencional. O interesse do estudo foi se aproximar o máximo possível da compreensão da realidade na qual os indivíduos que passaram por esta transição estão submersos. A realização de entrevista com este quantitativo de participantes foi suficiente para trazer informações relevantes capazes de responder aos objetivos da pesquisa. Para a definição final do número de entrevistados, a amostra foi delimitada a partir dos critérios de diversificação interna e de saturação empírica.

De acordo com Pires (2012) a diversificação interna ou intragrupo, ao contrário da externa que busca escolher os mais diversos sujeitos possíveis, objetiva apresentar um retrato global de uma questão partindo apenas do interior de um grupo restrito e homogêneo de sujeitos. Ela refere-se mais a um estudo exaustivo de um grupo limitado que a um panorama geral de um grupo heterogêneo, optando, assim pela descrição em profundidade em detrimento à comparação. Este procedimento faz parte do processo de saturação empírica, que permite a interrupção da coleta de dados quando o pesquisador julga que há repetição ou redundância na fala dos últimos entrevistados, de forma que se torna possível deduzir que a

continuidade da coleta não trará novas informações que justifiquem o aumento do material empírico.

Os participantes foram localizados a partir de contatos do pesquisador responsável por esta pesquisa e de indicação de terceiros. Eles foram contatados via mensagens pelo aplicativo Whatsapp, em que o pesquisador se identificava, apresentava os objetivos da pesquisa ao candidato e realizava o convite para participar do estudo. Nos casos em que o candidato não se dispunha a participar, o pesquisador pedia indicação de sujeitos com o perfil procurado. Nos casos em que o candidato aceitou participar, foi combinado dia e horário para a realização da entrevista. As entrevistas foram realizadas em diversos locais, de acordo com cada participante: uma foi realizada no domicílio do participante, duas nas dependências da igreja e uma na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O local da coleta foi escolhido pelo participante, e privilegiou-se a escolha de um espaço confortável para que ele se expressasse e também que permitisse a manutenção da tranquilidade e do sigilo. Como critérios de inclusão, foram selecionados sujeitos que alegaram ter mudado de identidade sexual há pelo menos seis meses, e que se consideraram emocionalmente equilibrados diante do tema abordado.

O instrumento utilizado na coleta dados foi dividido em duas seções (apêndice A). A primeira teve como inspiração os pressupostos metodológicos da entrevista narrativa, enquanto que a segunda teve como base um roteiro semiestruturado de entrevista.

A entrevista narrativa é uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade. Tem como objetivo criar um cenário que estimule o informante a narrar a história sobre algum evento significativo da sua vida ou do contexto onde ele está inserido. Ao não pré-estruturar a entrevista, obtém-se uma versão menos imposta dos dados e acessa-se o fenômeno de maneira mais direta (Jovchelovitch & Bauer, 2013).

A escolha deste tipo de abordagem surge do interesse de compreender melhor os processos de descoberta e abandono da homossexualidade a partir da narração da história de vida, possibilitando, assim, a reconstrução de acontecimentos sociais com base na perspectiva dos informantes. Gibbs (2009) salienta que este é um método que funciona muito bem, principalmente se o informante tiver que narrar experiências de algum momento decisivo da vida, como por exemplo, divórcio, conversão religiosa ou nascimento de um filho.

Esta pesquisa tem como preceito o respeito por todos os critérios éticos previstos em pesquisas com seres humanos. No momento da coleta, todos os candidatos realizaram a leitura do TCLE, onde estão resguardadas todas as questões éticas, conforme a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (atualização da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde). O termo foi assinado em duas vias (permanecendo uma com o informante) e a entrevista iniciada.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2013), a entrevista narrativa transcorre por quatro fases: a iniciação (produção do tópico inicial para a narração), a narração central (sem interrupções do entrevistador), a fase de perguntas (visando dar uma textura mais consistente à narrativa central) e a fala conclusiva (conversa descontraída). Seguindo a orientação dos autores, um panorama da investigação foi apresentado ao informante e solicitado a ele permissão para gravar a entrevista. As fases e procedimentos da entrevista narrativa foram suscintamente explicados. Em seguida, foi introduzido o tópico inicial da narrativa, um tópico disparador onde o sujeito contava livremente a história que, segundo ele, justificasse a mudança da identidade sexual. A narração não foi interrompida em momento algum, e o pesquisador apenas deu sinais de encorajamento e escuta atenta. Neste momento, algumas notas foram tomadas para serem usadas nas fases seguintes. Quando o informante deu claros sinais de que a narração central chegou ao fim, a entrevista passou para fase de questionamentos para completar as lacunas da história.

É necessário ressaltar que todas as questões surgidas foram realizadas utilizando as palavras do informante. Perguntas que incentivam racionalizações ou justificativas só foram realizadas na última etapa. Após a finalização da narrativa, avançou-se para a segunda parte do instrumento, que é a entrevista semiestruturada, buscando abarcar todas as informações sobre a vida do participante que não foram contempladas na narrativa principal.

Para a análise dos dados foi utilizado o método fenomenológico, que segundo Gomes (1989, p. 102)

> busca descobrir na realidade em foco os padrões constitutivos e estáveis, e suas variações transitórias ou periféricas. Sua confirmação enquanto análise está na habilidade de estabelecer e captar um sentido dialogal entre pessoas que compartilham, momentaneamente, interseções vivenciais. Suas contribuições não se restringem ao descritivo, mas abarcam indicações de transferibilidade se ações se fazem necessárias.

Os dados foram organizados segundo as cinco fases indicadas por Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento (2007), a saber: (1) transcrição literal da entrevista; (2) determinação das unidades de significado; (3) distribuição das falas nas unidades de significado; (4) padronização da linguagem; (5) transformação das unidades de significado em uma estrutura.

A primeira fase da análise dos dados consistiu na transcrição das entrevistas gravadas. A transcrição foi integral e literal, com a inclusão de características paralinguísticas salientes (tom de voz, ritmo da fala, pausas prolongadas, etc.), possibilitando lançar luz sobre o significado e não apenas o conteúdo das histórias. As entrevistas foram transcritas pelo pesquisador responsável logo depois de encerradas.

Após a leitura exaustiva da transcrição, temas expressivos e comuns existentes na experiência vivida pelos informantes foram localizados e, a partir deles, foram definidas as unidades de significado. Foram elas:

a) **Contexto para a "produção" da homossexualidade**. Esta unidade traz elementos apontados pelos entrevistados como causadores da homossexualidade, tanto nos homossexuais, de uma forma geral, quanto em si próprios. É uma tentativa de explicar como e porque as pessoas (inclusive eles) se 'tornam" gays.

b) **Situações de preconceito**. Esta unidade trata das situações de preconceito vivenciadas pelos entrevistados tanto quando eram homossexuais como na atual condição sexual.

c) **Experiências afetivas/sexuais**. Aqui se encontram todas as experiências afetivas e/ou sexuais vivenciadas pelos entrevistados. Estão incluídas as experiências que envolveram violência (abusos sexuais), as voluntárias, as homossexuais e as heterossexuais.

d) **Descoberta e vivência da homossexualidade**. Esta unidade trata do processo de descoberta da homossexualidade e a "saída do armário" (*coming out*), das consequências da assunção de uma identidade homossexual.

e) **Contexto da reorientação sexual.** Nesta unidade de significado foram alocados os conteúdos que diziam respeito aos fatores que contribuíram para a mudança da identidade sexual, à explicação de como e porque a mudança ocorreu e às consequências desta mudança na vida dos indivíduos.

f) **Incômodo com o termo "ex-gay"**. Embora não estivesse no roteiro, houve participantes que demonstraram desconforto em relação a serem chamados de ex-gays. Nesta unidade, foram reunidas as justificativas pela não concordância com o

uso do termo para se referir a pessoas que passam da condição de homossexual para a de heterossexual.

g) **Transformações ocorridas em outros aspectos da vida**. Para além das questões sexuais, esta unidade trata das mudanças ocorridas nas relações sociais, nos ciclos de amizade, nas relações familiares e também das expectativas de transformações em relação ao futuro.

Alguns conteúdos das entrevistas se relacionaram a uma ou mais unidades de significado. Também se faz necessário mencionar que estas são unidades de significado que manifestaram nas entrevistas como um todo. Ou seja, não necessariamente de todas as entrevistas emergiram todas unidades.

Após a etapa da organização das falas em unidades de significado, os relatos dos informantes foram distribuídos entre as unidades de significado, preservando a fala literal, porém, não necessariamente na ordem em que foram verbalizadas. Na próxima fase, as falas foram convertidas em um relato na terceira pessoa parcialmente padronizado. Alguns fragmentos da fala literal foram incluídos. Uma vez realizada a redução à essência de cada unidade de significação, avançou-se à etapa seguinte. Na última fase, um texto único abarcando todos os temas classificados como relevantes para este estudo foi produzido, articulando as unidades de significado.

O produto final de uma análise fenomenológica científica, de acordo com Giorgi (2012) não se resume apenas à "estrutura essencial", mas além dela, se refere às suas correspondências com as manifestações plurais de uma identidade essencial, visto que, no que concerne à interpretação dos resultados utilizando este método, "o que importa nas estruturas não são tanto as partes como tais, mas as relações que elas estabelecem entre si" (p.402). Por este motivo, o texto final de cada participante foi organizado com base em uma ordem

cronológica dos fatos, visando a criação de uma estrutura que facilitasse a compreensão dos resultados por parte do leitor.

Após a análise dos resultados e sua apresentação na forma de estruturas, procedeu-se à discussão tendo como aporte teorizações da Psicologia Social, especialmente sobre preconceito.

4 RESULTADOS

O quadro 1 foi elaborado com o intuito de apresentar uma caracterização geral dos entrevistados. Com base em preceitos da ética em pesquisa com humanos, foram utilizados nomes fictícios para garantir o anonimato dos participantes. Eles tiveram a oportunidade de escolher seus próprios nomes fictícios.

Quadro 1

Conhecendo os participantes

	Junior	**Henrique**	**Carlos Daniel**	**Rafael**
Idade	36 anos	49 anos	32 anos	25 anos
Tempo que permaneceu gay assumidamente	14 anos	10 meses	20 anos	14 anos
Tempo de decisão de abandono da homossexualidade	5 anos	23 anos	5 anos	2 anos
Estado relacional atual	Casado (4 anos)	Solteiro	Noivo	Namorando
Filhos? (quantos)	1	0	0	0
Escolaridade (formação)	Superior completo/Pós-graduação	Superior completo/Pós-graduação	Superior completo	Ensino Fundamental
Ocupação	Técnico de informática E Pastor	Missionário	Assistente social	Escrevente substituto
Classe social (autodeclarada)	Média	Média	Média	Baixa
Cor	Branco	Pardo	Pardo	Pardo
Religião	Cristão/ evangélico	Cristão/ evangélico	Cristão/ evangélico	Cristão/ evangélico

4.1 A trajetória de vida e mudança de Junior[3]

Junior possui 35 anos, é casado, possui uma filha. Se percebe como branco, classe-média e divide seu tempo trabalhando como técnico de informática e pastor. Possui pós-graduação, é cristão/evangélico e frequenta os rituais da sua religião 3 vezes por semana ou mais. Vivenciou experiências homossexuais por 14 anos aproximadamente (entre os 17 e os 31), mas viveu sua homossexualidade abertamente somente após o fim do seu primeiro casamento, aos 28 anos. Em 2010, iniciou um "processo de cura e libertação" e em 2011, deixou definitivamente a homossexualidade. Reside em Governador Valadares com sua esposa e sua filha.

Junior nasceu em 1980, sendo o caçula de um casal que já possuía cinco filhas. Acredita que ter sido criado nesta configuração familiar tenha moldado sua forma de ver o mundo "um pouco diferente" das outras pessoas. Sua mãe, Adelina, "não sabia lidar com a criação de um menino, de um homem, sendo que ela criou a vida inteira só meninas".

Tampouco o pai, que era bastante ausente para as questões de casa, saberia lidar com a criação de um menino. A ideia que o pai de Junior possuía de cuidado era "de que a mulher deveria cuidar dos filhos e ele ficava responsável por trazer o alimento pra casa". Quando procuravam carinho, Antônio mantinha certa distância dos filhos, especialmente de Junior, que buscava sempre estar por perto, conversar. A relação "era sempre muito superficial", mesmo quando ele brincava e interagia com os filhos. "Eu não tinha carinho nem afeto vindo do meu pai e era algo que eu queria muito. Sempre ficava ali, buscando a atenção dele e não tinha. Eh... e aí eu fui me desenvolvendo".

---

[3] A entrevista do participante Junior foi integralmente acompanhada pela sua irmã. Ele solicitou a presença de alguém que pudesse ser "testemunha" do que ele estava falando.

Junior atribui o desenvolvimento de alguns traços “delicados” no seu comportamento a este contexto predominantemente feminino que ele foi criado. Estes “trejeitos mais delicados que os outros meninos da escola” fez com que ele sofresse constantes agressões verbais por parte dos colegas, que sempre o colocavam “pra baixo” dizendo que ele “parecia com uma menininha”, “com uma bichinha”.

Desde criança Junior sofria *bullying*. O “cabelo muito liso”, cortado “redondinho”, os “traços muito delicados”, o “rostinho gordinho” compunham uma fisionomia que “acabava atraindo curiosidade”. Essa violência começou na infância, na escola, e o acompanhou até o ensino médio “e ia se tornando cada vez pior, porque os meninos na época, sabia que eu tinha aquela curiosidade de olhar os outros meninos”.

Para Junior, a homossexualidade de modo geral “ é 100% comportamental”. Todas as suas experiências o levaram crer que a homossexualidade não é “nascimento e nem genética, que ainda a ciência não pôde comprovar 100% *ainda* com eficácia isso”.

Junior interpreta seu relacionamento com outros homens como a busca pela figura paterna. **“**Eu buscava o carinho, eu buscava o afeto que meu pai não me dava”. Acredita que faltou “equilíbrio” na sua “formação”: “precisa da firmeza do pai, da doçura, do carinho, do cuidado da mãe”.

Além disso, Junior não teve nenhuma “referência masculina” durante sua “formação”. Adelina, muito “zelosa”, muito “cuidadosa”, não deixava ele solto para procurar esta “referência masculina” em primos, vizinhos ou outros homens com quem ele poderia conviver cotidianamente. Tudo era “regrado”. Junior “era 100% monitorado”. A este comportamento da mãe, ele dá o nome de “superproteção”.

Quando criança, o desejo que tinha era de “ver um homem nu”. “Eu tinha desejo de ver um homem pelado. Buscava isso no meu pai. Não tinha. Aí, foi surgindo a curiosidade. E

aí, a curiosidade foi matada com esta pessoa, com este cara que me abusou, e aí foi o start pra eu poder começar".

Na fase dos 12 para os 14 anos, Junior ainda não sabia o que era sexo. Nem na escola e nem na família informações sobre este assunto não circulavam. Aos 12 anos Junior sofreu um abuso sexual por parte de um vizinho mais velho, que tinha em torno de 40 anos. Este "processo de sedução", o "assédio" já durava algum tempo, antes de culminar na violência. Após o abuso, Junior ficou "com muita raiva", "muita revolta". O abusador, então, disse para ele "olha, você não pode ser bichinha não; cê tem que gostar de homem e de mulher". Por "medo, vergonha", Junior não teve voz para denunciar.

A fala do abusador "desencadeou uma revolta e um caminho duplo" dentro de Junior, onde ele entendeu que poderia "trilhar pelos dois caminhos" que não teria "problema nenhum". A partir daí, Junior começou a se "relacionar tanto com homens quanto com mulheres".

Desde os 13 anos Junior já trabalhava e fazia curso profissionalizante. Também ajudava nas tarefas domésticas, pois gostava de estar sempre acompanhando a mãe. A partir dos 14, 15 anos, Junior começou a se interessar em sair e pulava o muro e fugia para ir "pras festas", onde bebia e fumava.

Até os 17 anos Junior não havia se relacionado com ninguém, apesar de ter "vontades". Aos 17 anos ele namorou com uma moça, que, tempos depois, descobriu ser lésbica. Ela disse para ele "olha a gente tem muita coisa em comum". A partir desta descoberta, Junior sentiu-se "perdido", confuso, pois desde o abuso, nunca havia tido relações com outro homem, apenas desejo, mas que era algo "oculto", que "não tinha dado vazão, extravasado".

> Aos 17 anos ela me chamou pra ir na casa de um jovem ao qual eu comentei "olha, achei fulano muito bonito". E aí ela falou assim "Eu conheço! Vamos lá na casa...Vamos lá na casa dele!". Aí eu fui. E aí começou a desencadear a minha descoberta homossexual, aonde, ali, eu tive meu primeiro contato, aonde eu tive as iniciativas, aonde eu toquei, fui tocado, aonde aconteceu pela primeira vez ali. E daí eu precisava de algo para poder encobrir a homossexualidade. Pensei "Eu não posso declarar, não posso revelar".

Possuindo uma namorada lésbica que o acobertava, Junior começou a “ter namoros paralelos”. Esta situação o deixava confortável, pois poderia continuar tranquilamente “no armário”. Contudo, diante desta situação, Junior se questionava se era ou não era gay, devido a ambiguidade de seus relacionamentos. Com homens, ele tinha relações sexuais e com a mulher, ele criou uma figura de respeito: “é como se eu tivesse uma defesa, um bloqueio em mim que não deixava eu avançar”.

Nesta época, quando Junior vivia seu lado homossexual escondido da sociedade, ele trabalhava em uma loja onde, após o expediente, se encontrava com um rapaz, às escondidas. Certa vez, o vizinho de cima escutou a porta sendo aberta, ligou para o dono da loja, que o surpreendeu em uma “situação difícil”. Isso fez com que Junior rompesse este primeiro relacionamento homossexual, em meio a discussões, “questão de perseguição, de ódio, de amor...”.

Mesmo com o término deste primeiro relacionamento homossexual, Junior “ainda continuava em busca de uma figura de homem que cobrisse aquela imagem lá atrás” do seu pai. Durante o período da adolescência, Junior vivia uma “vida dupla”:

> (...) Vinha pra igreja, pregava, cantava, e ia pra rua. E ia pra zona. Então era essa a vida minha. Eu não tinha vida. Minha vida era demonstrar pros outros uma coisa que eu não era. Eu tinha que demonstrar pros outros algo que eu não era. Eu tinha que defender uma máscara, era como se fosse uma dupla personalidade, ou tripla, não sei. Em cada ambiente, igual camaleão. (...) Então, ia nessa. E mentiras, né...Era uma mentira atrás da outra, porque eu mantia relacionamentos na época com uma menina e com dois homens ao mesmo tempo, e conseguia manter". "Boa parte da minha vida foi um grande... Engano, né?

Aos 18 anos, sofrendo pressões por todos os lados, Junior foi levado a interromper a carreira de pastor que ia seguir, e "abrir o jogo". Mesmo a maioria das suas irmãs querendo que ele saísse de casa, continuou morando na casa dos pais por intercessão da sua mãe, que disse "se ele sair, eu saio junto". "Mas continuei com a minha vida do meu jeito, né? Não do jeito que a minha família queria, não do jeito que meus pais queriam".

Aos 23 anos, ele experimenta pela primeira vez a relação sexual com mulher. Ao perceber que "o negócio é bom, o negócio é gostoso", é como se lhe abrisse "uma janela". Devido à sua imaturidade, ele não sabe como lidar com isso e continua com a vida dupla, se relacionando com homens e mulheres simultaneamente.

Aos 24 anos se casa com uma moça, pensando que isso seria a solução dos seus problemas, e permanece casado por 4 anos: "casei direitinho, consegui segurar esta questão do meu outro lado, a questão do homossexualismo latente dentro de mim".

Uma vez, Junior participou de um congresso da Exodus Brasil, um grupo que trabalha em prol da "cura" da homossexualidade, e trouxe o material para a casa, disse para sua esposa que trabalharia com aquele público e perguntou se estava disposta a ajudar. Diante desta situação, sua esposa o interpelou "cê vai trabalhar com este povinho, com essas bichinhas?".

Junior respondeu-a negativamente e a partir daquele momento, se trancou. Mesmo a esposa sabendo de tudo sobre sua sexualidade e aceitando-se casar com ele apesar disto, tinha "vergonha" do pai e de outras pessoas da família ficarem sabendo.

Recebendo uma opinião tão áspera e "imatura" de sua esposa, "uma chave" "se abriu" dentro de Junior, fazendo com que todo o desejo até então represado, tudo que ele "havia lutado e conquistado e mantido, fosse por água abaixo", pois a opinião de sua esposa acerca de si "tinha muito peso". "Naquele momento ali eu descobri que eu tava sozinho de novo. 'Não tem ninguém'. Veio a sensação de uma criança abandonada na violência lá atrás. Eu fui violentado novamente. E voltei".

De volta à homossexualidade, Junior começa a procurar por outro parceiro na internet e, por estar casado, acredita que não terá problemas, pois o "casamento gera um certo sigilo". Se envolve com outro homem e durante dois anos permanece casado com a esposa e com este sujeito, dividindo o tempo entre um e outro.

Com o passar do tempo, uma testemunha de casamento soube da situação de duplicidade que Junior vivia, e mesmo esta pessoa preferindo ocultar, ele tomou a decisão de sair de "cima do muro". A partir deste momento, ele bateu no peito, levantou a cabeça e disse "Pera aí, deixa eu assumir este negócio. Agora, vai ser de vez".

Contou tudo para sua esposa e foi morar com este homem. O relacionamento ainda durou cerca de 1 ano e meio, no qual por poucas vezes Junior foi fiel: "veio a infidelidade, veio eu a confessar as minhas traições e veio o término".

Junior se considerava – principalmente em relação aos relacionamentos amorosos – um sujeito manipulador, que "usava as pessoas", que lidava com os outros "como se fosse objeto". Em todos os seus relacionamentos, exceto o último, ele "saía fugido".

Com o fim do seu primeiro namoro com homem após um casamento heterossexual e a chegada da sua solteirice, Junior se sentiu livre para assumir sua sexualidade para a sociedade:

“Pera aí, agora, eu já assumi, eu tenho uma identidade gay, eu sou gay, pronto! Ninguém tem nada a ver com isso”.

Tempos depois, conheceu Fernando e começou a se relacionar com ele. A família deste rapaz o recebeu muito bem, dando abertura para o relacionamento dos dois. Eles alugaram um apartamento e foram morar juntos, e faziam planos para se casar em breve, tendo, inclusive, já contratado a promotora da festa. Com ele, Junior descobriu que era possível ser fiel. Porém, conforme o passar do tempo, Junior foi percebendo em Fernando, além de um vício em substâncias psicoativas, um comportamento “extremamente possessivo”.

Junior julga “interessante” a postura da sua família em “repelir” seu companheiro. Isso o levou a refletir “Pera aí: onde eu estou? Onde minha família está? E o quê que é... o quê que é a vida?”. E o fato de a família de Fernando o acolher tão bem e de sua própria família não receber Fernando de modo algum, causava nele uma “confusão mental muito grande”.

Certo dia, Fernando convidou Junior para ir ao bar. Diante de uma negativa, Fernando o deixou sozinho no apartamento e saiu. Quando ele se foi, Junior pegou seu telefone e ligou para Judite, uma senhora missionária, esposa de um pastor com o qual ele já havia trabalhado e perguntou se podia ir até a casa dela. Com a afirmativa, Junior foi, e chegou chorando na casa dela: “é que eu tava com tanta dor, de rejeição, de me sentir sozinho, de opressões dentro de mim, de não me sentir bem com aquela vida que eu tava vivendo, mas totalmente fora daquilo que eu fui criado. Porque o Espírito Santo de Deus começou a me incomodar”.

Chegando lá, a missionária abriu a Bíblia e começou a falar para Junior. Ele, então, começou a entrar em desespero, e ela, vendo isso, orou por ele e naquele instante Junior saiu de lá com a decisão de deixar a homossexualidade: "Vou deixar. Não quero saber mais disso".

Assim que chega em casa, e conforme o tempo passa, Junior reelabora aquela experiência e pensa: "O quê? Vou ficar do jeito que eu tô. Ninguém tem nada a ver com a

minha vida. Passou. Foi uma crise". E, de fato, passou. Após este episódio, o relacionamento ainda durou mais 4 meses.

No final do ano, Junior ganhou um DVD da pastora Ludmila Ferber de presente no amigo oculto da empresa. Apesar de, inicialmente achar o presente “sem noção”, começou a ouvir. Fernando começa a afrontá-lo e aquilo que ele estava ouvindo. Junior pensou “e agora, o que eu vou fazer?”. Começou, então, a escutar escondido e voltou a orar, dizendo: “Deus, se o Senhor existe, o Senhor vai me tirar dessa. Se o Senhor existe, Senhor vai me dar força pra eu poder sair dessa vida. Mas sair mesmo. Não quero ficar indo e voltando, oscilando. Não quero isso. Não quero isso pro meu coração". A esta altura da vida, Junior não estava aguentando mais, “já estava à beira de um ataque de nervos”.

Havia discussões entre o casal, “quebrava alguma coisa no apartamento”, “preparava tudo pra mudar e não mudava”. Dentro destes 4 meses, o apartamento foi desmontado e remontado umas 10 vezes. Como última tentativa de salvar o relacionamento ou de findá-lo de vez, Fernando propôs sexo a três e, embora inicialmente receoso, Junior aceitou a proposta.

Depois disso, veio o “peso na consciência” de Fernando em relação a Junior: “Cê não me ama, Cê permitiu...”. A partir deste acontecido, as “porteiras” foram “se abrindo pra promiscuidade” cada vez mais.

Durante certo tempo “houve uma paz, um perdão”. Tempos depois, na véspera de natal de 2010, voltando de uma viagem a trabalho, Junior passa no bar e perde a chave do apartamento. Fernando inicia uma briga dizendo que Junior “tava é na putaria”. Para evitar confronto, “consciência mais tranquila do mundo”, Junior, naquela noite, foi para a casa de seu pai.

Na casa do seu pai, Junior sentiu “a noite melhor do mundo”, onde sua “alma descansou”: “dormi um sono tão gostoso que eu não dormia há muito tempo”. Mesmo

percebendo que na casa do seu pai é que estava “gostoso”, continuou no apartamento com Fernando.

No final do ano, sua cunhada, irmã de Fernando, o convidou para ir à igreja e ele aceitou o convite. Lá, o pastor entregou uma profecia: “olha, nesta noite (...) tem um jovem aqui que vai voltar pra presença do Senhor. E ele tá bem longe, mas ele vai voltar”. Por causa da sua “dureza de coração”, Junior pensou “eu não vou voltar pra lugar nenhum". Contudo, foi necessário que ele levasse “mais umas pancadas” para entender. Com a chegada da virada de ano, o seu relacionamento foi se desgastando cada vez mais. No dia 7 de janeiro, já “não tinha mais jeito”.

Percebendo a insustentabilidade da relação, Junior chamou o pastor com quem trabalhara outrora, e sua esposa, a missionária Judite, para ajudá-lo a se mudar de vez do apartamento. Isso trouxe para Junior muito sofrimento. Foi um dos piores dias da sua vida. “Porque o sentimento é verdadeiro (...). É tudo muito verdadeiro. Não é de mentira. (...) São sentimentos construídos, relacionamento construído. É uma orientação toda construída para estar naquele molde, daquele jeito, com aquela visão”.

Ele, então, volta para a casa de seu pai. Apesar de nunca ter tocado no assunto da homossexualidade com seu pai, reconhece que o fato de a porta da casa estar sempre aberta para ele foi um “diferencial”, contribuindo muito nas suas “tomadas de decisão e de voltar. E de recomeçar”.

> (...) precisamos organizar tudo dentro de nós pra que nós possamos ser organizados externamente. E ter uma vida tranquila, cabeça erguida. Eu consegui olhar pro meu último relacionamento e falar assim "eu não te quero mais", isso doeu muito na minha alma. Era uma coisa que eu não queria. Meu Deus, eu não queria. Eu lutei contra mim, com todas as forças, lutei com sentimentos, lutei com desejos, lutei com vontade,

> sabe? Tudo verdadeiro, e eu sofri. Falei assim 'E agora?". Aí vem a fase de abstinência, né, que é algo que te arrebenta muito também.

O recomeço foi “muito difícil”. Sua empresa o mandou para fora da cidade, e Junior só vinha aos finais de semana para a casa do pai. “E aí foi aonde o meu deserto foi num lugar onde eu tava isolado, onde tava eu e os meus pensamentos, mas é aonde levantou pessoas pra me ajudar”. Neste contexto, longe de casa, Deus “levantou” pessoas em que ele podia confiar e contar toda sua vida, todas suas vitórias e seus tropeços do dia a dia.

Em março de 2011, Junior conhece Madeleine, a moça que futuramente se tornaria sua esposa. Ela faz parte da mesma empresa que Junior e estava ciente de tudo que havia acontecido na vida dele: “mesmo assim, ela decidiu me amar. E pagou um preço pra tá do meu lado. E paga até hoje porque não é fácil estar casada com alguém que teve altos e baixos, quedas e levantar novamente”.

O namoro e o noivado de Madeleine e Junior “foi muito intenso, com muitas barreiras”, inclusive havendo perseguição e tentativa de término do relacionamento por parte da cunhada, da ex-esposa e do ex-companheiro de Junior. Contudo, todos os obstáculos foram vencidos e no dia do casamento já não haviam “mais lágrima pra chorar”.

Paralelamente às transformações ocorridas em relação às questões sexuais, outros processos de mudança também foram ocorrendo na vida de Junior: “E aí isso foi sendo tudo tratado em mim. O que precisava ser corrigido, foi sendo corrigido. O que precisava ser perdoado, foi perdoado”. Junior acredita que o primeiro passo da sua libertação foi “voltar atrás e pedir perdão” a quem havia lhe agredido.

Quando sua mãe estava no leito de morte, pediu à dona Terezinha, mãe do abusador, que cuidasse de Junior. Embora dona Terezinha de nada soubesse, a mãe de Junior sabia de tudo, e o fato de pedir à mãe do abusador para cuidar dele lhe causou “grande revolta”. Neste

processo de “libertação”, Junior foi até a casa dela e “vomitou” “tudo que estava entalado”. Depois, pediu perdão para ela e para Deus, pelo “ódio’ direcionado a ela por ter sido mãe de seu abusador.

Posteriormente, foi até seu pai e também “vomitou” nele tudo aquilo que o machucava. Hoje está “caminhando prum relacionamento sadio” com seu ele, visto que reconhece que um “relacionamento paterno destruído, não se consegue reconstruir do dia pra noite”.

No seu relacionamento com Madeleine, Junior acredita ter “quebrado” o “ciclo vicioso” e ter redescoberto o que é fidelidade, “reconstrução de caráter, reconstrução de identidade”, e também os limites do seu corpo.

Por causa da sua condição sexual, Madeleine “sofreu críticas”, “perseguição”, “calúnias”, “cantadas de colegas de trabalho. Toda sorte de abusos morais”. Junior também admite ter sofrido preconceito, inclusive dentro “da própria igreja, da própria denominação”. Ele diz que “as pessoas, elas olham pra você, elas ficam com uma interrogação na cabeça”, como se perguntassem “até quando o Junior vai conseguir? ”. Acredita que “o ser o humano é muito maldoso”, e que ao invés de apoiar, “fica gorando pra poder dar tudo errado”. Para ele, **“**algumas pessoas te aceitam melhor, outras não”.

Certa vez, um pastor disse em um encontro: “olha, se o pastor Junior for, eu não vou e não deixo a minha igreja ir.”. Junior sentiu-se muito ofendido, “muito humilhado” e ficou “revoltado” com esta situação, porém optou em “deixar pra Deus resolver”, pois não se sentia e não sente necessidade de “provar pra ninguém” se é heterossexual ou não: “é a minha atitude, o meu comportamento que vai dizer”.

Sobre a reorientação sexual, Junior acredita em “cura” gay. Não necessariamente em cura produzida por terapias, mas não vê nenhum problema em usar este termo “porque é a questão de uma cura mesmo. Porque é uma enfermidade espiritual. É uma enfermidade física.

E também comportamental". De todos os homossexuais que ele conhece, nenhum está "100% feliz". "Não vou falar que não existe. A felicidade, ela existe, mas ela é... é momentânea". Os homossexuais "vão pra festa, vão beber, vão pra balada", mas quando acaba, "fica a tristeza, fica a depressão, e outras coisas". Junior desconhece a plenitude na homossexualidade ou no relacionamento homossexual.

Em um futuro próximo, pretende "estar pastoreando uma igreja 100%". Atualmente divide seu tempo entre o "trabalho secular" e o trabalho em uma igreja. A "visão ministerial" de Junior e Madeleine, sua esposa, é estar "ajudando pessoas com problemas na sexualidade. Independente do problema". Assim ele pretende seguir em frente.

4.2 A trajetória de vida e mudança de Henrique[4]

Henrique possui 49 anos, é solteiro, não possui filhos. Formado em comunicação social, trabalha com missões através do ministério da sua igreja. Se percebe como pardo, classe-média, cristão/evangélico, e participa cerca de 1-2 vezes por semana dos rituais da sua religião. Foi assumidamente homossexual por 11 anos aproximadamente (entre os 15 e os 26). Há 23 anos, em um processo de mudança de vida, decidiu "abandonar o comportamento homossexual" e deixar que Deus guiasse sua vida. Possui residência fixa em Belo Horizonte, mas vive a viajar pelo país, trabalhando na missão.

Henrique faz questão de assinalar que não resume sua trajetória de vida a "quem saiu da homossexualidade e tornou-se heterossexual", tendo em vista sua convicção na complexidade das identidades sexuais. Dentro de sua história pessoal, Henrique entende "que a identidade sexual, ela é construída". Para balizar seu posicionamento, recorre à Simone de Beauvoir se expressando nos seguintes dizeres:

[4] A entrevista do participante Henrique foi parcialmente acompanhada por um jovem que fazia parte do seu projeto

> Nossa querida Simone de Beauvoir disse uma vez "ninguém nasce mulher, torna-se mulher". Igualmente, eu entendo, guardadas as devidas proporções do que ela falou, que não se nasce gay, torna-se gay. Então, eu quero lhe dizer que eu entendo como foi construída a homossexualidade na minha vida.

Henrique entende que sua homossexualidade foi construída a partir de suas vivências da infância, da adolescência e da juventude, quando, ainda na juventude, ele decide “mudar o comportamento homossexual”. Na infância, achava os meninos bonitos e pensava "se eu fosse mulher, eu ia namorar esse menino". Reconhece que inicialmente se envolveu apenas afetivamente com os garotos, sendo a questão física despertada tempos depois.

Além da ausência paterna durante a infância, Henrique aponta como fatores que contribuíram para a construção da sua homossexualidade, abusos sofridos tanto por homens quanto por mulheres. O primeiro abuso aconteceu por volta dos 5, 6 anos de idade, cometido por duas mulheres, empregadas da sua casa: “uma colocou a minha mão dentro da vagina dela. Eu, como criança, achei aquilo nojento”. Este foi um episódio único, ao contrário do abuso sofrido por rapazes, anos mais tarde, já na pré-puberdade. No abuso das mulheres, ele ainda era muito novo e não sentiu nenhum prazer, “foi uma sensação ruim”. Por este motivo, acredita que este abuso tenha criado nele um bloqueio ao feminino.

Em relação ao abuso realizado por rapazes, o corpo de Henrique já respondia a alguns estímulos, fazendo com que ele associasse a experiência com esses adolescentes a algo prazeroso. Este prazer não era necessariamente sexual, visto que ele “não gostava” do momento em que o abuso acontecia. Mas quando chamado pelos garotos, sempre ia porque buscava por afeto:

> Então, mas eu sempre ia. Então, eu vejo o quê que... minha primeira busca era o afeto. Era tá. Por que que eu ia? Na hora eu não gostava, entendeu? teve o outro que queria me beijar na boca, né? eu digo isso com toda sinceridade. Então... mas por quê que eu ia? Por que que eu tinha essa atração? Não era nada espiritual. Não tô demonizando não. Tô vendo que ele exercia em mim aquela necessidade do afeto, aquele vazio deixado pelo pai, é?

Nos primeiros abusos praticados por rapazes, eles o convidavam para ir "pro mato", e, apesar de Henrique os acompanhar, ele não gostava da "coisa em si". Tinha nojo do cheiro do sexo e por isso não fazia sexo oral nos rapazes, mesmo com eles pedindo: "ele ejaculava, eu não sabia o quê que era aquilo, eu tinha nojo". Essa relação de nojo com o órgão sexual masculino acabou quando, certa vez, Henrique encontrou uma revista pornográfica de Josias (o cozinheiro que trabalhava na empresa do seu pai) atrás do guarda-roupa do seu quarto. Nela havia duas mulheres fazendo sexo oral no homem: "eu lembro das duas fazendo sexo oral com aquela cara boa, aquilo me despertou". Henrique considera esse achado um "divisor de águas" para a sua vida, pois quebrou seu nojo por sexo oral. Após esse episódio, ele passou a fazer sexo oral neste vizinho que o abusava de vez em quando (foram cerca de 8, 9 vezes). Henrique se lembra que a última vez que ele foi abusado, tinha 11 anos de idade.

Henrique recorre à elementos da teoria psicanalítica para explicar sua busca pelo afeto paterno nas relações com outros homens e no bloqueio em relação às mulheres:

> Eu entendo que eu me encaixo na solução na questão do Complexo de Édipo, é? Eu creio que eu não abandonei minha mãe como objeto de desejo, né? Na ausência do afeto do meu pai, então eu me apeguei à minha mãe. (...). Eu entendo que essa minha

grande paixão pela mãe, ela vai criar o bloqueio sexual por mulheres, é? Eu vou ver em todas as mulheres uma extensão do sagrado, então tem um bloqueio sexual.

Além dos abusos e da ausência paterna, outra explicação encontrada por Henrique para a produção da sua homossexualidade é a convivência com Josias, o cozinheiro da empresa do seu pai, “homossexual assumido, muito querido”. Segundo Henrique, “ele foi uma das minhas referências na minha infância. Eu tô dizendo na construção da minha homossexualidade, né?”. Seu pai era muito ausente por causa das constantes viagens pelo Brasil decorrentes do trabalho em uma empresa de transportes. Por causa disto, houve momentos em que Josias estava mais presente na vida de Henrique que seu próprio pai. Descreve Josias como uma pessoa alegre, que tinha sempre consigo um rádio-gravador com músicas, e que cantava. Essa vivência e esse universo, Henrique achava lindo.

Josias, foi a primeira pessoa para quem ele teve coragem de se abrir. Ele reparava o modo que Josias se comportava e pensava "eu acho que eu sou assim também. Eu acho que eu também sou gay". Um certo dia, chegou para o funcionário e, pensando que fosse dá-lo uma boa notícia, contou que também era gay. Almejando ajudar o rapaz, Josias contou para os pais de Henrique. O pai, apesar de não desejar isso para seu filho, aceitou-o. A mãe, “pirou”, não aceitando a homossexualidade do filho. Isso fez com que na adolescência a relação de Henrique com sua mãe tornasse “muito difícil”, pois ela o monitorava constantemente. Mesmo tendo essa relação difícil, eles nunca pararam para conversar sobre o assunto, mesmo porque Henrique nunca deixava nada explícito sobre a sua sexualidade: “eu sou da geração que viveu no armário”. Além do mais, ele não vivia na emergência de falar sobre isso o tempo todo pois este era apenas um aspecto da sua vida: “eu estudava, eu ia pro colégio, eu ia pra igreja, então não era um tema que ficava 24 horas na vida da família”.

Aos 15 anos de idade, Henrique se converte do catolicismo para uma religião protestante. Ele descreve este período como “conflitante”, onde ele descobre sua homossexualidade, mas não consegue “vivê-la plenamente” por causa da castidade que devia ser guardada. Isso fazia com que ele se sentisse “um bicho esquisito, um E.T.” entre seu grupo de amigos. Os namorados que ele teve o “xingavam” porque ele “não queria transar”. Só depois de algum tempo é que percebeu que no universo homossexual, ter uma relação com um namorado sem sexo “é praticamente impossível”.

Durante a adolescência, entre os 15 e 17 anos e meio, ele teve uma namorada “de fachada” que o ajudou a “ficar no armário”. Se arrepende de tê-la usado para este fim, e sente vergonha ao recordar do que fez, porém reconhece os efeitos positivos desta relação: “mas pra mim foi bom, porque era a maneira de omitir a minha homossexualidade na igreja”. Quando ela descobriu a homossexualidade de Henrique, foi generosa com ele, se propondo a ajudá-lo. Henrique, contudo, se fechou. Contou toda história para ela, mas não quis mais falar sobre este assunto, porque isso o deprimia. Com o fim do namoro heterossexual da adolescência, “fui ter outras experiências só com homens. Fiquei com homem, mulher depois dela, só beijo na boca”. Mesmo nunca havendo tido relações sexuais com ela (nem com nenhuma outra mulher), ele foi e ainda continua sendo amigo dela até hoje. Quando se separaram, chorou por ele e também por ela, e disse para si mesmo "eu nunca mais vou usar ninguém para fingir nada e nunca mais vou ter vida dupla". A partir daí decidiu não mais ter vida dupla e contar para o pastor tudo que acontecia com ele.

Ainda na adolescência, por volta dos seus 15, 16 anos, Henrique teve uma experiência um tanto desagradável no cinema do centro de Belo Horizonte. Ele entrou no banheiro do cinema e encontrou um ambiente “de pegação”, o que o deixou “muito chocado”, com “muita repulsa”, “porque era um cheiro de banheiro público”. Diante destes sentimentos aversivos, Henrique, na mesma hora fez uma oração "Deus, não deixa isso acontecer comigo".

Em determinado momento da sua descoberta sexual, Henrique pensa consigo: "se eu não experimentar, eu não vou saber se é bom, se é ruim, se é certo, ou errado". A partir de suas reflexões, se abre para uma experiência sexual “completa”, “pra ter relação íntima e sexual, e dividir o mesmo apartamento, o mesmo quarto, a mesma cama”.

O único namoro homossexual que Henrique teve, aos 25 anos, durou cerca de 10 meses. Ele se diz muito feliz por ter vivido esta relação, e exatamente por isto, reconhece a dificuldade que teve para sair dela, pois “foi uma relação real, foi uma relação profunda, foi uma relação que envolveu sentimentos, alegria e muitas tristezas”. Ele passa por inúmeras vivências antes de assumir esta relação homossexual; relação esta que ele demorou assumir “por diversos tabus e medos”. Foi apenas neste namoro que ele teve coragem para ter relações sexuais com o parceiro. Até então, ele preservava sua castidade, comportamento aprendido no catecismo.

> Então foi realmente quando eu tive essa relação de dez meses, né, que foi uma relação, que eu vou dizer, completa. Ok? A gente namorava, a gente eh.... passar as noites juntos, de viajar juntos, dividir tudo, as coisas boas e ruins.

Após o término do relacionamento, Henrique levou mais de um ano para se “curar da dependência emocional”. Não foi uma coisa simples, “foi algo profundo, tive crises, tive pesadelos, chorei muito...”. O sentimento investido na relação era tão forte que mesmo meses depois do rompimento, Henrique ainda sonhava com seu ex todas as noites. “E era o mesmo sonho. Parecia que a minha alma largava o meu corpo e ia atrás dele, implorando pra voltar”. Para que esse tormento acabasse, Henrique orava, chorava e pedia a Deus para não sonhar mais com ele. Contudo, ele “ia dormir chorando e tinha pesadelos”. E neste período, em que ficou “no fundo do poço”, ele se lembrou da namorada, porque quando namorava com ela,

namorava simultaneamente outros homens: “então, eu fui chorar, na minha tristeza, é que a minha ficha foi cair, de que eu tinha errado com ela”.

Henrique atribui a carência que sentia em relação a seu ex-parceiro à ausência de afeto paterno que não teve durante a infância. “Eu entendo que eu buscava isso em outros homens, não era por acaso que eu só me apaixonei até então por homens mais velhos, né?”. Quando algum rapaz da sua idade tentava seduzi-lo, isso nada significava, provocando nele risos até, pois via rapazes da sua idade como crianças. Posteriormente, refletindo sobre o motivo de nunca se sentir atraído e nem se apaixonar por garotos da sua faixa etária, chega à conclusão que estava buscando nos homens mais velhos o seu pai.

Situações de preconceito vêm acompanhando Henrique desde sua meninice. Embora não fosse uma criança “desmunhecada”, “sofria *bullying*” na escola não necessariamente por ser afeminado, mas por participar de atividades socialmente consideradas não concernentes ao gênero masculino. Era uma criança tímida, que não gostava de jogar futebol, e que tinha uma percepção estética diferente dos meninos. Tudo isso colaborou para que ele fosse visto como efeminado. Certa vez, ele foi até o diretor da escola, quando tinha por volta de 11 anos, reclamar do *bullying* que sofria de um colega que o chamava de “bichinha” e de “viadinho”.

Já na vida adulta, Henrique relata que perdeu um emprego por causa da sua homossexualidade. Ele fez o teste em uma empresa, “passou muito bem”, mas não foi convocado por que “era efeminado”. A despeito disso, Henrique afirma precisar fazer esforço para se lembrar de situações neste sentido, pois a sua vivência da homossexualidade “foi muito boa”. Estes eram fatos isolados. A sua geração era de pessoas felizes com a vida, e, por isso, nem notava os preconceitos, “não dava pra perceber”. Afirma já ter sofrido “preconceito às avessas” dos seus amigos homossexuais, “quando quis arranjar namorada e os amigos meteram o pau”.

A “decisão de abandonar o comportamento homossexual” em Henrique foi um processo que durou anos. “Eu não posso dizer que chegou um momento na minha vida que eu parei e pensei isso”. Foram vários acontecimentos que o levaram a refletir sobre a sua vida homossexual e tomar esta decisão. O “primeiro balde de água fria” veio quando Henrique assumiu sua homossexualidade para Josias, o cozinheiro, funcionário da empresa da sua família: “começou a desconstrução aí”. Henrique, ao contar para ele sobre a sua sexualidade, esperava “que ele fosse ficar feliz”, mas Josias repreendeu-o, nervoso, dizendo "de jeito nenhum, não quero isso pra você, eu sou uma bicha velha, uma bicha pobre, uma maricona, eu não quero isso pra você, você vai crescer, vai ser um médico, vai ter esposa, vai ter família, vai ter filho!". Isso deixou Henrique em choque, pois pela primeira vez alguém que ele via com glamour “tirou o glamour e fez aquele relato “‘eu sou uma bicha velha!’”.

Henrique considera que “a homossexualidade masculina é uma vivência muito boa para a juventude”, especialmente para os jovens bonitos, saudáveis, viris, e que se encaixam nos padrões da mídia.

> A homossexualidade é um paraíso pra esse momento. Eh... a cultura é muito legal, as festas, a música, as relações, os amores, o sexo... é maravilhoso. Porém, eu não vejo a homossexualidade masculina como uma possibilidade a médio e tampouco a longo prazo.

Outro motivo, foi o término do seu último relacionamento, que durou 10 meses: “e ao final dessa relação, eu passei a tomar reflexão acerca de mim mesmo e acerca das minhas necessidades e acerca dos meus alvos. E eu passei a ter, então, uma opinião mais crítica e real acerca da homossexualidade”. Henrique foi percebendo “diversos fatores comportamentais,

psicológicos, eh.... que não era o comportamento que eu necessariamente gostaria que continuasse na minha vida".

Tudo isso culminou aos 26 anos, quando Henrique "abandonou a homossexualidade". E não se arrepende em momento algum de ter tomado esta decisão. Possui amigos que continuaram na "prática da homossexualidade" e "todos eles estão sozinhos", mesmo sendo "pessoas lindas", "profissionais", "bem-sucedidos". Dentre os amigos da sua geração que sobreviveram à AIDS, "estão todos sozinhos".

As vivências de Henrique durante o período em que ainda era homossexual o levaram a perceber que " o que aguardava a homossexualidade masculina a médio e longo prazo" era "a solidão ou então a relação aberta", e nenhuma destas duas opções lhe pareciam atraentes. Embora reconheça todos os pontos negativos vivenciados por meio da homossexualidade, Henrique acredita que sua experiência "não foi uma experiência de todo ruim, pois teve momentos maravilhosos", inclusive chegando a idealizar uma relação duradoura a longo prazo com seu parceiro: "eu quero envelhecer ao lado desse cara". Para ele, tudo isso não passou de um sonho. Até hoje continua percebendo a imperatividade destas duas opções no meio homossexual através dos seus amigos: aqueles que não possuem relação aberta, estão sozinhos. "Sexo não falta", diz ele, "porém, não existe uma vida conjugal".

Henrique foi tendo estas percepções ainda na juventude e relata que o pavor que a sua geração tinha "era se tornar uma bicha velha, uma maricona". Era como ver um "filme de terror" ver um homossexual mais velho, passeando no shopping com um "garotão com sacolas de tênis de marca". Eles tinham "medo de se tornar aquilo, de ter que pagar um garotão pra ter uma noite de sexo". A percepção de uma exclusão que havia no próprio meio gay, onde os gays mais jovens menosprezavam muito os homossexuais mais velhos nos espaços por onde circulava, onde estes "ficavam sempre no canto", fez com que Henrique

pensasse "poxa, eu não quero isso pra mim". Mesmo percebendo o preconceito que uma “maricona” experenciava, este não foi o fator que mais pesou para a decisão de Henrique:

> Não só por causa do preconceito, mas por causa da vida mesmo, da solidão, né? É porque eu percebia que o que espera o homossexual masculino é a solidão. Ele será uma pessoa bem-sucedida, mas será uma pessoa solitária, tá? Então, eu não tava tão preocupado com o preconceito que eu iria sofrer, tá, é bom a gente frizar isso. Eu estava pensando isso eh... todos os homossexuais que eu conhecia e que eu conheço, com mais de 40 anos, principalmente, eles vivem sós. Eles queriam ter constituído relações estáveis, casamento e família. Queriam. Mas não conseguiam.

A tomada de consciência de que este “não era o estilo de vida” que Henrique queria para si foi um processo, “não foi algo pronto e resolvido”. Além do aspecto “social, comportamental, psicológico” relatado acima, houve também “o aspecto religioso e espiritual” o influenciando a tomar esta decisão. Ele chegou à conclusão que seria impossível conciliar a sua espiritualidade com a “vivência homossexual”. Ele acredita que sua decisão não foi uma “atitude preconceituosa”, mas sim “uma busca de uma coerência, de uma honestidade para aquele estilo de vida” que ele estava em processo de construção.

Para Henrique, o homem, independente se heterossexual ou homossexual, admira a juventude, a beleza. Porém, na homossexualidade “isso se torna mais cruel” porque “nas relações heterossexuais aquele casal vai construindo outros significados”, onde “a esposa, eles vão amadurecendo juntos aos filhos”. Já “nas relações homossexuais, não há esta construção de outros significados”, o que faz com que ela perca em si mesma se tornando frágil e instável. Henrique não generaliza, mas reconhece que “ter muitos parceiros sexuais acaba se

tornando parte da cultura dos homens homossexuais". Para ele, a liberdade sexual presente entre os homossexuais "enfraquece" "uma construção de uma relação mais madura".

O "abandono da homossexualidade" " não foi só medo do que o porvir" iria trazê-lo, mas fruto de toda uma análise "do quê que já era naquele momento, naquela juventude". E no seu "balanço final", a decisão foi "não quero". "Não foi uma coisa específica" que o fez tomar esta decisão. "Foi um conjunto de coisas" que ele viu e vivenciou com seu parceiro.

O parceiro era um ano mais velho que Henrique e tinha um filho. Apesar de ter uma relação de respeito com a mãe deste filho, Henrique sentia-se constrangido por estar com o ex-dela, principalmente porque ele via o sofrimento pelo filho morar distante do pai enquanto este estava com ele. Havia também a história do cunhado, irmão deste parceiro que era gay e escondia isso da família, dizendo que ia fazer plantão, quando na verdade ia para a casa do namorado.

Henrique via tudo que estava ocorrendo à sua volta e fazendo suas reflexões: "e eu fui vendo isso, eu fui vendo todo mundo, da minha relação, dos meus amigos (...), as relações, o namoro". Ele via coisas boas e coisas ruins e aprendeu muito com isso:

> A primeira relação linda que eu vi, o meu primo, que morava comigo eh... o namorado dele viajou, era ator, foi trabalhar na Suiça, e chegavam cartas, e eu vi como a relação terminou, do nada, porque apareceu outro lá. Então, assim, eu fui vendo coisas boas, tá, não quero dizer que eu só vi coisa ruim, não. Vivi coisas boas, vi coisas boas, coisas muito... aprendi muito, quero ressaltar isso. (...) Então, eu não tô dizendo que tudo que eu vi lá foi trágico. Mas em termos de projeto de vida, de relação, e de casamento, eu cheguei à conclusão que eh... eu não queria aquilo. Era tudo muito – não quero ser cruel – mas era muito mais difícil, entendeu? A relação estável, a realidade de todo mundo era muita instabilidade, quando não, muita... eh... muita

> traição, ok, muito... muita traição, tá, mas... eh... eu num... Não foi simplesmente que eu vi coisas ruins. Dentro do que eu vi de coisas boas, entendeu, eu vi que não era adequado, não era ideal, era... faltava alguma coisa.

Henrique declara que “não houve pressão da igreja, não houve pressão de ninguém”. Diz que, por parte da igreja, não sofreu preconceito com base na sua homossexualidade sendo, inclusive, “convidado pra participar das sociedades internas da igreja”. Por parte da família, também diz que ninguém chegou até ele tentando convencê-lo de deixar de ser gay, pois sempre foi “uma pessoa muito discreta”. Quanto aos amigos, “muito pelo contrário”, apenas o incentivavam a continuar sendo gay. Ele reconhece todo este processo de reorientação sexual como uma coisa muito própria dele, “muito pessoal”. Acredita que o “divisor de águas” foi quando, no fim deste relacionamento, onde estava “morrendo de saudade”, querendo voltar, “muito apaixonado”, teve uma “experiência espiritual muito gostosa com o amor de Deus”. E aquilo foi “tão gostoso” que o fez “começar a pensar”.

Na época, aos 26 anos de idade, ele possuía uma vida “super dinâmica”, onde “fazia faculdade”, “estudava inglês”, “estudava francês”, “fazia teatro secular”, “fazia parte da mocidade da igreja”, “cantava no coral dos jovens da igreja”, “estudava teoria musical” e ainda “trabalhava como técnico de análises clínicas”. O fim do relacionamento aconteceu ao mesmo tempo que toda essa efervescência de atividades, e além da crise no relacionamento, Henrique também estava “em crise em outras áreas” da sua vida.

Em meio a tudo isso, ele teve um “momento do amor tão grande com Deus” que ele pensou que tudo que ele havia feito até então na sua vida, foi porque ele quis fazer, mas que a partir daquele momento, daquela experiência tão gostosa com Deus, ele só iria querer para sua vida “o que Deus acrescentar”. A crise que ele passava em relação a trabalho, faculdade,

relacionamento, ele colocou “tudo no pacote” e entregou para Deus. E dentro deste pacote, ele também colocou a sua sexualidade.

> Eu falei "Jesus, eu quero muito namorar". Eu falei "eu quero. Eu quero namorar, eu quero marido, mas eu não vou mais fazer nenhum movimento pra conquistar. Porque tudo que eu tentei não deu certo. Agora, se o Senhor tiver pra mim, eu quero". (...) Eu não cheguei a dizer "Deus eu tô em pecado, não quero homem nunca mais". Eu tava triste, por causa da relação de dependência emocional, mas a minha fala mais divisor de águas e mais honesta comigo e com Deus foi esta "agora eu quero aquilo que for acrescentado pra minha vida". E fiquei à espera.

À medida em que o tempo foi passando e Deus não dando nenhum namorado, ele foi “entendendo com o conjunto da obra” que “aquilo não era” pra ele. Henrique identifica que o momento-auge da sua decisão de mudança de vida (e não apenas de identidade sexual) foi quando ele desistiu de construir sua felicidade por suas próprias mãos. Neste momento ele entregou sua vida “realmente nas mãos de Deus”. A partir de então seu “contentamento” ou “senso de realização”, “foi vindo de outras maneiras”.

A relação com Adelina, sua mãe, conturbada na adolescência e início da juventude, só foi mudar após “todo um processo de transformação meu e dela”. Se sentia “muito injustiçado, muito indignado” com ela, de sempre, nas discussões querer falar, se defender. Um dia, ouviu Deus falando "cala a boca". Ele falava com Deus: "pera aí, Deus, eu tô certo, eu sou justo, minha mãe tá injusta...". E Deus respondia: "Cala a boca!". Depois disto, ele parou de discutir com Adelina: “ela falava, falava, falava, não via que eu discutia, eu ajoelhava no quarto e orava. Aí começou o processo de transformação da minha mãe”. Depois

de algum tempo, com a transformação desta relação, Adelina se converteu à religião evangélica e o relacionamento dos dois foi se tornando cada vez mais próximo.

Nesses 23 anos desde que decidiu entregar sua vida nas mãos de Deus, nunca mais se apaixonou por outro rapaz. Quando alguém o pergunta se ainda possui desejos homossexuais, responde que não necessariamente sente desejos, mas que ainda possui o potencial para sentir prazer tanto com mulher quanto com homem: “se eu me permitir, eu vou ter prazer sexual com homem". Ele acredita que a sua mudança não está no fato de sentir ou ter deixado de sentir prazer com homem, mas na quebra do bloqueio sexual que apresentava em relação às mulheres. “Quando eu tava na vivência da homossexualidade, eu me acreditava 100% gay. Esse bloqueio quebrou. Se eu me permitir hoje, eu vou ter muito prazer sexual com mulheres”.

O que houve foi uma transformação na sua homoafetividade, pois nunca mais se apaixonou nem teve “dependência emocional com homem nenhum”. Ele afirma que “a minha parte afetiva mudou. É como eu falei: eu era muito mais homoafetivo do que homossexual. (...) A minha HOMOAFETIVIDADE acabou”.

Após a reorientação sexual, Henrique também passou por situações de preconceito. Ele já ouviu falas que desacreditavam da sua mudança, como "Ô, fulano, cê acha que o Henrique deixou de ser gay? Ele tá comendo os mininim tudo". Também havia pessoas que o questionava sobre o seu trabalho com os jovens, conjecturando uma relação homossexual entre eles. Sempre que alguém vem questionar a integridade do seu trabalho, ele diz para a pessoa procurar o seu pastor, com quem ele decidiu abrir sua vida por inteiro, resguardando-se, assim, desse tipo de situação. Embora isso não o incomode, Henrique percebe nessas falas um tom de preconceito:

> Porque a pessoa não vê exatamente como ex. Ela vê como um potencial "será? Será que mudou? Será que ele vai me dar uma cantada? Será que ele vai mexer com meu filho?", eh... então a gente vê que tem um lado preconceituoso.

Se sente incomodado com o termo ex-gay por alguns motivos. Primeiramente, por causa do “ex”, que estigmatiza, “acaba criando estereótipo. (...) a pessoa não é o ser na sua integridade ou na sua atualidade: ela é o passado. Ou a mudança de um passado”. Ele atribui a larga utilização do termo “ex” à cultura do testemunho, “muito mal explorado nas igrejas evangélicas”.

Além do estigma, Henrique acredita que a ideia passada pelo termo ex-gay “resume a complexidade da orientação sexual”, especialmente no caso dele, que não considera que se tornou heterossexual, visto que não criou “bloqueio” para o mesmo sexo. Atualmente ele diz que tem “potencial bissexual”. Logo, o termo ex-gay não o representa na sua integralidade, pois ele não tem “mais a homoafetividade” e não consegue mais se ver “apaixonado, com uma relação conjugal, matrimonial com outro homem”. Porém, “fisicamente”, se ele se permitir, vai “ter prazer sexual com homens”.

Se mostra aberto à possibilidade de um casamento heterossexual, embora isso não seja uma “obsessão”: “Se acontecer, eu vou enxergar com alegria. E se tiver filhos, também, ok?”. Seus projetos para o futuro incluem o lançamento de dois livros e continuar seu trabalho com as missões urbanas ajudando pessoas. “Eu me vejo no mundo, eu me vejo daqui a 5 anos viajando o mundo”. Henrique finaliza sua fala trazendo a seguinte mensagem aos homossexuais: “não se limite a uma identidade que foi construída ou que lhe foi atribuída. Se permita possibilidades”.

4.3 A trajetória de vida e mudança de Carlos Daniel

Carlos Daniel tem 32 anos, se considera pardo, classe-média, cristão/evangélico, e participa dos rituais da sua religião cerca de 1-2 vezes por semana. Possui pós-graduação completa e trabalha como assistente social. Era noivo à época da realização da entrevista, com o casamento marcado para a próxima semana, e não possui filhos. Viveu na "homossexualidade por cerca de 25, 26 anos".

Possui tem 3 irmãos. Seus pais se separaram quando ele tinha em torno de 4, 5 anos, fato que revela ser o mais marcante da sua infância. Antes de seus pais se separarem, moravam os 3 em casa: ele, seu pai e sua mãe. Após a separação, sua irmã, filha da sua mãe, deixou a casa da avó e veio morar com eles, mas permaneceu por pouco tempo, pois casou "bem jovem". Desta forma, a maior parte da sua vida, Carlos Daniel viveu somente ao lado da mãe. Como ela "sempre trabalhou muito" devido a sua profissão de enfermeira, Carlos Daniel, quando não estava na companhia de alguma tia, madrinha ou avó, "ficava muito sozinho em casa, desde cedo".

Para tentar explicar a sua sexualidade, recorre a fatos que ocorreram durante a sua infância e adolescência. Desde cedo, com a separação dos pais, ele reconhece que não tinha "uma presença forte, masculina" que o "afirmasse enquanto homem". Ele diz:

> Eu nunca tive um pai presente, um pai... Eu nunca tive um pai que desse carinho, amor, afeto, nada disso. Eu tinha um pai que me dava bem material. Eu tinha um pai que me dava dinheiro, que pagava curso, que levava pra passeio... Aliás, às vezes nem levava. Às vezes pagava pra eu ir, entendeu? Mas eu nunca tive um pai presente, sabe? Um amor de pai.

Além disso, sempre viveu “num universo estritamente feminino”, por isso em casa e na escola, a “afirmação” recebida era apenas feminina. Esta lógica de pensamento ele só conseguiu elaborar atualmente, pois nunca havia parado para pensar nisso no decorrer dos anos.

Não acredita que homossexualidade seja uma “escolha” ou “opção”. Também não acredita que seja genético, “uma doença”, nem “que seja uma questão espiritual, de possessão demoníaca, essas coisas...”. Para ele, o que

> leva a pessoa a receber uma orientação sexual pra homossexualidade de forma, (...) na maioria das vezes, inconsciente, é a influência da família - a influência negativa da família -, a influência negativa da escola, e a influência negativa, por exemplo, da comunidade em geral - comunidade, bairro onde ele vive, vizinhança -, e também da (...) instituição religiosa.

No seu caso específico, a homossexualidade foi causada pela “ausência paterna” e pela “forte presença feminina”. E esta afirmação feminina dentro de casa era reafirmada na escola e na comunidade.

Considera ter sido uma “criança feliz”, que se ocupava com atividades “normal de toda criança”. Brincava com meninos e meninas, gostava muito de atividades físicas e, pelo menos enquanto criança, nunca foi afeminado e nem se lembra de ter sofrido algum tipo de preconceito.

Já na adolescência, este cenário se altera. No colégio, Carlos Daniel passa a se relacionar mais com as meninas, pois se identificava mais com elas. Isso fez com que os “trejeitos” se desenvolvessem na adolescência e que as “ofensas” viessem à tona. Passou a receber ofensas como “olha o que só anda com as menininhas...”, “bichinha”, “viadinho”.

Recorda que, na época, isso o deixava triste, mas era coisa do momento, “explodia, resolvia na hora” e passava.

Acredita ter sentido desejo sexual por outros homens pela primeira vez na adolescência, por volta dos 11, 12 anos, embora reconheça que desde criança já se envolvesse “de forma diferente com alguns meninos”. O que sentia na infância, não nomeia de desejo sexual porque ainda não tinha “discernimento da sua sexualidade, do que é bom do que não é”.

Foi também neste período de transição e das primeiras descobertas sexuais que ele se “encantou” e “mergulhou de cabeça” no “mundo das drogas”. Na sua adolescência, se relacionou com pessoas “de todas as tribos”: “hippies”, “emos”, “góticos”, “drags”, “afeminados”, “barbies”, etc.

Nunca precisou contar para a família sobre a sua homossexualidade, porque sempre foi “independente” e “muito petulante”. Todo o processo aconteceu de forma natural “pra mim e tanto pra eles porque eu fui crescendo e eu acredito que eles foram percebendo, né”. Além do mais, Carlos Daniel “cagava e andava” para a opinião que a família ou qualquer outra pessoa tinha a seu respeito: “sempre fui um rebelde sem causa”.

Apesar de seus pais serem separados desde quando ele era criança, ele ainda mantinha contato com o pai, apesar de “muito pouco”. Em 2004, “teve uma discussão muito séria” com o pai, onde foram ditas “palavras muito duras” de ambas as partes, e eles romperam a relação, parando de “conversar e de conviver”. Seu Nestor havia dito para ele que “não admitia pisar na mesma calçada” que Carlos Daniel, para que ele atravessasse a calçada toda vez que o encontrasse. Por ser “muito orgulhoso”, Carlos Daniel durante anos fez questão de mudar de calçada, sempre que encontrava o pai.

Acredita que foi o uso excessivo e vício da cocaína que o levou à depressão. Ele usava vários tipos de drogas, mas encontrou “refúgio” na cocaína. Isso foi o “levando para um

processo de autodestruição", o que ocasionou, inclusive, à tentativa de suicídio algumas vezes, levando-o a pedir ajuda e repensar muitas coisas da vida: "(...) foi onde eu cheguei ao entendimento de várias questões da minha vida. Não ao total entendimento, mas eu vi uma luzinha assim no final do túnel, né?". Esteve muito perto de ser internado numa clínica, mas não chegou a ser preciso. Neste processo, ele foi "descobrindo uma nova pessoa" que "nunca tinha dado atenção" porque sempre se autossabotava por ser "muito perfeccionista" e "exigente" consigo e com os outros. "E eu pude observar que eu fui me anulando, eu fui me diminuindo em muitas coisas, né?".

Carlos Daniel atribui tanto seu consumo excessivo de drogas quanto o seu "vício sexual" à busca pelo preenchimento deste vazio. Ele considera que era uma pessoa que "não tinha equilíbrio", "tudo era muito", tudo era "8 ou 80". "ou era muito ou não era nada": " era muito sexo, era muita droga, era muita balada, era muitos parceiros, era tudo muito . Era muito consumismo... eu era muito consumista, muita compra. Era muita bebida, era muita comida... Tudo excessivo". Carlos Daniel não se recorda de ter sofrido na vida adulta qualquer tipo de preconceito em relação a sua orientação sexual.

Decidiu "abandonar a vida... a prática homossexual" quando ele se deu conta de que viveu "uma mentira durante todos esses anos" em que foi gay, de que em todo este tempo, nunca foi feliz. Para ele, seus relacionamentos nunca deram certo "porque continuava vazio. Eu continuava vazio". De todos os relacionamentos que já teve com outros homens, nenhum foi capaz de preenchê-lo. Quando percebeu que relacionamentos com homens nunca lhe proporcionaram o que procurava, resolveu mudar.

> Na verdade, o que eu buscava nos outros homens no relacionamento com outros homens não somente sexual – nem sempre sexual – mas o que eu buscava muito era o

> que eu nunca tive. Eu buscava um abraço de pai, buscava um ombro, eu buscava um conselho... tudo que eu nunca tive de pai.

Ele chegou à conclusão de que vivia uma mentira porque “tinha um vazio” que “tentava preencher de todas as formas”, “não só com a homossexualidade”, mas ela “era um dos principais” meios utilizados para suprir tal vazio, que nunca conseguiu preencher. Após passar por vários relacionamentos que “sempre eram relacionamentos destrutivos de ambas as partes ", repletos de “muita possessividade, muita traição, muita promiscuidade” e “nada de saudável”, sem “respeito” nem “limites”, Carlos Daniel passou “por um processo de depressão”, onde “ficava muito sozinho”, e onde começou a “estudar”, “buscar”, “pesquisar”, “pensar” mais sobre a homossexualidade e outras possibilidades fora dela. Neste período, no auge da dependência química, ele “já não tinha mais libido, não tinha mais vontade de estar com ninguém”: “o meu envolvimento era estritamente eu e a cocaína”. Quando se encontrava no “fundo do poço”, foi quando decidiu não ser mais homossexual.

Neste processo, ele começou a se “encontrar como família, como filho, como irmão, como tio, como padrinho”. Foi uma transição que envolveu todos os aspectos da sua vida, inclusive o sexual. Ele começou a “analisar e perceber as várias falhas e ausências” que deixou passar pela sua vida. Sempre sonhou em constituir uma família, “esposa, filhos, cachorro, casa, papagaio, aquela coisa bem certinha”, e levando a vida da forma que vinha levando, realizar este sonho não seria viável. Durante o período que foi homossexual, já vislumbrou a possibilidade de constituir uma família. Contudo, suas experiências o levaram a constatar a impossibilidade de isto acontecer na sua vida, visto que já havia tido alguns relacionamentos, inclusive morado “com outros homens e nunca deu certo”. Hoje, ele descarta completamente esta possibilidade.

Foi também nesta época de reencontro consigo mesmo que voltou a se relacionar com o pai. O vazio que sentia foi preenchido quando ele e seu pai fizeram as pazes, em 2013. Foram quase 10 anos sem se falar.

Atualmente, Carlos Daniel é feliz como “nunca tinha sido antes”. Hoje, ele se sente “realizado, completo”, não sentindo mais aquele vazio que buscava preencher. Hoje, ele não vive “uma mentira”, mas sim o que ele considera “como sendo A verdade”. Em sua vida, não há mais “drogas”, “promiscuidade”, “vícios no geral’, “compulsão”, “nada disso”.

Embora sua vida esteja completa e feliz como nunca, Carlos Daniel reconhece que às vezes ainda sente desejos homossexuais:

> Eh... se eu te falar que eu não sinto desejos ou atrações vez ou outra eu vou estar sendo hipócrita, porque é lógico que eu sinto, porque foi praticamente 26 anos vivendo numa vida desregrada de muitas práticas que eh... que hoje não condizem com quem eu sou. Então lógico que vez ou outra eu fico balançado, né? Mas aí eu... eu tenho... hoje...hoje eu vejo dessa forma. Antes eu não via. Hoje eu tenho a opção de escolha, né? Eu posso eh... voltar.. ou posso eh... me manter firme no que eu escolhi, na minha decisão, e seguir. Por mais que seja difícil, por mais que às vezes doa, mas como eu te falei, é uma escolha. E eu escolhi eh... prosseguir da forma que eu tô hoje.

Quando ele fala que “escolheu” estar da forma como está hoje, justifica dizendo que já vivenciou “todos os processos, todos os dilemas, tudo de bom e tudo de ruim numa vida homossexual” e que, apesar de sentir falta de alguns “momentos saudáveis”, de algumas amizades, das “rodas de conversa” e de reconhecê-la como uma “experiência válida”, não tem “mais vontade” de voltar a viver a “vida homossexual”. Em outras palavras, as experiências

ruins pelas quais Carlos Daniel passou quando viveu na homossexualidade foram mais fortes que as experiências positivas, o que o levou a realizar a escolha por deixar de ser gay.

Apesar de reconhecer que o termo facilita a compreensão das pessoas sobre a mensagem que o estudo pretende passar, Carlos Daniel sente “incômodo” com o termo “ex-gay”, e com quaisquer outros adjetivos que iniciem com “ex”. Para ele, não existe ex-gay. Ele acredita em “vidas que podem vir a ter sido restauradas ou transformadas com base em alguma experiência pessoal, espiritual, psicológica”. Ele está convicto de que “muitas pessoas que vivem a homossexualidade (...) se dizem gay, mas não são”.

> Muitos estão se enganando, se sabotando, tentando descobrir realmente quem eles são, tentando preencher um vazio que eles não preencheram. Não que... não que seja o mesmo vazio que o meu. Cada um com o seu cada um, né? Eu vejo isso pelos muitos amigos que eu tenho, pelas muitas pessoas que eu convivi esses anos. Há muitas que tem eh... convicção. Convicção sexual. De que nasceram eh... pra ser homossexuais, muitos até afirmam que nasceram assim, né? Mas em contrapartida, há muitos - uma boa parte - que tá vivendo. Uma hora vai enjoar, pode ser... Ou uma hora pode ser que se frustre e se decepcione. Não com relacionamento ou com... ou com alguém, mas com tudo que viveu. Uma hora pode ser que se frustre, se decepcione, e veja ‘é, o caminho era outro e eu fui fazendo este e tive que quebrar a cara pra ver que não é’. Eu não acho que uma decepção amorosa e relacionamento ou algo do tipo, eu não acho que isso seja motivo pra uma pessoa eh... abandonar a vida homossexual, ou se auto intitular ex-gay.

4.4 A trajetória de vida e mudança de Rafael

Rafael possui 25 anos, se considera pardo, classe baixa, não possui filhos, é solteiro, mas namora e tem perspectiva de se casar em breve. Possui ensino fundamental completo, é cristão evangélico e participa dos rituais da sua religião 3 vezes ou mais por semana. Reside com os pais em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais onde trabalha como escrevente substituto e desenvolve projetos religiosos com os jovens locais. Além disso, é conferencista, e viaja pelas cidades para pregar a "palavra de Deus". Há algum tempo "optou" por deixar a homossexualidade, permaneceu durante 1 ano neste propósito, mas, devido à discriminação dentro do próprio grupo, voltou para a vida homossexual. Aos 23 anos decide deixar de vez este "caminho" e se "entregou para Cristo" pois "Ele" tinha a "opção certa"

Considera que teve uma infância "como a de um garoto qualquer, heterossexual". Teve uma "família normal", irmãos, frequentou escola normalmente, foi "um dos melhores alunos". "Tudo normal", até os 9 anos, quando "aconteceu o episódio".

Acredita que a homossexualidade "seja uma opção" porque "Deus criou macho e fêmea" e ele não vê possibilidade, "dentro do padrão bíblico", de Deus ter criado "uma pessoa com essência de desejo" com "estrutura masculina", com " corpo todo masculino', sendo "um ser de gênero masculino" e possuir uma "essência feminina". Para ele, as pessoas são aquilo que elas alimentam ser, e tudo isso é um processo que não acontece do dia para a noite: " Eu, na época, eu... decidi ser homossexual, não assim, do dia pra noite. Foi uma brincadeirinha com o coleguinha, dali eu gostei... Tive relação com menina, mas preferi seguir o caminho do homossexualismo. Mas eu sempre... eu já tive relação com mulheres, entendeu? Mas foi uma escolha minha". Além da sua própria vontade em alimentar "aquilo", havia outras forças que também o davam suporte: "Então, eu fui alimentando e me tornei aquilo. E obviamente, que a estrutura espiritual do lado apoiava tudo isso.... As pombas-giras... apoiava tudo isso".

Rafael entende que há “dois motivos” que levam um indivíduo a se tornar homossexual. O primeiro motivo é “a criança ser violentada sexualmente e isso trabalhar na psicologia dela, ela achar que aquilo é normal, criar o prazer, o ilibado dela, o prazer nela dela sentir atraída pelo mesmo gênero”. O segundo motivo é a oportunidade. Parafraseado um “psicólogo francês”, diz que “todo homem tem coragem de ter relação homossexual, basta uma oportunidade”. Para ele, ninguém nasce gay ou lésbica e acreditar que isso seja possível é desacreditar na sua base de fé, que é a “bíblia sagrada”. Na lógica do seu pensamento, a pessoa nasce “perfeitamente macho e perfeitamente fêmea. Algum decorrer da vida vai fazer ela assumir o caminho que ela quer”, influenciado por algum acontecimento em sua vida ou até mesmo por causa da “ideologia de gênero” promovida pelos ativistas e pela rede Globo, “dizendo que a homossexualidade é normal”, que a pessoa “nasce dessa maneira”.

A explicação que Rafael dá para o desencadear da sua homossexualidade foi um abuso sofrido aos 9 anos de idade. O abusador tinha cerca de 14 anos de idade. “Não houve penetração nem nada”. Mesmo sem penetração, isso o marcou profundamente, pois a situação de coação e de violência deixou marcas que o acompanharam por toda vida.

A adolescência foi “um dos momentos mais difíceis” da sua vida. Foi por volta dos 14 anos de idade que se iniciou o processo de assunção daquilo que Rafael “acreditava querer ser”. Neste período, ele levou

> pedradas, rochas, tijolos, brita, pau, tronco... tudo que você pensar, veio sobre mim. Foi o momento mais difícil, aonde que os meus colegas de escola que cresceram num ambiente normal comigo, alguns se afastaram... os pais ficavam falando algumas palavras... é aonde que começa o jugo da descriminação.

Antes de “optar” pela homossexualidade e se assumir para a família e sociedade, Rafael já havia tido experiências com homens e com mulheres. Ele diz ter gostado mais da sua experiência com mulheres que com homens, mas por questões financeiras, escolheu ser homossexual. “Por vir de família pobre, eu ganhava muita oferta em dinheiro. Então eu preferi me prostituir, digamos assim, com os homens”.

Ele acredita que o “diabo” “enxerga os planos que Deus tem em cada vida” e “cria situações para favorecer”, trazendo “bandeja pra te desviar do propósito de Deus”. No caso dele, acredita que o diabo fazia “fazendeiros que poderiam ter umas belas mulheres” preferir “ter um travesti do lado”, situação que o estimulava a “desempenhar este papel”: “o diabo tentando tragar minha vida mais rápido, fazia essas bandeja, essas ofertas para mim”. Desta forma, Rafael vê no abuso sofrido na infância o “gatilho” para a homossexualidade, mas o “tiro pela culatra” só veio após o dinheiro.

À medida que o tempo passava, sua vida foi ficando cada vez mais “atormentada” “pelo fato de ser homossexual”. Quando estava “bebendo, divertindo”, ele era “amigo”, “recebia elogios”, “festejava”, e isso o fazia acreditar que era feliz. Porém, admite que “estava feliz”, mas que “não era feliz”. Apesar dos “momentos bons”, Rafael sempre ouvia “piadas de descriminações”, que o “maltratava por dentro”, chegando ao ponto de fazê-lo tentar suicídio:

> (...) então eu cheguei num momento a ponto de querer perder a minha vida. Por causa de palavras que magoam, a ponto de, é melhor ter um cachorro do que ter uma pessoa homossexual. É melhor ter um filho bandido do que um homossexual. E isso vai acabando com a estrutura psicológica e emocional da pessoa. Então, o que aconteceu comigo foi isso. Foi quando eu encontrei depois a realidade, que eu estava fora da estrutura, a sociedade tava me oprimindo, eh... por questão delas não aceitarem. Ao

mesmo ponto que elas incentivam, elas também se fazem de juízo para descriminar a mesma pessoa.

Considera todos os seus amigos de “dentro do ramo da homossexualidade” infelizes, que todos “queriam sair dessa vida, porém que eles não encontram força”. Acha que o homossexual apenas parece feliz em alguns momentos, mas que todos vivem de ilusão: **“**Por mais que ele teja com um... uma pessoa que ele gosta, vivendo bem, e diga, bata o pé e diz que não liga pra opinião de ninguém, acabando ou não, as palavras vai afetar ele. E isso é o estágio dele. Ele está bem, mas ele não é bem”. E mesmo que este indivíduo homossexual acredite que esteja plenamente bem no momento atual, “ no final é caminho de morte”, pois “esse é o mundo de ilusão” e a crença de Rafael diz que deve-se procurar a felicidade não só pra essa vida, mas também “dentro da eternidade”.

Quando Rafael fala da diferença entre “ser e estar” feliz na vida do homossexual, ele exemplifica: “eu tinha momentos bons, mas eu não era bem, o meu interior não era bem. Seria como que... que os meus momentos bons, eu precisasse me dopar, com bebidas. Mas o meu interior tava todo destruído”.

Um dos principais motivos que o levou a tentar suicídio foi a vida de “duas faces” dos amigos que ele tinha. Quando ele estava perto, estes amigos o travam bem e até o incentivavam a continuar na homossexualidade, mas quando ele não estava perto, ele recebia críticas e discriminações. Outro motivo, foi a desilusão amorosa que passou. Rafael se apaixonou por uma pessoa casada e manteve relacionamento por um tempo. Com este homem, fez planos, deixou “tudo fluir”, “tudo florescer” e, “de repente”, “tudo se voltou contra” ele e a pessoa disse: “não vai dar certo”. Se sentiu usado por este homem, apenas “mais um na soma dele”.

Ele também recebia “palavras contrárias” da sociedade, de forma geral. Certa vez, um rapaz, colega seu, havia falecido, e um homem chegou e disse “aí, tanta gente boa morrendo e uma desgraça dessa tá viva”. Muitas pessoas, inclusive que se diziam religiosas, passavam perto dele e o discriminavam, fazendo-o se “sentir a menor pessoa do mundo”. Rafael passava por situações de preconceito por todos os lugares onde passava, inclusive “dentro da LGBT”: “aonde eu colocava meus pés, seria o suficiente”. A “negligência” da sua pessoa era o tipo de preconceito que ele mais sofria. Ele ouvia coisas do tipo “ele é homossexual, se veste dessa maneira”, “é melhor ter um cachorro”, “é melhor tá morto”, “é melhor ser vagabundo”, “o quê que o pai dele pensa?”, “é melhor que ele não existisse”.

A família também não o acolheu na sua “opção sexual”. Embora não esperasse “incentivo” dela, acredita que o papel da família é “abraçar”, tentar ajudar e não ficar “esculachando”, ou “colocando pra rua”. Recebeu “agressões verbalizadas” da família do tipo “eu não aceito”, “eu prefiro ter um filho morto”, “esse filho não é meu”. Até nos irmãos percebeu “certa vergonha” de tê-lo como parente. Já houve até tentativa de agressão física. Todo este “peso” fê-lo “preferir a rua que o lar” e, para evitar este ambiente de hostilidade, passava muito mais tempo na rua que dentro de casa.

Para Rafael, toda essa situação de preconceito e discriminação “acaba com o seu psiqué. Se você já tá com uma estrutura de nível baixo, de acordo que vão acumulando mais peso, você acaba sendo rebaixado mais ainda”.

Neste contexto de tormento, “tristeza”, “chegando no grau da depressão” pelo fato de “ter assumido essa opção” de ser homossexual, Rafael estava chegando no “ápice” do sofrimento. Foi quando ouviu “a pregação da bíblia” e passou “a frequentar o culto evangélico”. Lá, ouviu a palavra “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Ouvindo isto, Rafael creu que “Cristo tinha a solução” e se “entregou”, descobrindo “a opção certa”.

Antes de “fazer a escolha”, Rafael ficava se questionando se havia nascido assim, se os pregadores não estavam usando a bíblia só para encaixá-lo em um “sistema religioso”. Em meio a estes questionamentos, acredita que fez “a melhor escolha” ao deixar a homossexualidade, pois, de acordo com seu sistema de crença, só há “dois sujeitos na história da criação” e ele “estava fora dos sujeitos”:

> Eu era apenas um personagem fictício criado por mim mesmo ou por uma sociedade, que era a pessoa no passado, do homossexual. Então eu decidi aceitar Jesus, e desde aí pra lá então, eu assumi o caminho do heterohomossexual (heterossexual) e tô aí, Graças a Deus, até hoje com esse pensamento, com esses desejos, com essa postura de heterossexual.

Sente que sua mãe o conquistou “à base de oração”, tanto ela quanto outras pessoas que ajudaram no “clamor” pela sua vida. Acredita que a “mudança” aconteceu na noite em que “aceitou Jesus”, quando foi “liberto”. Antes de “aceitar”, frequentou a igreja por dois meses.

Contudo, mesmo no “âmbito da igreja, havia algumas pessoas que ficavam atirando pedra”, “martiliarizando”, dizendo coisas como “vai esconder por trás da Bíblia”, “não vai ficar aqui muito tempo”, “isso é só de fachada”. Ouvir este tipo de palavra das pessoas “fracas de fé” fez com que Rafael “matasse aquilo que queria alimentar”, e ele, então, após cerca de 1 ano na igreja, se “desviou”, e tornou a “assumir o caminho novamente” da homossexualidade. Acredita que ter escolhido esta “opção”, o tenha feito ficar “pior” que antes.

Sente-se grato “a Deus pela misericórdia” de Jesus tê-lo “tomado” e “libertado novamente”: ‘já vai fazer dois anos que eu estou liberto, literalmente liberto, pra honra e glória dele”.

Atualmente, seu “testemunho de vida fala muito alto” e a sociedade o respeita. Mesmo que venha receber críticas das pessoas da igreja em relação à sua condição sexual, Rafael diz que não se sentirá afetado “em nada”, porque está “estruturado na rocha firme, que é a base da palavra”. Ele ainda reforça sua afirmação dizendo “eu não sou aquilo que eles pensa. Eu sou aquele que eu alimento de dentro para fora e hoje alimento que eu sou macho, imagem e semelhança de Cristo”.

Pensa que passou por todas essas situações desagradáveis porque “a sociedade não quer isso. A sociedade ela tá sendo manipulada a aceitar isso”. Para ele, existe uma pressão por parte dos movimentos LGBT para que os gays sejam aceitos: “se falar, você é preso”, “se for, você vai ser processado”. Embora reconheça que o sofrimento causado pela rejeição da sua sexualidade tenha sido crucial para a sua “escolha” em mudar sua orientação sexual, acredita que mesmo que se não sofresse preconceito, teria deixado a homossexualidade pois “querendo Deus operar, ninguém pode impedir”.

Independentemente do que tenha acontecido, do que ele sofreu ou deixou de sofrer, acredita que Deus o “arrancaria desse caminho”, dessa “opção”. Para ele, Satanás “enxerga os planos de Deus em cada indivíduo” e “tenta amputar isso”. Por isso, na época, ele pensava que a homossexualidade “era o melhor caminho, a melhor opção”. Se relacionava, se prostituia e se sentia “Maria Madalena das Rosas aonde passava”. Apesar de Satanás tentar fazê-lo acreditar que era feliz na homossexualidade, Rafael assegura que “Deus tinha (...) um certo projeto dele e me tiraria de lá porque eu creio que eu sou um projeto de Deus ele me escolheu e ponto final para o inimigo da minha alma”.

Mesmo tendo sofrido bastante com o preconceito a ponto de tentar suicídio e dizendo ser contra a discriminação das minorias sexuais, Rafael vê “com maus olhos os ativistas tentar impor a sociedade aceitar algo que não é normal”. Embora afirme que não discrimina nenhum homossexual e que desaprova esta prática, hoje percebe a discriminação sofrida

durante o período em que era homossexual, como “uma ferramenta para mim colocar no eixo onde estou hoje. (...) Deus permitiu que tudo fosse dando errado até eu encontrar com a base forte, que é o seu filho, que é Jesus Cristo”.

Hoje a vida de Rafael “mudou por completo”. Na sua “opção passada” quando assumiu o “lado homossexual”, “o emprego era difícil”, a socialização, a conversa em “grupo de pessoas era difícil” por causa da discriminação. Hoje, a história é diferente:

> onde eu chego eu sou bem tratado, sou uma carta lida, logo já fala ‘oh, você é crente rapaz! Cê mudou de vida, que bença!’ (...) Deus me pegou bem no mundo de Lamaçal do Pecado, entre a minhas escolhas, as minhas opções, entre aquele pecado, me deu um banho da graça de misericórdia, me lavou e hoje eu tô aí na sociedade, pregando o amor de Cristo.

Rafael é conferencista e desenvolve projetos voltados para o ensino da palavra aos jovens da sua cidade. Através deste projeto, acredita poder transformar a vida destas pessoas e ajudá-las a “encontrar o caminho”. Inclusive há um jovem homossexual e Rafael o ajuda a encontrar alívio para o seu sofrimento:

> (...) eu tô pregando a palavra de salvação. Ele me faz perguntas a respeito do meu passado. Como eu sofri, ele também tá sofrendo. Então eu prego para ele, falo que Cristo pode mudar a vida dele porque tudo tá parecendo ser bom agora, mas no final é caminho de morte. Então creio que a palavra de Deus fala mais forte do que a palavra de um psicólogo, sociólogo, antropólogo, qualquer um aqui na terra, por que ela é apta para isso. Então eu prego isso para eles, e tá tendo grandes frutos. Pessoas que tava a

ponto de cometer suicídio, por exemplo, tão vindo através da base de testemunho e da palavra.

Ele não crê na reorientação sexual, mas sim “na libertação no nome de Jesus Cristo”, porque se a pessoa “com dois anos (...) ficar sem a terapia ele vai voltar tudo, novamente o que ele era, porque a terapia jamais será como a palavra de Deus. Terapia vai te reorientar. Mas a palavra de Deus vai te libertar”.

Um dos maiores sonhos de Rafael é se “tornar um dos maiores pregoeiros da palavra de Deus como ponto de referência para a geração tá chegando”. No futuro, daqui a 3 anos, planeja se casar com sua namorada e ter um casal de filhos.

5 DISCUSSÃO

Um dos primeiros pontos a ser discutido é a adoção do termo “identidade sexual” para se referir à mudança declarada pelos participantes deste estudo da condição de homossexual para heterossexual. Embora bastante controvertido, especialmente dentro de alguns segmentos da militância LGBTTQIA+[5] que afirma não existir identidade sexual, mas sim orientação sexual ou identidade de gênero, optamos por manter o termo por dois motivos. Primeiro, porque ele já vem sendo usado na literatura, inclusive em trabalhos que versam sobre sexualidade e psicologia social (APA, 2009; Gomes & Serôdia, 2014; Pinho & Pulcino, 2016; Silva & Pereira, 2010). Segundo, porque foi a forma como dois dos entrevistados referiram-se ao seu processo de transformação, e por semanticamente abarcar a experiência de todos, preferimos adotar “mudança da identidade sexual” a “reorientação sexual”.

No relatório *Report of the APA Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation*, a APA (2009) mostrou que a orientação sexual envolve pelo menos 3 componentes: o comportamento sexual, a atração sexual e a identidade sexual. O relatório traz diversas pesquisas (Beckstead, 2003; Carrillo, 2002; Diamond, 2003, 2008; Diamond & Savin-Williams, 2000; Dunne et al., 2000; Fox, 2004; Gonsiorek, Sell & Weinrich, 1995 , Hobinch, Konik, Williams, & Crawford, 2004, Kinsey et al., 1948, 1953, Klein et al., 1985, Masters & Johnson, 1979, McConaghy, 1987, 1999, McConaghy, Buhrich, & Silove, 1994; , 1980, Thompson & Morgan, 2008 citados pela APA, 2009) que indicam que existe um conjunto de indivíduos que se envolvem em práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo mas que não se reconhecem ou se identificam como LGB, da mesma forma que existem gays e lésbicas que se envolvem sexualmente com pessoas de outro sexo e não se identificam como

[5] Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersex, Assexuais. O “+” abarca os indivíduos que não se identificam com as pessoas pertencentes ao grupo LGBTTQIA. Como a utilização do termo na militância e na literatura é bastante recente, ao longo do trabalho optamos por utilizar as siglas LGB e LGBT, conforme mencionado pelos autores dos trabalhos citados.

bissexuais ou heterossexuais. Desta forma, ainda de acordo com o mesmo relatório (APA, 2009, p. 30),

> (...) Sexual orientation refers to an individual's patterns of sexual, romantic, and affectional arousal and desire for other persons based on those persons' gender and sex characteristics. Sexual orientation is tied to physiological drives and biological systems that are beyond conscious choice and involve profound emotional feelings, such as "falling in love.". Sexual orientation identity refers to acknowledgment and internalization of sexual orientation and reflects self-exploration, self-awareness, self-recognition, group membership and affiliation, culture, and selfstigma. Sexual orientation identity involves private and public ways of self-identifying and is a key element in determining relational and interpersonal decisions, as it creates a foundation for the formation of community, social support, role models, friendship, and partnering (APA, 2003; Jordan & Deluty, 1998; McCarn & Fassinger, 1996; Morris, 1997; Ponticelli, 1999; Wolkomir, 2001).

Dos quatro sujeitos entrevistados neste estudo, nos aspectos identitários e comportamental, todos afirmam rigorosamente ser heterossexuais. Contudo, ao se falar da atração por pessoas do mesmo sexo, percebe-se que neste aspecto ainda há resquícios do desejo homossexual, tal qual é possível observar no relato de Carlos Daniel quando afirma ainda sentir desejo sexual por pessoas do mesmo sexo, mesmo que esporadicamente. Assim como Carlos Daniel, Junior e Henrique também apontam como causa da permanência deste desejo – presente nos três, em maior ou menor grau – o "vício" do corpo (Rafael foi o único que não deixou explícito se ainda sentia ou não atração homossexual, embora também seja o único que demoniza a homoafetividade). Para eles, se durante muito tempo o corpo é

condicionado a receber determinado estímulo e associá-lo ao prazer, é natural que a atração permaneça mesmo após a extinção deste estímulo. Eles têm a consciência de que a atração, mesmo que numa intensidade bem menor que quando eram homossexuais, pode nunca desaparecer completamente. Para Henrique, tudo é questão de se abrir para as experiências, pois o corpo tem potencial para dar prazer na direção que ele se permitir levar, seja com homens ou com mulheres.

Trindade e Nascimento (2004, p. 147) afirmam que "determinada prática sexual não determina, obrigatoriamente, uma mesma identidade social, uma vez que as práticas sexuais são apenas um dos elementos que contribuem para a construção da identidade". Desta forma, usaremos a expressão mudança de identidade sexual por acreditarmos que ela representa melhor esta parte da trajetória de vida das pessoas entrevistadas nesta pesquisa.

Iniciamos a sessão anterior apresentando os dados gerais dos participantes. Conforme visto no quadro 1 (página 30), foi possível observar que os participantes possuem algumas características bastante heterogêneas. A faixa etária vai de 25 a 49 anos, o tempo de permanência em condição assumidamente gay variou entre 10 meses e 25 anos, e o tempo de mudança de identidade sexual variou entre 2 anos e 23 anos. Em relação às similaridades encontradas entre os participantes, 3 deles estavam envolvidos em relacionamento amoroso, apenas Henrique que não. Além disso, todos os participantes eram cristãos/evangélicos.

O preconceito foi um dos elementos comuns mais presente nas entrevistas. As consequências negativas do ser gay, ou o tipo de produto que os relacionamentos sexuais produziam ou poderiam produzir em longo prazo foi o que também impulsionou os participantes a abandonarem se não a homossexualidade em todos os seus aspectos, ao menos a prática sexual e o envolvimento afetivo com pessoas do mesmo sexo. Por ser direta ou indiretamente a base para o processo de mudança de identidade sexual, o preconceito será usado como guia central para a discussão dos resultados do presente trabalho.

Outro elemento comum em todos os casos analisados, que apareceu em alguns relatos de forma mais explícita que o preconceito social e até do que a própria homofobia internalizada foi a repulsa pelo estilo de vida homossexual. Isso não significa dizer que esta aversão tenha tido maior ou menor peso que o preconceito na decisão de abandonar a homossexualidade, mas sim que o grau de consciência e de ênfase dos participantes a este aspecto foi maior. Como será possível observar mais adiante, em muitos momentos os participantes relatam situações de preconceito e exclusão social que eles próprios não reconhecem como tal ou que passaram por uma ressignificação, chegando inclusive a interpretar algumas atitudes discriminatórias como ato de cuidado.

A repulsa ao modo de vida ou identidade gay, não é necessariamente direcionada ao estilo que os outros homossexuais adotam para suas vidas, mas ao que o próprio indivíduo adotava para si ou que percebiam em relação ao estilo de vida gay de modo geral: a forte associação da homossexualidade com a promiscuidade, mesmo dentro dos espaços considerados “guetos”. Nenhum deles conseguia se enxergar feliz naquele universo, vivendo e retroalimentando o estilo de vida gay. Inclusive, há aqueles que afirmam não ter sofrido preconceito por serem gays, mas que eram infelizes em seus relacionamentos por causa de consequências “naturais” que produziria o relacionamento com qualquer outro homem. Era o inevitável desdobrar da relação afetiva entre dois homens que colocava termo à possibilidade de felicidade em uma vida homossexual. Para eles, apenas caso se relacionassem afetivamente com uma mulher (ou, pelo menos, se não se relacionassem com outro homem, evitando o desprazer do prazer), poderiam encontrar a felicidade.

Este pensamento – que está presente em todos os entrevistados – pode ser explicado se analisarmos o contexto social em que ele emerge. De fato, dentro de uma cultura guiada pela lógica patriarcal e machista, tal como ocorre no Brasil, no que diz respeito a sexo, a mulher, de modo geral, é socializada para o matrimônio enquanto os homens são socializados para

viver a liberdade sexual. Mesmo com os avanços realizados nas últimas décadas de conquista de espaço pelas mulheres, a sociedade ainda vê no casamento o real destino do feminino, educando a mulher para ser o sustentáculo da relação (Amorim, 1992; Heilborn, 2004; Cunha & Alves, 2014).

Desta forma um casal formado por dois homens, socializados dentro de um sistema masculino e machista, tenderá a apresentar mais comportamentos e atitudes relacionadas à competição, menos intimidade, mais liberdade sexual que um casal heterossexual. Isso significa que, "dois homens vivendo juntos podem acirrar essas características e promover crises em suas relações conjugais" (Defendi, 2010, p. 52).

Este paradigma torna-se ainda mais patente quando observamos como acontece a constituição dos relacionamentos homossexuais femininos, visto que estas especificidades dos relacionamentos entre homens homossexuais não são encontradas nos estudos que tratam de conjugalidades lésbicas. Heilborn (2004) ao estudar a conjugalidade entre casais heterossexuais, gays e lésbicos aponta que os casais de mulheres apresentam intenso companheirismo, não dão tanta importância à prática sexual como os gays e a escolha das parceiras não se baseia necessariamente em função da atração sexual.

> (...) é como se a subcultura gay inflacionasse certas configurações simbólicas peculiares ao masculino, o que permitiria entender o valor associado ao sexo nas relações homoeróticas entre homens. Nas relações entre mulheres, diferentemente, destaca–se a ênfase maior no amor, com o sexo ocupando uma posição subordinada. O par lésbico se estrutura de acordo com a representação do feminino como dedicado ao mundo dos afetos. Já entre os gays há um menor companheirismo, em comparação aos pares lésbicos, e uma valorização maior da dimensão erótica das relações. (...) a conjugalidade entre lésbicas, em contraste com os gays, caracteriza–se por ser mais

duradoura e estável, além de haver um maior retraimento doméstico (Goldenberg, 2005, p. 362).

Junior, Henrique, Carlos Daniel e Rafael, momentos antes de tomarem a decisão de deixar de ser gay, viviam sob o jugo de um relacionamento infeliz – infelicidade esta ocasionada pelo “estilo de vida gay”. Junior sofrendo com o vício em substâncias psicoativas e a obsessão do seu parceiro. Henrique em crise tanto no aspecto relacional quanto e em outros aspectos da vida. Carlos Daniel desiludido por nunca encontrar nos homens o preenchimento para seu vazio, pela infidelidade, pela promiscuidade e pela falta de limites dos relacionamentos. Rafael por ser abandonado por um homem casado, com quem sofreu uma desilusão amorosa. Mesmo reconhecendo que casais heterossexuais também possam passar por momentos de dificuldade, eles acreditam que a adoção do estilo de vida heterossexual tem potencial muito maior de lhes fazer feliz. Mesmo que o estilo de vida ou a adoção de uma identidade heterossexual não trouxesse a felicidade desejada, ela seria escolhida por trazer menos sofrimento, vazio e falta de sentido que a homossexualidade. Como se fizessem jus ao ditado popular “dos males, o menor”, ou como se dissessem “se vivendo nos moldes heterossexuais eu posso porventura vir a ser infeliz, vivendo pelas diretrizes da homossexualidade eu tenho certeza que serei muito infeliz, pois já vivenciei e sei o que acontece por lá”. Em outras palavras, todo indivíduo quer a felicidade total, mas na ausência desta, é melhor tolerar as migalhas da felicidade que viver completamente infeliz. Opta-se pelo que considera melhor, ou o menos mal que lhe seja possível.

Sant’Anna (2002 citado por Defendi, 2010) aponta algumas dificuldades encontradas por casais homossexuais masculinos que se intensificam quando eles resolvem viver juntos e que operam como estressores para o casal. Entre outras, refere a associação da promiscuidade à homossexualidade masculina, a resistência da família e da sociedade em aceitar a união,

ausência de modelos aceitáveis para as relações homossexuais que atendam às suas especificidades, além da “forte ênfase latina na dicotomia do gênero masculino e feminino, no qual muitos homossexuais utilizam a relação heterossexual como modelo” (p. 41).

A falta de modelos positivos de referência de homossexuais que são felizes em suas vidas e em seus relacionamentos também ajuda a reforçar o estereótipo do gay solitário e infeliz. De acordo com Nunan (2003) a mídia pode funcionar como um instrumento de promoção da construção de uma identidade social positiva das minorias sexuais. Para ela a apresentação de modelos positivos de homossexuais na mídia é um passo para a superação do estereótipo e para a legitimação do grupo minoritário. Apesar dos entrevistados não se debruçarem na busca pela explicação da origem ou a causa desta infelicidade trazida pela vivência gay, o caráter antinatural da homossexualidade foi a explicação mais apontada nas entrevistas.

Nenhum dos entrevistados acredita que seja possível ser homossexual e ser feliz. É uma combinação praticamente impossível de se realizar. Henrique enfatiza a velhice como o período crítico do sofrimento homossexual. Rafael vai além: acredita que mesmo que haja um homossexual que seja plenamente feliz (isso numa situação altamente hipotética), quando esta pessoa morrer e passar desta vida para a vida eterna, lá ele certamente não será feliz. Ou seja, de uma forma ou de outra para o homossexual está reservado a tristeza, a solidão e o sofrimento, seja nesta vida ou no pós-morte.

Embora todos os entrevistados fossem cristãos/evangélicos, as referências à religião como um dos fatores que contribuíram para a formação do contexto tomada de decisão de deixar a homossexualidade variaram bastante de participante para participante. Ao discorrerem sobre a influência dos discursos religiosos sobre a subjetivação dos sujeitos presentes em sites cristãos que oferecem auxílio para indivíduos que buscam abandonar a homossexualidade, Silva e Menandro (2016) mostram o nível de desespero de muitos gays que

procuram auxílio religioso para realizar a reorientação sexual e o poder massacrante que as interpretações conservadoras do código moral e doutrinário cristão exerce sobre eles. Eles chegam à conclusão que a ideologia alimentada pelos cristãos fundamentalistas criando uma representação negativa da homossexualidade chega a ser tão forte que "se torna plausível que, para os indivíduos homossexuais inseridos neste contexto, a busca pela 'cura' seria a saída mais coerente" (p. 12).

Diversos estudos (Machado, Piccolo, Zuco & Neto, 2011; Nascimento, 2009; Nascimento, 2015; Natividade, 2006; Natividade e Oliveira, 2009; Natividade, 2013; Santos, 2017; Silva & Barbosa, 2015; Trindade Mesquita, & Perucchi, 2016, dentre outros) abordam a relação entre a homossexualidade e a religião e discutem o poder que o discurso cristão tem para provocar sentimentos negativos em indivíduos homossexuais.

Enquanto a religião assumiu lugar central na trajetória de Rafael e um papel coadjuvante, porém não menos importante nas trajetórias de Junior e Henrique, para Carlos Daniel ela sequer foi mencionada como facilitadora ou impulsionadora da sua mudança. Em todo o discurso deste último parece haver, inclusive, uma tentativa de evitar mencionar religião na entrevista. É como se ela pudesse invalidar ou diminuir tudo o que ele viveu, ou como se ao falar que teve influência da religião para ser quem ele é hoje, o seu relato fosse menos científico ou menos válido como dado de nossa pesquisa.

De todos os participantes, Carlos Daniel pareceu ser o mais influenciado pela desejabilidade social[6], aquele que mais buscou dar respostas socialmente aceitáveis. Mesmo que, no início da entrevista, nós fizéssemos apelo à sinceridade e garantíssemos o anonimato das respostas, é possível que ele acreditasse que, para o contexto acadêmico – do qual ele

[6] "A desejabilidade social reflete uma propensão por parte das pessoas a dar respostas consideradas como socialmente mais aceitáveis e a negar associação pessoal com opiniões ou comportamentos considerados socialmente desabonadores" (Ribas Jr, Moura & Hutz, 2004, p. 83).

também outrora fizera parte – inserir a religião como fator interveniente, pudesse passar uma imagem menos crível da sua mudança.

Outro aspecto imprescindível a ser levado em consideração é o sentimento de culpa decorrente de uma homofobia internalizada. Se o indivíduo passou por todas as fases de seu desenvolvimento ouvindo que é errado/feio/pecado ser gay ele pode, mesmo sem se dar conta, acreditar que é uma pessoa má ou que vale menos por possuir desejos homossexuais. Portanto pode não se achar merecedor de ser feliz e, num processo de autossabotagem do qual pode não ser consciente, consequentemente não se sentir feliz. Desenvolve pensamentos como "não sou digno de ser feliz" ou "não mereço ser amado por sentir tais desejos". Joffe (2011) constata que mesmo quando há propensão para acreditar que ocorrências de natureza negativa têm sua gênese em grupos alheios e não àqueles aos quais estamos psicologicamente filiados (exogrupo), "se alguém é constantemente bombardeado com representações que ligam seu próprio grupo a esses acontecimentos, ele pode internalizar tais representações" (p. 301).

Todo este processo de introjeção do preconceito social, da internalização da culpa e da impossibilidade de ser feliz ocorre majoritariamente em nível inconsciente, o que faz com que seja mais difícil para o sujeito se libertar das amarras sociais nas quais ele próprio foi levado a se prender. Não possuindo clara consciência da fonte do seu sofrimento, ou atribuindo a causa do seu sofrimento às consequências da homossexualidade e não à hostilidade social que a precede, o indivíduo tenderá a acreditar que o "defeito" está nele, já que a maioria das pessoas que fazem parte do seu círculo social apresenta a mesma base ideológica em seus discursos. Observando o fenômeno por esta lógica, seria muito mais fácil para o homossexual acreditar que todo mundo está certo e que ele está errado, e que, portanto, ele é quem deve prover meios para mudar a situação em que se encontra.

Isso absolutamente não significa dizer que a homossexualidade é uma coisa ruim ou boa em si mesma. Pretendemos com estas considerações interpretar o fenômeno da

autodeclarada mudança de identidade sexual compreendendo as condições nas quais ocorre para cada um dos participantes, buscando evitar ao máximo possível a interferência de juízos de valor. Com tudo o que foi discutido até agora, pretendemos deixar mais clara a análise realizada nas histórias dos entrevistados. Embora os sujeitos desta pesquisa individualmente não façam essa associação, a análise do conjunto de histórias nos revela muito mais sofrimento pelas consequências do ser gay no contexto em que estavam inseridos (tristeza, infidelidade, preconceito, deslealdade, promiscuidade, etc.) do que pelo fato em si de ser gay (de sentir atração afetiva e sexual por pessoas do mesmo sexo). E isto decorre, principalmente, de sua inserção social, tendo em vista que antes mesmo de manifestarem seus primeiros sentimentos de afeto em relação a uma pessoa do mesmo sexo, seu sistema de significações e representações já havia sido repleto de associações da homossexualidade a imagens negativas.

A lógica de internalização de representações negativas sobre a homossexualidade parece se repetir em todos os entrevistados, com exceção de Carlos Daniel, o que indica que nem todos os homossexuais são influenciados do mesmo modo ou com a mesma intensidade pelas interferências culturais do contexto do qual eles fazem parte. Devemos levar em consideração que, apesar de todos os entrevistados fazerem parte da cultura brasileira analisando em um contexto mais amplo, eles estavam inseridos em lugares completamente diferentes, cidades e estados que possuem particularidades em sua cultura local. E mesmo que todos fossem do mesmo lugar, nada garante que a introjeção da cultura heterossexista seria similar, haja vista que cada um pode reagir de maneira peculiar à influências externas, pois os indivíduos podem perceber os fenômenos que os cercam de maneira bastante diversa. Por isto, os níveis de preconceito sexual internalizado podem variar muito de pessoa para pessoa.

Nunan, Jablonski e Féres-Carneiro (2010, p. 255) definem o preconceito sexual internalizado como “a aceitação pelos indivíduos homossexuais das atitudes negativas

veiculadas pela sociedade em relação à homossexualidade. Tal aceitação resulta em sentimentos negativos sobre si mesmo – principalmente culpa e vergonha de ser ou de experienciar desejo homossexual”. A ideia de que ser gay é algo negativo origina-se essencialmente da matriz heteronormativa, que regula e dita padrões a serem introjetados pelos corpos sexuados pelas vias da heterossexualidade compulsória (Butler, 2016). De acordo com Borrilo (2013) o modo como muitos homossexuais percebem a si mesmos é fortemente influenciado pelos rótulos atribuídos pelo discurso heterossexista. Para ele, nos embates de poder existentes entre estes grupos, o heterossexual, maioria dominante, estereotipa e homogeneiza o homossexual, minoria estigmatizada, criando uma legitimação normatizada, uma identidade estereotipada, que é integrada em grande parte pelo grupo minoritário. Como se a existência do gay só fosse possível a partir do olhar e da autorização da norma heterossexual. De acordo com o autor, fica difícil para o indivíduo escapar dos conflitos interiores produzidos por uma não adequação da sua orientação afetivo/sexual aos valores positivos sociais que se baseiam na superioridade psicológica e cultural da heterossexualidade. E acrescenta, dizendo que

> Além disso, os gays e as lésbicas crescem em um ambiente que desenvolve abertamente sua hostilidade anti-homossexual. A interiorização desta violência, sob a forma de insultos, injúrias, afirmações desdenhosas, condenações morais ou atitudes compassivas, impele um grande número de homossexuais a lutar contra seus desejos, provocando, às vezes, graves distúrbios psicológicos, tais como sentimento de culpa, ansiedade, vergonha e depressão. O estereótipo ainda disseminado sobre o homossexual incapaz de ter uma vida afetiva plenamente desenvolvida, sem família nem filhos, e sendo obrigado a levar seus dias numa solidão insuportável – aliviada, às vezes pelo suicídio – obceca a mente de numerosos gays que, para evitar este “destino

> trágico", envolvem-se em uma tentativa de rejeição de sua própria sexualidade (Borrillo, 2013, p. 101).

Esta internalização da hostilidade anti-homossexual se encontra mais nítida nas histórias de Rafael, que entrou em depressão e tentou suicídio por não se sentir aceito, e de Henrique, que revelou possuir uma enorme repulsa à possibilidade de solidão quando se tornasse uma "bicha velha". O suicídio foi tentado por Rafael quando ele se deu conta de que não adiantava lutar contra as forças opressoras da sociedade, que eram muito maiores do que ele poderia suportar, conforme seu relato.

A tentativa de suicídio – e o suicídio – decorrente da não aceitação social da homossexualidade no indivíduo não é um fenômeno incomum e isolado. Um estudo realizado com adolescentes e jovens escolares no estado de São Paulo (Teixeira-Filho & Rondini, 2012) apontou que a prevalência de ideações suicidas entre as pessoas heterossexuais foi de 20,7% enquanto para as pessoas que faziam parte do grupo de não-heterossexuais (gays, lésbicas, bissexuais e outros) foi de 38,6%. Já as tentativas de suicídio apresentaram um total de 31% para os respondentes heterossexuais e de 47,4% para os não-heterossexuais. Confirmando dados de outras pesquisas, inclusive realizadas em outros países, os autores chegam à conclusão de que as pessoas não heterossexuais são mais propensas a pensar e tentar suicídio que as pessoas heterossexuais. Para eles a pressão social decorrente de uma sociedade heteronormativa potencializa o estado de melancolia do sujeito tornando mais difícil "o luto da heterossexualidade, que é um passo fundamental para a construção de uma identidade sexual na qual a pessoa se reconheça e se sinta autorizada a expressar seus desejos, ainda que o contexto em que viva não seja propício" (Teixeira-Filho & Rondini, 2012, p. 661).

Esse cenário, ao mesmo tempo em que serve como denúncia, chama a atenção para o preconceito contra as minorias sexuais como um problema de saúde pública. Rafael, assim

como milhares de outros homossexuais, usou todos os recursos pessoais que possuía para desvencilhar-se dos efeitos negativos decorrentes da sua orientação sexual. Fracassando em suas tentativas e não vislumbrando outra saída, decidiu pôr um fim no seu sofrimento colocando um fim na sua vida. Não obtendo sucesso, buscou na religião um espaço para executar outras possibilidades de vivenciar sua sexualidade, não cogitadas até então.

Não há indícios no relato de Henrique que indica que seu nível de desespero possa ter chegado ao ponto de tentar acabar com a sua vida. A sua angústia maior estava concentrada no devir, naquilo em que ele poderia tornar-se, naquilo que ele e os gays que faziam parte da sua geração tinham pavor. Conforme se pode observar em sua narrativa ele expressa claramente esta preocupação. Percebe-se com isso a forte associação da homossexualidade ao estereótipo do gay que se vê "obrigado a levar seus dias numa solidão insuportável", conforme explanado por Borrillo (2013, p. 101).

Observa-se que, apesar da mudança relatada por Henrique ser bastante influenciada pelo medo de uma velhice afetivamente solitária, ele é o único dos entrevistados que não está em um relacionamento heterossexual e sua narrativa não contém indícios que apontem para uma priorização de uma relação desta natureza na sua vida. O que ele mais temia que acontecesse consigo enquanto homossexual está acontecendo agora enquanto heterossexual e isso parece não o incomodar de forma alguma. A solidão do envelhecer heterossexual não é compreendida por ele como algo necessariamente negativo.

Nenhum dos entrevistados, além de Henrique, mencionou como fator importante na decisão sobre a decisão da mudança da identidade sexual as possíveis consequências negativas de um envelhecer na homossexualidade. É possível interpretar como intensa aversão o que demonstra Henrique quando se nega a tornar-se uma "maricona", uma "bicha velha", que para conseguir alguém para lhe fazer companhia teria que pagar. Entretanto,

Henrique, de fato não chegou a ser um gay idoso para saber se todo o cenário que ele projetava equivaleria à realidade daquele grupo ao qual atribuía valor negativo.

Um estudo realizado por Maia, Pereira e Medrado (2011) sobre os significados de velhice produzidos em um contexto de sociabilidade masculina revelou que as representações e significados atribuídos socialmente aos indivíduos considerados velhos não eram compartilhados pelo grupo. Até os homens que possuíam mais de 70 anos não se consideravam velhos. Para eles, "velhos eram os outros, aqueles que ficavam em casa, que após aposentarem-se, entregam-se à espera da morte chegar" (p. 163). Seguindo esta mesma lógica, o fato de Henrique achar as "bichas velhas" solitárias e cheias de tristeza não significa necessariamente que essas pessoas sentissem tristes e solitárias. Significa que as vivências pelas quais passou e a leitura de mundo realizada por Henrique o levaram a crer que assim era com elas e com ele assim também seria. Esse modo de pensar sobre a homossexualidade da "bicha velha" reflete muito mais seu sistema de crenças e representações, do que o estado de felicidade e plenitude daqueles sujeitos.

Em outras palavras, o significado produzido sobre o envelhecimento na perspectiva de um gay jovem pode diferir consideravelmente do modo como os homens gays de idade avançada representam a si mesmos. De forma análoga ao que aconteceu no grupo de homens heterossexuais em relação à velhice, num conjunto de homens homossexuais a probabilidade de se atribuir aos "outros" as características negativas de se fazer parte de determinado grupo é alta: os homens do estudo de Maia, Pereira e Medrado (2011) reconhecem-se idosos, mas resistem em nomear a sua identidade como velhice, dizendo que velhos são os outros, que não obedecem determinados critérios estabelecidos por eles; os homens gays de idade avançada que Henrique via e temia ser poderiam da mesma forma se reconhecer como idosos, mas não como mariconas, justificando sua posição referindo uma lista de coisas que as "mariconas" e

“bichas velhas” fazem que eles, homossexuais idosos, jamais fariam. Como disse Simone de Beauvoir (1990, p. 35) “velho é sempre o outro”.

Em levantamento da produção científica de novo campo de estudo que vem sendo chamado de “gerontologia LGBT”, Henning (2017, p. 287) constatou que “o momento contemporâneo assiste pela primeira vez a esses sujeitos alcançarem a meia-idade e a velhice sem serem submetidos ao contexto visto como de extrema perseguição, controle e estigmatização de boa parte do século XX”. Na sua tese de doutorado (Henning, 2014) o autor discutiu questões relacionadas a sexualidade e aos processos de envelhecimento de homens na meia-idade ou mais velhos que realizavam sexo com outros homens e/ou se identificavam como homossexuais. Os resultados encontrados através de suas entrevistas e de observação participante revelam uma estrutura discursiva bastante similar com os resultados encontrados pelo estudo realizado com homens heterossexuais de Maia, Pereira e Medrado (2011). Em suas considerações finais, Henning (2014, p. 388) revela:

> Logo, no ponto de vista êmico, entre meus interlocutores não existiriam propriamente “velhos”, haja vista que o “velho” costumava ser apontado como sendo sempre o outro, as “mariconas que se deixam envelhecer”, as “bichas caquéticas” ou aqueles que teriam “desistido da vida”.

Um fato que pode ajudar a explicar a aversão de Henrique em se tornar velho na condição de homossexual é a experiência que teve ao lado de Josias, o cozinheiro da empresa do pai, pessoa que ele tinha admiração e em quem se espelhava. Quando Henrique contou da sua homossexualidade, Josias o repreendeu veementemente, conforme já relatado em sua trajetória de vida e mudança.

Joffe (2011) alega que a interação de experiências da infância em interface com experiências da vida adulta, durante seu desenvolvimento, bem como imagens transmitidas pela mídia faz com que os sujeitos tornem-se predispostos a enfatizar algumas representações sociais em detrimento de outras. Henrique dá ênfase em todas as experiências negativas que teve com a homossexualidade durante a sua vida. Mesmo admitindo ter vivido momentos felizes, a centralidade do seu discurso volta-se para os momentos infelizes, de repulsa, raiva, rejeição e revolta. Ele, então, carrega consigo esta representação que vai sendo reforçada por inúmeras informações e teorias sobre a homossexualidade presentes no espaço que ele transita. O episódio vivenciado com Josias foi um marco pontual e decisivo na construção da sua representação de "bicha velha", destacando o papel que o afeto exerce na gênese das representações sociais.

Tomando por base as diferentes perspectivas vivenciais de preconceito emergentes na análise das histórias dos sujeitos deste estudo, podemos diferenciar pelo menos dois aspectos ideológicos da homofobia: um do tipo indulgente e o outro que tem como marca principal a agressividade. O primeiro aspecto produz aquilo que podemos chamar de homofobia do amor condicional, aquela onde o indivíduo é acolhido, protegido de ameaças de grupos externos, e a ele são dirigidos carinho e afeto. Em troca disto, exige-se que a homossexualidade, dimensão considerada repulsiva que faz parte da constituição do indivíduo, seja extirpada o mais rápido e completamente possível. Caso isto não seja possível, então que pelo menos haja um esforço da parte do indivíduo para manter controlada e não ativada a sua pertença a este grupo. Quanto mais seu comportamento se distancia dos comportamentos considerados homossexuais, mais valor ele recebe dentro do grupo que o apoia. A homofobia do amor condicional encontra um sólido suporte no meio cristão, onde é comum circular a máxima "eu aceito você, mas não aceito a sua homossexualidade", como se a homossexualidade *também*

não fosse o sujeito. Isto é reflexo do seguinte pensamento que Santo Agostinho deixou em seus ensinamentos “ame o pecador, mas odeie o pecado”[7].

Santos (2003) ao discutir uma perspectiva cristã sobre a homossexualidade analisa o fenômeno como um dos “muitos desafios morais” que a igreja deve enfrentar e a chama para “sustentar uma postura corajosa, inteligente e bíblica” em relação à homossexualidade. O texto serve como um guia para as igrejas cristãs e ao mesmo tempo em que propõe desfazer estereótipos sobre os gays, incita uma batalha contra eles ao considerar a homossexualidade um desafio a ser vencido pela igreja evangélica. O autor aponta alguns pressupostos básicos pelos quais uma análise cristã da homossexualidade deve orientar-se:

> Em primeiro lugar, ainda que se aceite o ensino bíblico contrário às práticas homossexuais, não se devem desumanizar as pessoas envolvidas, estigmatizando-as como se fossem menos que seres humanos. Os homossexuais são, como bem colocou J. R. W. Stoot, “apenas pessoas humanas feitas à imagem e semelhança de Deus, ainda que caídas, com toda a glória e tragédia que este paradoxo possa implicar”. Todos foram criados à imagem de Deus. Ainda que esta imagem tenha sido desfigurada pelo pecado, ninguém deixa de possuí-la. Em segundo lugar, a atitude de cristãos ao examinarem o homossexualismo deve ser a de pecadores redimidos pela graça de Deus e não a de fariseus que não admitem lutas contra qualquer forma de tentação sexual. (...) Em terceiro lugar, deve-se lembrar que a redenção efetuada pelo Deus gracioso tem em vista a restauração integral do ser humano, inclusive aspectos distorcidos de sua sexualidade (Santos, 2003, p. 102-103).

[7] Carta 221da Patrologia Latina (1845), v. 33.

Em um estudo que teve por objetivo mapear posicionamentos e discursos religiosos brasileiros direcionados à diversidade sexual, Natividade e Oliveira (2009) identificaram um fenômeno que foi chamado de homofobia pastoral, manifestação bastante corrente do aspecto indulgente da homofobia. Os autores observaram que os sujeitos (ditos pecadores) eram chamados e acolhidos nas igrejas e nos cultos evangélicos com o objetivo de serem transformados. Segundo eles, "gays, lésbicas e travestis são recebidos em grupos religiosos visando sua sujeição a um projeto de regeneração moral. O sujeito é submetido a rituais de purificação que, em última instância, reforçam o estigma que incide sobre pessoas que aderem a identidades e práticas homossexuais" (p. 208). Os autores chegaram à conclusão que o acolhimento oferecido pelas igrejas evangélicas trata-se de uma política higienista, que, embora não incida diretamente sobre os indivíduos com a atemorização da violência física, confronta e desqualifica as sexualidades minoritárias, julgadas como indesejáveis. A acolhida pastoral trata-se, portanto, de uma estratégia de regulação da sexualidade.

O segundo aspecto da homofobia identificada nos relatos desta pesquisa, a homofobia do degredo total, trata-se da violência, muitas vezes elevada ao grau máximo contra o homossexual, refletida no desprezo, na exclusão, no proferimento de palavras dotadas de intencionalidade de humilhação e vergonha, e até a morte. É como se dissesse "eu não aceito você porque você é uma aberração e não é digno de estar onde eu estou, nem fazer o que eu faço, nem querer viver como eu vivo. Você não merece.".

Os participantes deste estudo não interpretaram o aspecto indulgente da homofobia como atitude preconceituosa, mas como uma demonstração de preocupação, de afeto e de amor. Junior, inclusive, reconhece que o afastamento que houve entre ele e sua família no período em que viveu na homossexualidade, e a postura de suas irmãs de o aceitarem mas não aceitarem seu parceiro foi positivo, porque o fez refletir sobre situação que estava e o ajudou a tomar a decisão de "voltar para a presença do Senhor" e abandonar a homossexualidade. Esta

concepção “aceito você, mas não a sua homossexualidade” é claramente expressa no pequeno diálogo que os irmãos têm durante a entrevista:

> **Cordélia (irmã)**: Nós nunca deixamos ele. Nós não.
>
> **Júnior**: Eu deixei
>
> **Cordélia**: Mas a gente aceitava você a qualquer hora.
>
> **Junior**: Mas meu companheiro de forma nenhuma. Então a minha família, ela sempre teve esta postura, né? (...) "Você é bem-vindo, MAS...”, “PORÉM...”, “não" (ênfase dada pelo entrevistado).

De modo semelhante, Rafael sentia-se grato à sua mãe por tê-lo conquistado “à base de oração”, e via como um apoio a atitude que ela e os membros da comunidade religiosa que ela fazia parte tiveram em relação à sua homossexualidade, como um fator de proteção para a sua libertação. No caso de Rafael, o modo particular de subjetivação da homofobia do amor condicional e a ressignificação de atos de hostilidade contra si em decorrência da expressão da sua sexualidade são ainda mais expressivos que nos outros três casos deste estudo. Na primeira vez em que aceitou Jesus, ficou cerca de um ano na igreja, mas, mesmo dentro da igreja, havia pessoas “que ficavam atirando pedra”, o “martirizando”, pois não acreditavam na sua mudança. Ele representava uma ameaça à distintividade grupal dos membros daquele grupo. Essas atitudes direcionadas a ele o fizeram sucumbir, sair da igreja, voltar para a sua antiga sexualidade e tentar suicídio. Na época, Rafael assume ter chegado a pensar que estava sendo discriminado. Atualmente acredita que elas eram “fracas de fé”.

Uma explicação possível para a elaboração psíquica da homofobia do amor condicional como demonstração de cuidado ao invés de violência psicológica poderia ser a forte presença do sentimento de culpa por ter sido homossexual. É possível que esses sujeitos

acreditassem merecer passar pelas situações que vivenciaram, pois na realidade social em que estavam inseridos, toda a rede de significados sociais em torno da sexualidade foi construída a partir de uma matriz heteronormativa, que possui uma natureza exclusivista e acusa todos que fogem à norma de estarem saindo do caminho direito. Conforme Silva e Menandro (2016) não é difícil supor que haja grande culpa em um homossexual inserido neste contexto, tendo por base a angústia gerada pela não correspondência do seu desejo plural à univocidade sexual autorizada pela heteronorma.

Ao contrário do que aconteceu com Junior, Henrique e Rafael, Carlos Daniel foi o único que fez questão de destacar que não sofreu nenhum tipo de preconceito por ser gay, que sempre foi bem aceito ou que, quando não ocorria, isso não o afetava absolutamente. Para ele, de forma alguma, o preconceito influenciou na sua decisão de mudança de identidade sexual. Mais uma vez os casos nos mostram que cada homossexual compreende e significa o (possível) preconceito sofrido conforme suas experiências individuais, podendo ou não interpretá-lo de forma negativa.

Outra questão deve ser discutida neste sentido. Vimos que os participantes deste estudo optaram pela realização do movimento que Tajfel (1983) chamou de mobilidade social, ou seja, os sujeitos foram levados a abandonar o grupo do qual faziam parte (valorizado negativamente, e que, portanto, não oferecia condições adequadas para o indivíduo manter uma identidade social positiva) para fazer parte de outro grupo (valorizado positivamente, permitindo a manutenção de uma identidade social positiva). Deixaram de ser “o outro”, de fazer parte do grupo de contraste para pertencer ao grupo hegemônico, de referência.

Contudo, as fronteiras entre o “eu” e o “outro” podem ser diferentes, variando conforme o lugar que os sujeitos ocupam dentro de determinado grupo. De acordo com Pereira (2002), existe uma lógica no modo como o outro é percebido, seja dentro ou fora do

grupo de pertença. Para ele, “o outro é aquele que eu não quero ser” (p. 34). É neste ínterim que emerge a possibilidade do sujeito que realiza este processo de mudança de identidade sexual sofrer duplo preconceito: de ser hostilizado por integrantes tanto do grupo que ele deixou quanto do grupo do qual ele agora sente que faz parte.

De um lado está a comunidade homossexual, que o indivíduo decide abandonar seja objetivamente, seja psicologicamente. Se antes, esta comunidade poderia servir de apoio aos problemas emocionais advindos da assunção de uma identidade homossexual, agora ela não tem motivo para fazê-lo justamente porque a existência de alguém que “mudou de lado” ameaça o argumento essencialista usado por parte da comunidade gay para legitimar sua orientação sexual. Ferreira (2013), inclusive, questiona a estratégia utilizada pelos movimentos LGBT de dar centralidade ao componente genético como determinante da sexualidade. Ele diz que, através do argumento biológico, os homossexuais buscam por espaço e respeito, pois, argumentando pelas vias da natureza, ser gay torna-se mais socialmente aceitável, como se dissessem que os gays não tiveram culpa de ter nascido assim, e, se nasceram assim, não podem mudar. Ter por perto alguém que conseguiu deixar de ser gay poderia, então, ameaçar a força do argumento utilizado.

No relato de Henrique percebemos a hostilidade a ele direcionada por seus amigos homossexuais no início do seu processo de mudança: “eu sofri o preconceito às avessas quando quis arranjar namorada e os amigos meteram o pau”. Para os homossexuais, incentivar alguém que quer deixar de ser gay equivale a assumir que é possível mudar. E de acordo com a lógica daqueles que defendem a mudança (os militantes da causa ex-gay), se um conseguiu mudar significa que é possível que outros/todos mudem. Seguindo este pensamento, a mera existência de alguém que, por seus próprios esforços, conseguiu abandonar a homossexualidade deixaria implícita a mensagem que os gays não mudam porque não querem

ou não se esforçam o suficiente, porque aquele sujeito seria a prova viva de que é possível mudar.

De outro lado está a comunidade heterossexual, a que ele decide se filiar, mas que pode não querer aceitá-lo como um dos seus por acreditar que ele representa uma ameaça à sua masculinidade e às barreiras da distintividade grupal. Com a presença dos “novos heterossexuais” dentro do grupo, os “heterossexuais de raiz” investiriam mais energia para manter rígida a fronteira que separa os seus atributos positivos e os atributos negativos atribuídos ao grupo alheio. Podemos perceber este afastamento imputado a estes indivíduos através dos relatos reproduzidos abaixo, de suas experiências de preconceito pós-mudança:

> Porque a pessoa não vê exatamente como ex. Ela vê como um potencial "será? Será que mudou? Será que ele vai me dar uma cantada? Será que ele vai mexer com meu filho?" (Henrique).

> (...) um pastor, num encontro, ele falou assim "Olha, se o pastor Junior for, eu não vou e não deixo a minha igreja ir.". Isso foi muito ofensisvo. (Por estar se relacionando com alguém que já se assumiu como gay), sofreu críticas, minha esposa. Perseguição. Calúnias. Cantadas de colegas de trabalho. Toda sorte de abusos morais. Mas nós conseguimos vencer (Júnior).

> Tipo, “vai esconder por trás da Bíblia”, “não vai ficar aqui muito tempo”, “isso é só de fachada”... isso acaba matando aquilo que você quer alimentar. Eu acreditava que poderia ser uma nova pessoa, por época, dentro da igreja. Foi aonde eu desviei e me tornei novamente a assumir o caminho novamente (Rafael).

Ao que nos parece, não importa a que grupo sejam filiados. O que sempre ronda estes sujeitos, com exceção de Carlos Daniel, é a pressão social, seja para deixar a homossexualidade seja para provar que a mudança foi verdadeira. Eles são chamados a todo o momento para se comportarem de acordo com o papel social designado ao *homem de verdade*.

Ao longo do tempo convencionou-se a estipulação de um ideal de gênero, tanto para o homem quanto para a mulher. Segundo esse ideal há determinadas qualidades que devem ser perseguidas pelos indivíduos para que possam obter reconhecimento dentro da sociedade que fazem parte. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a masculinidade está intrinsecamente relacionada a determinados atributos que representam o homem de verdade, tais como a virilidade, atividade, força física, atitude e coragem (Silva, 2000; Souza, 2005). Esta pressão social presente na tentativa de se atingir este modelo idealizado de homem não acontece apenas com quem passou pela mudança de identidade sexual. Para Trindade e Nascimento (2004) a busca pelo modelo de masculinidade hegemônica está presente em todo o processo de socialização do homem e a vigilância mútua faz parte deste processo. Para os sujeitos desta pesquisa, contudo, a vigilância, a cobrança e a expectativa parecem ser muito maiores. E, neste caso, a expectativa parte de dois sentidos diferentes: de um lado existe um grupo que apoia e espera que eles continuem sendo heterossexuais, desempenhando firmes e fortes o seu papel de homem e de outro existe um grupo que desacredita na mudança e que fica torcendo e esperando que eles tenham uma “recaída” e mostrem sua “verdadeira face”. Mais uma vez, recuperar a fala dos próprios sujeitos nos parece bastante elucidativo:

> Porque muitas pessoas falam assim "mas a religião é uma forma de você se esconder". Um subterfúgio, né?. (...) eu não sou aquilo que eles pensa. Eu sou aquele que eu

> alimento de dentro para fora e hoje alimento que eu sou macho, imagem e semelhança de Cristo (Rafael).

> As pessoas, elas olham pra você, elas ficam com uma interrogação na cabeça. (...) "Até quando o Junior vai conseguir?". (...). Fica gorando pra poder dar tudo errado. (...) Assim, a gente convive com todo mundo, mas algumas pessoas te aceitam melhor, outras não. (...) Eu não tenho que provar pra ninguém se eu sou hétero, se eu sou homo, se eu sou bi. Não, eu não preciso. É a minha atitude, o meu comportamento que vai dizer (Junior).

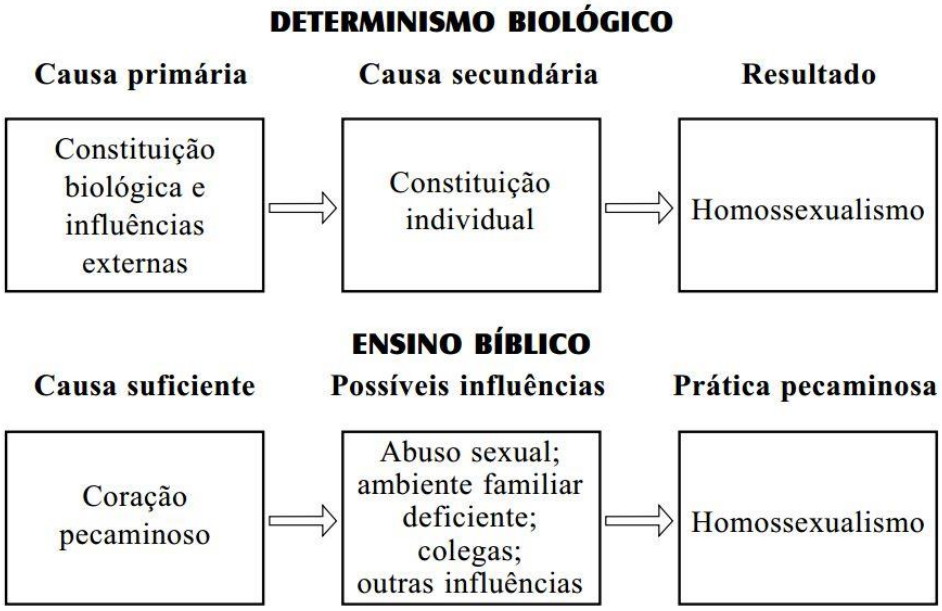
Ao dizer “eu não sou aquilo que eles pensam”, Rafael procura reforçar a distintividade intergrupal entre o grupo que ele fazia parte e o grupo que ele agora é. Relatos que buscam demarcar território e deixar mais nítida a barreira entre “o que eu era” e “o que eu sou” podem ser encontradas em todos os participantes. Henrique inclusive reconhece que esta é uma prática valorizada nas igrejas evangélicas, que incentivam a “cultura do testemunho”. Nesta perspectiva, quanto pior era a vida do sujeito outrora (ou quanto pior são as características atribuídas ao grupo do qual ele fazia parte) e quanto maior a mudança sofrida (quanto mais se aproxima em termos identitários dos valores, crenças e práticas do grupo que agora participa), mais valor ele terá dentro da comunidade cristã, maior reconhecimento adquire, visto é recorrente acreditar que o tamanho do milagre é reflexo direto do tamanho da fé de quem o recebe.

Nos termos da Teoria da Identidade Social, Pereira (2002) afirma que o grupo só adquire valor à medida que é comparado com outro (s). Desta forma, os santos só são valorizados por serem santos porque existem os pecadores. Sem outro grupo para realizar um contraste, a identidade de um grupo deixa de existir. Pereira assegura ainda que quanto maior

a necessidade de tornar positiva a imagem do grupo próprio, mais distorcida tenderá ser a imagem criada do grupo alheio. Sendo assim, é compreensível que os relatos estejam repletos de imagens negativas do estilo de vida gay de um modo geral e de modo específico das vivências que os participantes tiveram quando homossexuais.

Neste sentido, percebe-se que os participantes utilizam uma estratégia de manutenção do autoconceito positivo ao tentarem se distinguir do grupo dos homossexuais. Este autoconceito positivo promovido pela distinção do grupo próprio é evidenciado especialmente na fala de Rafael quando afirma que todos os gays só não saiam “dessa vida” porque não tinham força. Ele, ao contrário dos outros indivíduos do seu grupo, era forte o suficiente para sair deste estado considerado inferior, força esta que os outros membros do grupo não possuíam.

Os entrevistados apresentaram uma evidente necessidade de explicitar as origens dos seus desejos homossexuais, para posteriormente justificar que a reversibilidade total ou parcial deste desejo era possível. Os discursos apontavam para uma clara relação entre as teorias explicativas trazidas pelos participantes e as teorias psicológicas e psicanalíticas sobre a sexualidade. As justificativas apresentadas pelos entrevistados também vão ao encontro ao que Santos (2003) chama de explicação do ensino bíblico, conforme explicita na figura a seguir:



Fonte: Santos (2003, p.107)

Assim como no texto de Santos (2003), as explicações apresentadas para a "produção" da sua homossexualidade (e vez ou outra para a explicação da homossexualidade alheia) foram: (1) ausência paterna, seja ela física ou afetiva; (2) abuso sexual na infância; (3) presença muito marcante da figura materna na educação.

Além destes 3 fatores considerados cruciais, foram mencionados como fatores periféricos que adicionalmente podem influenciar o "tornar-se gay" de um indivíduo, experiências prazerosas derivadas de "brincadeiras" com pessoas do mesmo sexo nos momentos iniciais da descoberta sexual e também a influência de Satanás.

É interessante ressaltar que tanto nossos entrevistados quanto os autores cristãos que discutem a homossexualidade (Calvani, 2010; Craig, 2010; Ellens, 2011; Proença, 2008; Santos, 2003; Stoot, 1993; Viula, 2010, dentre outros) reforçam a crença no caráter construtivista da homossexualidade e no caráter essencialista da heterossexualidade. Para eles, a homossexualidade trata-se de uma construção social desviante, enquanto a heterossexualidade é a condição natural do homem. Na lógica defendida por eles, todo ser

humano nasce heterossexual; suas experiências e escolhas ao longo da vida é que vão definir se assim ele permanece ou se desvia do caminho traçado pela natureza divina.

Carlos Daniel foi o único que fez questão de ressaltar que a homossexualidade, a partir do seu ponto de vista, não tem relação com entidades espirituais. Já Rafael foi o único que não mencionou ausência paterna enquanto elemento fundante da homossexualidade. Os outros dois participantes mencionaram, sem dar atenção especial a uma ou a outra questão específica, todos os outros fatores apontados anteriormente. Carlos Daniel concentra sua explicação nas causas ambientais, afirmando categoricamente que o que leva alguém a se tornar homossexual é a influência negativa da família, escola, comunidade e igreja.

Não é possível perceber a indicação da superioridade do fator ambiental ou do espiritual na fala de Rafael. Contudo, apesar de mencionar alguns fatores ambientais, considera que eles sozinhos não são suficientemente capazes de transformar um indivíduo "normal" em homossexual. É como se os fatores ambientais – como o abuso sexual na infância ou uma experiência sexual prazerosa com uma pessoa do mesmo sexo – abrissem brecha para a atuação de espíritos malignos no corpo. Estes espíritos atuariam tanto na criação/superestimulação dos desejos que fazem parte da natureza pecaminosa da carne quanto no ambiente que o indivíduo está inserido, com a oferta de "bandejas" (no caso dele, fazendeiros com dinheiro), criando situações que favoreceriam a vazão dos seus desejos sexuais.

O modo particularmente cristão de compreender e explicar a homossexualidade encontrado no relato dos participantes deste estudo vai ao encontro do que Maranhão (2015) chama de teologia cishet-psi-spi. Para ele,

> a teologia cishet-psi-spi se fundamenta em pressupostos da cisnormatividade e da heteronormatividade, amparados em pressupostos das áreas psi e concepções

> associadas à espiritualidade. (...) O fundamento dessa teologia está, além da cis-heteronormatividade e psicologização/psiquiatrização, em relações estabelecidas com concepções de pecado, abominação, possessão demoníaca, demonização, perversão, doença e aberração, por exemplo – o que pode ser perceptível (...) em frases como "devemos amar o pecador, mas odiar o pecado", ou "venha como está, mas não permaneça como você é" e "estamos aqui pra te ajudar a sair do lamaçal / poço / inferno do homossexualismo" (Maranhão, 2015, p. 54)

A utilização do saber psicológico pelas igrejas para explicar determinados fenômenos não é um fato novo. Uma pesquisa realizada por Fonseca (2000) acerca do consumo de livros por fiéis de 24 denominações no Rio de Janeiro constatou que os livros psicológicos ocupam a segunda colocação na preferência por leitura. Para ele, essa boa colocação "aponta a existência de um processo entre as classes médias de unir fé e psicologia na busca de encontrar respostas para os problemas do dia a dia" (p. 68).

Para justificar o comportamento de "deixar" de ser homossexual, os entrevistados recorreram a todo momento a explicações psicológicas e sociais de como se tornaram homossexuais. A psicologia – ou alguns fragmentos descontextualizados dos saberes produzidos pela ciência psicológica – foram utilizados para fornecer subsídios que reforçavam a ideia de homossexualidade como desvio de uma dita normalidade sexual.

Embora em nenhum momento da entrevista tenha sido feita a pergunta "como você se tornou homossexual?", todos os entrevistados, quando incitados a falar sobre como passaram da homossexualidade para a heterossexualidade, explanavam o processo de como haviam se tornado homossexuais, ou melhor, como o meio que estavam inseridos e suas experiências de vida os levaram a se tornar gays.

O discurso de Henrique traz em seu bojo o auge da apropriação “científica” da psicologia, ao assumir que a sua homossexualidade é consequência de um desfecho mal elaborado do Complexo de Édipo. Segundo ele, por não ter a presença do pai quando criança, se apegou demasiadamente à mãe, e por isso não conseguiu abandoná-la como objeto de desejo, o que fez com que ele criasse um bloqueio sexual com mulheres.

Além do mais, ele recorre a falas de artistas da mídia nacional e até a Simone de Beauvoir para dar embasamento à sua argumentação e traduz seu pensamento na máxima “Não se nasce gay; torna-se gay”. Reforçando a todo o momento a ideia de que a homossexualidade é construída, os participantes, assim, justificam para si e para quem os indaga que é possível mudar, pois acreditam que tudo que não é biologicamente ordenado, tudo que foi processo de influência social, é passível de alteração. Como afirma Henrique “a sexualidade é construída e descontruída, tá ok? ”.

Apesar de todas as discussões e conjecturas levantadas neste trabalho, os entrevistados acreditam que deixar de ser gay foi a melhor escolha que poderiam ter realizado para suas vidas. Com exceção de Rafael, que parece manter uma postura mais radical e querer que todos passem o mesmo processo que passou, todos os entrevistados reconhecem que esta experiência foi o melhor que pôde ter acontecido para si. Não se percebeu apoio social suficiente – o que não significa necessariamente que ele não existia – para continuar mantendo a identidade homossexual. No contexto que estavam inseridos, passando por tudo que passaram, mudar de identidade sexual foi a saída mais viável encontrada; outros homossexuais poderiam encontrar outras formas de serem felizes sem recorrer a esta opção. Eles é que, dentro da sua visão de mundo e experiências não conseguiram vislumbrar outras possibilidades de ser gay e de, ao mesmo tempo, ser feliz.

Rafael, que é inflexível neste sentido, acredita que a única forma de um gay ser feliz é deixando de sê-lo. Ele toma sua experiência particular como generalizável e vai em busca dos

gays para ajudá-los a “encontrar a solução para seu problema”, convencê-los a deixar a homossexualidade até mesmo sem que eles venham até a ele pedir por ajuda. De acordo com Rafael, ele está apenas obedecendo o que a Bíblia diz: “ide e pregai. Ou seja, eu que tenho que ir, não posso esperar vim. Então eu tenho que ir até eles”.

As projeções para o futuro incluíam esposa, filhos e carreira ministerial dentro da comunidade evangélica. Junior era o único casado e com uma filha e, talvez por isto, o menos desacreditado socialmente da sua mudança. Carlos Daniel se casou na semana seguinte à coleta, Rafael estava noivo e com planos de se casar em breve e Henrique estava aberto à possibilidade, porém não em busca, visto que seu foco maior era no desenvolvimento do seu ministério.

A presença de casamento e filho na vida de uma pessoa que deixou a homossexualidade pode funcionar como uma validação da sua mudança, ou uma elevação do seu status dentro do grupo dos heterossexuais. Esposa e filhos podem diminuir a penumbra da dúvida que pairava sobre o lugar que este sujeito ocupa e colocá-lo num patamar mais avançado de reconhecimento por parte dos heterossexuais como fazendo parte dos seus. Mesmo ele já tendo se filiado ao grupo, o senso de pertencimento fica ainda mais forte quando ele é reconhecido como igual por aqueles que ele tanto deseja ser. Além do mais, como trouxemos no início da discussão, os participantes acreditam que, nas suas vidas, a felicidade só poderia acontecer através de um relacionamento heterossexual. Eles, então, escolhem subjugar os “desejos da carne” e lutar, ir atrás daquilo que acreditam.

As histórias analisadas nos permitem concluir que a homossexualidade *per si* não gera sofrimento. O sofrimento deriva da injustificada condenação à homossexualidade, ainda fortemente presente no pensamento social. Foi possível constatar que a violência praticada contra os homossexuais recebe contornos ainda mais exacerbados quando se leva em consideração o contexto religioso no qual os indivíduos estavam inseridos. Isso fica evidente

especialmente na forma implícita de controle verificado na homofobia do amor condicional, onde o modo como a violência foi perpetrada apresentou-se sobremaneira sutil que o indivíduo não conseguiu significar a violência a ele direcionada como tal. Deste modo, consideramos que o controle exercido sobre estes sujeitos, mesmo que não significado negativamente por eles, configura-se como uma das formas mais cruéis de violência contra a liberdade sexual dos indivíduos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo com pessoas que declararam ter mudado de identidade sexual proporcionou o conhecimento de mais uma parte das inúmeras possibilidades de expressão da sexualidade humana. Nossa proposta inicial era conhecer a trajetória de vida de ex-gays. Contudo, teve que ser alterada em virtude da manifestação de incômodo com o termo sentido por alguns participantes. Nesta pesquisa, "ex-gay" mostrou ser um termo que limita a experiência do sujeito a uma condição de algo que ele já foi, apagando o que ele é, e resumindo toda a sua experiência de vida meramente ao aspecto sexual, que é apenas um dentre tantos outros e que pode nem ser o mais importante.

Desta forma, ao circunscrever a existência de uma pessoa somente a uma dimensão – ou supervaloriza-la em detrimento de outras – o termo assume lugar de regulador de práticas e comportamentos e o sujeito, aprisionado, só permite-se existir a partir daquele lugar de ex-gay, tomando como referência a sua condição anterior. Por isto, optamos por evitar esta expressão e buscar compreender o indivíduo de uma forma mais abrangente, buscando ao máximo a minimização do estereótipo que recai sobre estes sujeitos. Além do mais, evidenciou-se que muito mais que um processo de reorientação sexual, os sujeitos deste estudo passaram por um processo de mudança de identidade sexual. A identificação com o comportamento, o modo de ser, viver e se relacionar heterossexual se sobrepôs ao desejo sexual nos casos analisados.

Embora o preconceito tenha sido o ponto central para guiar a nossa discussão, percebeu-se que houve participantes que relataram não sofrer preconceito, assim como aqueles que não nomearam como preconceito algumas vivências marcadas pela exclusão e discriminação. Os resultados também mostraram que a ideologia evangélico-cristã, embora manifestada em níveis mais ou menos

explícitos conforme cada relato, esteve sempre presente, como influenciadora de atitudes e comportamentos, muitas vezes sem que o próprio sujeito tomasse consciência.

Foi possível observar esta presença ideológica tanto na explicação das origens da vivência homossexual quanto no contexto que estimulou a mudança da identidade sexual. Além disso, as representações emergentes sobre o que é ser homem e o que é ser heterossexual revelaram-se diretamente relacionadas com código moral da doutrina cristã.

Uma possível limitação apresentada por este estudo é a homogeneidade religiosa da amostra, composta integralmente por cristãos evangélicos. Em nenhum momento da busca por participantes demos preferência para critérios de religião, etnia ou classe social. Inclusive, nossa busca iniciou-se no meio secular, porém, após um período de procura sem sucesso, decidimos procurar no meio religioso, onde desde o começo conjecturávamos ser mais fácil encontrar. Isso não significa necessariamente que não existam indivíduos que não passaram pelo processo de reorientação sexual fora do meio cristão, ou sem a interferência divina. Apenas significa que, no mundo secular, estes indivíduos podem não fazer questão de serem notados por este aspecto da sua vida.

Há pelo menos duas explicações para este fenômeno. A primeira delas é encontrada entre a própria fala dos entrevistados. Como dito anteriormente por Henrique, entre as igrejas cristãs, principalmente as evangélicas, desenvolveu-se ao longo dos anos um fenômeno que pode-se nomear de “cultura do testemunho”. Trata-se da supervalorização da história do indivíduo que estava em um estado considerado inferior e que passa por uma transformação, para um estado considerado superior. Quanto maior o estado de desgraça anterior e quanto maior a superação deste estado, mais o testemunho – e por consequência o indivíduo que passou por tudo isso – é valorizado. Alegoricamente falando, numa escala de zero a dez, quanto mais próximo de zero o sujeito estava (exclusivamente homossexual) e quanto mais perto de dez ele está agora (exclusivamente heterossexual), maior será seu reconhecimento,

pois tamanha mudança só acontecem naqueles que são portadores de uma grande fé. Por este motivo, o testemunho também pode se configurar como um mecanismo utilizado pelos membros da comunidade cristã para obter reconhecimento e adquirir um status diferenciado dentro do próprio grupo.

A segunda explicação para o insucesso nas buscas por sujeitos fora do meio religioso tem relação direta com a primeira. Acredita-se que não exista pressão normativa no meio secular para que se exalte uma coisa socialmente considerada negativa que a pessoa tenha sido ou vivenciado, muito pelo contrário, existe até o receio de ser estigmatizado por uma coisa que foi e não é mais: "ex-drogado, ex-bandido, ex-prostituta, ex-ladrão", tal como diz Henrique. Em outras palavras, o indivíduo não teria motivos fora do meio cristão para sentir orgulho em dizer que foi gay e que hoje não é mais, não há nenhum reforçador social para tal comportamento.

Os resultados deste estudo levam à conclusão que mesmo mudando a identidade de homossexual para heterossexual, os indivíduos continuam sob permanente olhar de vigilância social e podem continuar a sofrer preconceito sexual e continuar sendo visto como minoria. Entretanto, os dados levam a crer que, mesmo podendo sofrer exclusão ou ser estigmatizados como *ex-gays*, esta exclusão ocorre com uma frequência e intensidade bem menor quando comparado à condição anterior. Isso revela o estado em que a sociedade se encontra de não aceitação e de incompreensão daquilo que é diferente, plural, do que foge à norma.

Há de se convir que o preconceito e a discriminação direcionadas aos homossexuais não derivam exclusivamente da ignorância. Eles estão fundados, principalmente, na promoção da ordem heterossexual, que faz apologia à heterossexualidade como a única forma possível de expressão sexual, em detrimento de inúmeras outras formas de expressão da sexualidade. Diante desta realidade, um dos grandes desafios sociais é o de questionar as normas sexuais impostas objetivando que modelos hegemônicos percam cada vez mais força e que a

pluralidade sexual deixe de socialmente ser valorizada negativamente, independentemente se a pessoa é lésbica, bissexual, heterossexual, gay, ex-gay, ex-ex-gay, ex-ex-ex-gay (como no caso de Rafael), pansexual ou o que for. À pessoa humana deve ser resguardado o direito de expressar sua sexualidade sem ser discriminada ou excluída socialmente por isto, independentemente se ela acredita que nasceu assim ou se assim quer expressá-lo por escolha consciente.

Sabemos que esta desconstrução não é uma tarefa simples, visto que não é apenas o ato discriminatório isolado que se pretende combater, mas toda uma estrutura social de crenças, valores e atitudes que alimentam e reforçam esta cultura de exclusão das minorias sexuais. Não ser uma empreitada fácil, não significa, contudo, que seja impossível. Esperamos que este trabalho possa ter contribuído para lançar luz sobre esta minoria sexual tão específica – que, afinal, acaba se configurando como uma minoria dentro de uma minoria – e que através dele possam surgir outras pesquisas que auxiliem na promoção da cidadania e do respeito por todos os indivíduos independente de sua orientação sexual.

REFERÊNCIAS

Allport, G. (1979). *The nature of prejudice*. Reading, MA: Addison-Wesley. (Originalmente publicado em 1954).

Altaf, J. G, Trocolli, I. R. & Moreira, B. M. (2013). Você é o que você veste? A associação da autoidentidade do gay masculino ao vestuário de luxo. *Rev. Adm. UFSM, Santa Maria*, 6 (4), 760-782.

American Psychological Association. (2009). *Report of the APA Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation*. Recuperado de http://www.apa.org/pi/lgbt/resources/therapeutic-response.pdf

Amorim, N. (1992). *Mulher Solteira: do estigma à construção de uma nova identidade*. Maceio: EDUFAL.

Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Beckstead, A. L. (2002). Cures versus choices: Agendas in sexual reorientation therapy. *Journal of Gay and Lesbian Psychotherapy*, 5, 87-125. doi: 10.1300/J236v05n03_07

Beckstead, A. L. (2012). Can We Change Sexual Orientation? Archives of Sexual Behavior, 41, 121–134. doi: 10.1007/s10508-012-9922-x

Borrilo, D. (2013). *Homofobia. História e crítica de um preconceito.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Brasil (2016). *Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013*. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos.

Butler, J. (2016). *Problemas de gênero:* feminismo e subversão da identidade (10 nd. ed). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Calvani, C. E. (2010). *Bíblia & sexualidade – abordagem teológica, pastoral e bíblica*. São Paulo: Fonte editorial.

Carneiro, N. S. (2006). *Ser, pertencer e participar: construção da identidade homossexual, redes de apoio e construção comunitária* (Tese de doutorado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto, Porto. Recuperado de https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56666/2/88022.pdf

Carrara, S., & Ramos, S. (2005). *Política, direitos, violência e homossexualidade*. Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004. Rio de Janeiro: CEPESC.

Ceccarelli, P. R., & Franco, S. (2010). Homossexualidade: verdades e mitos. *Bagoas – estudos gays, gênero e sexualidade*, 4 (5), 119-129.

Conselho Federal de Psicologia (1999). Resolução CFP n° 001/99 de 22 de março de 1999. *Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual*. Recuperado de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf em 17 set. 2017.

Conselho Federal de Psicologia (2013). *Nota sobre o projeto da "cura gay"*. Recuperado de http://site.cfp.org.br/nota-sobre-projeto-da-cura-gay/

Costa, A. B., Bandeira, D. R. & Nardi, H. C. (2015). Avaliação do preconceito contra diversidade sexual e de gênero: construção de um instrumento. *Estudos de Psicologia*, 32(2), 163-172.

Craig, W. L. (2010). *Apologética para questões difíceis da vida*. Edições Vida Nova.

Cunha, T. R. A., & Alves, A. E. S. (2014). Educação e violência nas relações de gênero: reflexos na família, no casamento e na mulher. *Em Aberto*, 27 (92), 68-88.

Davies, D. (2012). *Terapia de Reorientação Sexual (Terapia Reparativa) e requerimentos para a ajuda na mudança de orientação sexual*. Recuperado de http://www.pinktherapy.com/portals/0/downloadables/translations/ce_port.pdf

Defendi, E. L. (2010). *Homoconjugalidade masculina, revelação e redes sociais: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado, Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Drescher, J. (2015). Can Sexual Orientation Be Changed? *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, 19 (1), 84-93, DOI: 10.1080/19359705.2014.944460

Ellens, J. H. (2011). *Sexo na Bíblia – novas considerações*. São Paulo: Fonte Editorial.

Ferreira, T. S. (2013). "NASCEMOS ASSIM!": o movimento LGBT brasileiro e o perigo da estratégia essencialista (1978-2012). *Revista Eletrônica História em Reflexão*, 7 (13), 1-20.

Fogel, G. I., Lane, F. M. & Liebert R. S. (1989). *Psicologia Masculina* – novas perspectivas psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas.

Foucault, M. (2015). *História da sexualidade 1* (2 ed). São Paulo: Paz e Terra. (Originalmente publicado em 1976)

Fonseca, A. B. (2000). Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o crescimento dos sem-religião. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, 3 (2), 63-90.

Gaskell, G. (2013). Entrevistas individuais e grupais. In M. W. BAUER, G. Gaskell, (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. (11nd ed). (pp. 64-89) Petrópolis: Vozes, 2013.

Gibbs, G. (2009). *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed.

Giorgi, A. (2012). Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. Em J. Poupart , J-P. Deslauriers , L-H. Groulx, A. Laperrère , R. Mayer & A. P. Pires (Eds.), *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (3 ed., pp. 386-409). Petrópolis: Editora Vozes.

Goldenberg, M. (2005). Dois é par: uma referência fundamental nos estudos de gênero e conjugalidade nas camadas médias urbanas brasileiras. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 15(2), 359-363.

Gomes, I. S., & Serôdio, R. G. (2014). A homofobia perspetivada à luz da abordagem da identidade social: Níveis de autodefinição identitária e atitude em relação a pessoas homossexuais. *Análise Psicológica* , 2 (32), 215-230.

Gomes, W. B. (1989). O critério metodológico da fenomenologia estrutural na análise de depoimentos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 4 (1-2), 98- 102.

Green, J. N. (2000). *Além do carnaval:* a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP.

Guimarães, A. F. P. (2009). O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual": um exercício de construção de identidades. *Temas em Psicologia*, 17 (2), 553-567.

Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*.

Henning, C. E. (2017). Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos "idosos LGBT". *Horizontes Antropológicos*, 47 (1), 283-323.

Henning, C. E. (2014). *Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado, Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.

Joffe, H. (2011). "Eu não", "o meu grupo não": Representações Sociais transcultutais da AIDS. In P. A. Guareschi, & S. Jovchelovitch (Ed.) (cap. 9). *Textos em representações sociais*. (9nd ed.). Petropólis, RJ: Vozes.

Jones, S. L., & Yarhouse, M. A. (2011). A Longitudinal Study of Attempted Religiously Mediated Sexual Orientation Change. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 37 (5), 404-427.

Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2013). Entrevista narrativa. Em M.W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem, e som. Um manual prático* (11 ed., 90-113). Petrópolis: Vozes.

Leal, I. (2004). Parentalidades. Questões de género e orientação sexual. Em A. F. Cascais (Ed.), *Indisciplinar a teoria: Estudos gays, lésbicos e queer* (pp. 215-243). Lisboa: Fenda.

Machado, M., Piccolo, F., Zucco, L., & Simões Neto, J. (2011). Homossexualidade e Igrejas Cristãs no Rio de Janeiro. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, 11(1), 75-104. doi: http://dx.doi.org/10.21724/rever.v11i1.6031

Maia, G. F., Pereira, F. C. V. &, Medrado, B. (2011). Envelhecimentos masculinos: entre vivências plurais e exigências normativas. *Sociais e Humanas*, 24 (2), 162-177.

Maranhão, E. M. A. (2015). "É prá baixar o porrete!" Notas iniciais sobre discursos punitivos/discriminatórios acerca das homossexualidades e transgeneridades. *Mandrágora*, 21 (21), 47-84.

Matias, D. (2007). Psicologia e orientação sexual: Realidades em transformação. *Análise Psicológica*, *25*(1), 149-152.

Montoya, G. J. M. (2006). Aproximación bioética a las terapias reparativas. Tratamiento para el cambio de la orientación homosexual. *Acta Bioethica*, 12 (2), 199-210.

Nascimento, A. S. (2009). "Cura" da homossexualidade: uma questão patológica ou de aceitação social?. In *XV Encontro Nacional da Abrapso* (1-7). Maceió: ABRAPSO.

Nascimento, L. (2015). Qual ideologia de gênero? A emergência de uma teoria religiosa fundamentalista e seus impactos na democracia. *Albuquerque*, 7 (13), 85-100.

Natividade, M. (2006). Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *RBCS*, 21 (61), 115-223.

Natividade, M. & Oliveira, L. (2009). “Nós acolhemos os homossexuais”: homofobia pastoral e regulação da sexualidade. *TOMO*, 14(1), 203-227.

Natividade, M. & Oliveira, L. (2013). *Novas guerras sexuais*: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil. Rio de Janeiro: Garamond.

Nunan, A. (2003). *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai.

Nunan, A., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2010). O preconceito sexual internalizado por homossexuais masculinos. *Interação em Psicologia,* 14(2), 255-262. doi:http://dx.doi.org/10.5380/psi.v14i2.12212

Pereira, M. E. (2002). *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: EPU.

Pinho, R. & Pulcino, R. (2016). Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTT. Educação e Pesquisa, Epub January 26. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022016148298

Pires A. P. (2012). Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. EM J Poupart , J-P Deslauriers , L-H Groulx, A Laperrère , R Mayer & A. P. Pires (Eds.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (3 ed., pp. 154-211) Petrópolis: Editora Vozes.

Proença, J. H. (2008). *Homossexualidade – perspectivas cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial.

Ribas-Jr, R. C., Moura, M. S. L. &, Hutz, C. S. (2004). Adaptação brasileira da Escaa de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne. *Avaliação Psicológica*, 3(2), 83-92.

Ribeiro, A. S. M. (2005). *Os homossexuais em busca de visibilidade social* (Tese de doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, DF.

Richards, J. (1995) *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Saggese, G. S. R. (2009). *Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no* coming out *de homens homossexuais* (Tese de doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Santos, I. O. (2017). *Figurações da homossexualidade e da homoafetividade em King & King e Orações para Bobby*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-08022017-103801/

Santos, V. S. (2003). Uma perspectiva cristã sobre a homossexualidade. *Fides Reformata*, 8 (1), 99-132.

Silva, K. S. & Pereira, F. V. M. (2010). Do Estilo de Vida Gay: Um não à Identidade Sexual em Michel Foucault. *Ensaios Filosóficos*, 1(2), 1-13.

Silva, L. V. & Barbosa, B. R. S. N. (2015). Entre cristianismo, laicidade e estado: As construções do conceito de homossexualidade no Brasil. *Mandrágora*, 21(2), 67-88. DOI: http://dx.doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v21n2p67-88

Silva, O. R. M., & Menandro, M. C. S. (2016). "Lavado e remido pelo sangue do cordeiro": Fundamentalismo cristão e a ideologia ex-gay pela ótica da psicologia. In *4º Seminário De Educação E Sexualidades E 2º Encontro Internacional De Estudos De Gênero* (1-16). Vitória, ES/Brasil: GEPS.

Silva. G. S. (2000). Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia Ciência e Profissão, Brasília*, 20 (3), 8-15.

Souza, E. R. (2005). Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência & saúde coletiva*, 10 (1), 59-70.

Spitzer, R. L. (2003). Can some gay men and lesbians change their sexual orientation? 200 subjects reporting a change from homosexual to heterosexual orientation. *Archives of Sexual Behavior*, 32, 403–417.

Stoot, J. (1993). *Grandes questões sobre o sexo*. Niterói: Vinde Comunicações.

Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte. (Originalmente publicado em 1981).

Teixeira-Filho, F. S., & Rondini, C. A. (2012). Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade*, 21(3), 651-667. doi: https://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902012000300011

Throckmorton, W. (2002). Initial Empirical and Clinical Findings Concerning the Change Process for Ex-Gays. *Professional Psychology: Research and Practice*, 33 (3), 242–248.

Trindade Mesquita, D., & Perucchi, J. (2016). Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 105-114.

Trindade, Z. A., & Nascimento, A. R. A. (2004). O homossexual e a homofobia na construção da masculinidade hegemônica. In L. Souza, & Z. A. Trindade. (Ed.). *Violência e Exclusão: convivendo com paradoxos* (pp. 146-162). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Trindade, Z. A.; Menandro, M. C. S., & Gianórdoli-Nascimento, I. F. (2007). Organização e Interpretação de Entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva fenomenológica. Em M. M. P. Rodrigues & P. R. M. Menandro (Orgs.), *Lógicas Metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia* (pp. 71-92). Vitória: GM Gráfica Editora.

Viula, S. (2010). *Em busca de mim mesmo*. São Paulo: Livre Expressão.

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO

> "O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa" (Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde).

1 – Identificação do Responsável pela execução da pesquisa:

Título: A trajetória de vida de ex-gays
Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Pesquisador Responsável: Maria Cristina Smith Menandro (orientadora) Odacyr Roberth Moura da Silva (mestrando)
Contato com pesquisador responsável: Endereço institucional: Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo. Av. Fernando Ferrari, n. 514, Goiabeiras, Vitória, ES. CEP 29075-910. Telefone para contato: (27) 4009-2501 ou (27) 3145-4576 E-mail: cristinasmithmenandro@gmail.com odacyrroberth@gmail.com

2 – Informações ao participante

1) Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada ***A trajetória de vida de ex-gays*** da área de Ciências Humanas.
2) A pesquisa terá como objetivos conhecer a trajetória de vida de indivíduos que se declaram ex-gays e analisar fatores desencadeantes e consequências da descoberta e mudança da homossexualidade.
3) Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações que informam sobre o procedimento:
   3.1) O entrevistador lhe fará algumas perguntas. Ao respondê-las, é muito importante que suas respostas sejam sinceras. Caso alguma pergunta lhe provoque constrangimento, você não precisará responder. Peça ao entrevistador para passar para a próxima pergunta. Durante a entrevista, o entrevistador registrará eletronicamente por meio de um gravador de voz digital suas contribuições. Você tem o direito de recusar-se a participar da

pesquisa em qualquer momento durante a entrevista, podendo até mesmo, solicitar que seja deletado o registro feito até o momento.

3.2) Sua participação será apenas de fornecer as resposta às perguntas. O tempo previsto para a entrevista é de sessenta minutos, não havendo limite mínimo ou máximo para a elaboração das respostas. A entrevista pode ser realizada nas dependências de sua residência ou um outro local conforme a sua escolha, desde que seja tranquilo e resguarde seu sigilo.

4) Durante sua participação, você poderá recusar responder a qualquer pergunta ou participar de procedimento (s) que por ventura lhe causar (em) algum constrangimento.
5) Você poderá se recusar a participar da pesquisa ou poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.
6) A sua participação na pesquisa será como voluntário, não recebendo nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza. Entretanto, lhe serão garantidos todos os cuidados necessários a sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico.
7) Não são previstos gastos ou danos físicos ou psicológicos durante sua participação na pesquisa, ainda que algum incômodo possa emergir durante a realização das atividades em grupo. Isso porque você pode vir a se lembrar de fatos desagradáveis. . No caso de eventuais danos não previstos, nós disponibilizaremos assistência imediata e integral, sendo realizados encaminhamentos para acompanhamento profissional.
8) Prevêem-se como benefícios da realização dessa pesquisa o conhecimento *acerca da mudança de orientação sexual, tão estigmatizada por ser pouco discutida entre comunidade científica e a sociedade.*
9) Serão garantidos o anonimato e privacidade aos participantes, assegurando-lhes o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo. Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes.
10) Os resultados obtidos com a pesquisa serão apresentados em eventos ou publicações científicas por meio de resumos, artigos e Dissertação de Mestrado.
11) Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFES/Campus Goiabeiras, localizado na Sala 07 do Prédio Administrativo do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Campus Universitário de Goiabeiras/UFES, Av. Fernando Ferrari, 514, Vitória - ES,29075-910. Tel: (27) 3145-9820. Uma segunda via deste documento será entregue a você.

Eu, _____ confirmo ter sido informado e esclarecido sobre o conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu livre consentimento.

_____, _____de _____de 2016.

Assinatura do participante:_____

Assinatura do pesquisador responsável:_____

APÊNDICE B – INSTRUMENTO

Parte 1 – Entrevista narrativa

Interessa saber mais sobre sua história. Gostaria que você me contasse, de forma bem livre como aconteceu o seu processo de reorientação sexual, como você passou da condição de homossexual para a condição de heterossexual. Você pode contar tudo que você lembrar e quiser, sem se importar com o tempo. Eu não vou interrompê-lo em momento algum, até que você tenha acabado. No final, quando você terminar, se houver alguma dúvida, eu vou lhe fazer algumas perguntas. Pode ficar à vontade e me contar como se tivesse contando uma história mesmo, um filme ou uma novela. Tudo bem? Pode começar.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Parte 2 – Roteiro semiestruturado de entrevista

1) Fale um pouco como foi sua infância

- Descrição do ambiente e contexto em que vivia
- Família (como era composta, como era o relacionamento entre eles e com você)
- Escola
- Acontecimentos mais marcantes de sua infância,
- Atividades diárias (ambientes frequentados, programas realizados, rotina)
- Brincadeiras com amigos,
- O que queria ser quando crescesse.
- Relacionamentos sociais
- Quais sentimentos mais lhe ocorriam no cotidiano

2) Fale um pouco como foi sua adolescência

- Família
- Escola
- Acontecimentos mais marcantes de sua adolescência.
- Atividades diárias,
- Sociabilidade (amigos, parentes, pessoas da comunidade, religiosidade, grupos, etc.)
- Primeiras descobertas sexuais (como foi, foram compartilhadas com alguma pessoa)
- Relacionamentos afetivos
- Sentimentos pessoais
- Relate situações de preconceito

3) Fale um pouco sobre sua vida adulta

- Família
- Estudos
- Trabalhos
- Sociabilidade (amigos, parentes, pessoas da comunidade, religiosidade, grupos, etc.)
- Realizou o sonho de ser..... quando crescesse?

4) Você já vivenciou preconceito e discriminação em relação a sua orientação e reorientação sexual? Se sim, poderia relatar?

5) De forma geral, avalie como você considerava sua sexualidade antes e como a considera atualmente.

ANTES DA REORIENTAÇÃO SEXUAL

Escala de Kinsey		
	0	Exclusivamente heterossexual
	1	Predominantemente heterossexual, apenas ocasionalmente homossexual
	2	Predominantemente heterossexual, embora homossexual com frequência
	3	Igualmente heterossexual e homossexual
	4	Predominantemente homossexual, embora heterossexual com frequência
	5	Predominantemente homossexual, apenas ocasionalmente heterossexual
	6	Exclusivamente homossexual
	X	Assexual

DEPOIS DA REORIENTAÇÃO SEXUAL

Escala de Kinsey		
	0	Exclusivamente heterossexual
	1	Predominantemente heterossexual, apenas ocasionalmente homossexual
	2	Predominantemente heterossexual, embora homossexual com frequência
	3	Igualmente heterossexual e homossexual
	4	Predominantemente homossexual, embora heterossexual com frequência
	5	Predominantemente homossexual, apenas ocasionalmente heterossexual
	6	Exclusivamente homossexual
	X	Assexual

6) Como você se vê daqui a 5 anos? Onde você está, o que sente, quem está com você?

7) Conhece alguém que fez algum tipo de terapia de reorientação sexual? Teve sucesso? Qual a sua opinião sobre este tipo de terapia?

8) Se você estivesse em um lugar, um programa de televisão por exemplo, onde você pudesse mandar uma mensagem para todas as pessoas do Brasil a partir da situação que você viveu, o que você diria à elas?

9) E se você pudesse falar para os homossexuais, que mensagem você mandaria?

10) Para resguardar seu anonimato, nós vamos utilizar um nome fictício para retratar a sua história. De que nome você gostaria de ser chamado? _____

11) Gostaria de falar alguma coisa que eu não te perguntei, ou reforçar alguma coisa que você já disse?

Parte 3 – Dados sociodemográficos

1 – Idade _____

2 - Escolaridade

( ) Sem escolaridade / Fundamental incompleto

( ) Fundamental Completo / Ginasial incomp.

( ) Ginasial completo / Ens. Médio incompleto

( ) Ens. médio completo / Superior incompleto

( ) Sup. completo / Pós-graduação incompleta

( ) Pós-graduação completa

3 – Autoclassificação socioeconômica

( ) Classe alta
( ) Classe média-alta
( ) Classe média
( ) Classe média-baixa
( ) Classe baixa

4 – Autoclassificação de cor/etnia
( ) branco
( ) pardo
( ) preto
( ) amarelo
( ) indígena

5 – Cidade onde nasceu _____

6 – Cidade onde reside atualmente _____

7 – Estado Civil
( ) solteiro
( ) casado
( ) viúvo
( ) outro: _____

8 – Possui filhos? _____. Quantos? _____

9 – Com relação à sua religião/doutrina/crença, você se considera:

( ) ateu/agnóstico
( ) cristão/evangélico
( ) cristão/católico
( ) religiões de matriz africana
( ) outra: _____

10 – Com que frequência participa dos rituais da sua religião?

( ) 3 vezes por semana ou mais
( ) 1-2 vezes por semana
( ) 1-3 vezes por mês
( ) 5-11 vezes por ano
( ) 1-4 vezes por ano